



O Presidente da República passando revista à guarda de honra antes da partida para Bissau, poucos minutos antes das 8 horas

BISSAU EM FESTA RECEBE EANES

O Presidente da República e a sua comitiva, constituída por 50 pessoas, partiram às 8 e 55 para a Guiné-Bissau, onde chega às 15 e 30, hora local, dando assim início a uma missão de importante significado histórico. É a primeira vez que o Chefe de Estado português visita oficialmente uma antiga

colónia. No caso da Guiné-Bissau o facto assume particular relevo porque as relações entre os dois países, vencidas todas as sequelas do colonialismo, são neste momento marcadas por um profundo espírito de amizade e cooperação.

Essa tónica marcou as pala-

bras que o Presidente Ramalho Eanes dirigiu aos órgãos de Comunicação Social, momentos antes da partida.

Começando por sublinhar que esta viagem corresponde a «uma missão essencial para a política do Estado português», e por se

referir à importância das trocas comerciais entre os dois países, em que Portugal é o principal fornecedor e o principal cliente, o general Ramalho Eanes acentuou que apesar de a cooperação entre os dois países apre-

Continua na pág. 7

Crónica do enviado especial do "DL" na pág. 7

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

Um artigo sobre o Vietname («Quando trabalhava para a paz enfrenta uma nova guerra») e outro sobre o Irão («Um terramoto político com repercussão mundial») constituem os principais temas do «Exclusivo» de hoje que inclui, também, dois temas a propósito da Conferência Episcopal de Puebla: «A Igreja e a pobreza na América Latina» e «Cristianismo e Marxismo». O nosso suplemento dedicado à vida internacional insere ainda textos sobre o Chile, Argélia, Checoslováquia, etc.

EXCLUSIVO

VIETNAME ENFRENTA
UMA NOVA GUERRA

A REVOLUÇÃO DO IRA
Um terramoto político
de repercussão mundial



Esta manhã na Portela: o abraço dos dois secretários-gerais

CORVALÁN EM LISBOA COM NOTÍCIAS DO CHILE

Três frentes contra Pinochet

Em breves declarações à chegada esta manhã a Lisboa, Luis Corvalán, secretário-geral do PCP do Chile, referiu a «felicidade» que sentia por pisar terra portuguesa e, interrogado sobre a actual situação no seu país, afirmou que «o repúdio do povo pela ditadura está generalizado» e a luta contra a tirania fortalece-se nas suas três frentes: a clandestina, a semiclandestina e aquela que é feita às claras. O político chileno, exilado neste momento em Moscovo, salientou particularmente as grandes manifestações ocorridas no Primeiro de Maio do ano passado, em que milhares de pessoas saíram à rua, apesar da proibição ibérica de Pinochet. Aguardavam Corvalán à sua chegada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP e Dias Lourenço, do Comité Central do mesmo partido.

Pág. 24

Combates prosseguem no Vietname

Pág. 15

NA PÓVOA DE SANTA IRIA

CP e GNR

“libertaram”

Linha do Norte

cortada esta manhã por populares

A CP desbloqueou, às 11 e 30 horas da manhã, a linha do Norte, que populares tinham «cortado», obstruindo-a com viga-

gas, na Póvoa e Santa Iria. O corte fora feito às 6 e 30. A GNR de Loures, presente junto da estação, chegou a disparar para o ar para dispersar a poluição ali concentrada.

Pág. 24



NO ANIVERSÁRIO O “DL” OFERECE NUMEROSOS PRÉMIOS

Dentro de dias, o «Diário de Lisboa» lança um concurso destinado aos seus leitores. A sua intenção não é aumentar a circulação do jornal promovendo artificialmente a sua leitura durante uns dias, ou de fortalecer o apoio de quantos acompanham, desde 1921, a vida de um órgão de informação que se preza de ter mantido, ao longo dos anos, uma política de informação coerente e independente. Tivesse o «Diário de Lisboa» essas intenções e ninguém lhe poderia levar a mal. Seria legítimo organizar um concurso, num momento em que luta com dificuldades e em que precisa, mais do que nunca, do apoio dos seus leitores. Ninguém ignora, efectivamente, que o «Diário de Lisboa» apesar de uma gestão equilibrada, e da sua viabilidade económica, se encontra numa situação financeira delicada causada por uma decisão governamental que não atendeu ao papel que este jornal desempenhou e desempenha na vida portuguesa desde a sua fundação.

Todavia só os ingénuos poderão pensar que os homens do «Diário de Lisboa» admitem a hipótese de sair dessa situação recorrendo a concursos.

A ideia é outra e os objectivos que presidiram ao lançamento do novo concurso do «Diário de Lisboa» também são outros: O que se pretende é, muito simplesmente, chamar a atenção dos leitores do jornal para os grandes acontecimentos que já pertencem à História e que tiveram lugar nos últimos cinquenta e oito anos e, subsidiariamente, para o papel que o «Diário de Lisboa» desempenhou na informação portuguesa durante esse período.

Como não podia deixar de ser, o concurso que o

Continua na pág. 2

post-scriptum

O incrível aconteceu

O incrível aconteceu e pensamos que devemos dar-lhe notoriedade para evitar futuros actos de deslealade baixa no estrangeiro.

Contaremos brevemente o acontecido. No ano passado esteve em Portugal madame Herbinère Lebert, uma senhora francesa que foi inspector-geral e uma das fundadoras da OMEP (Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar) e nessa qualidade deu quase a volta ao Mundo. Visitando os Jardins-Escolas João de Deus, escreveu umas palavras numa revista francesa editada por Fernand Nathan, «L'Edu-cation Enfantine».

O artigo era simples e sincero, falava duma iniciativa honesta e representativa que, em Portugal, se processa desde a I República. Falava de jardins-escolas, da preparação de educadoras (por engano traz a duração de dois anos para este curso, quando na realidade tem três), de reciclagem para manter o nível cultural e assegurar a actualização das alunas, e sobretudo, da política de ligação com o mundo através da OMEP.

Pois o incrível aconteceu... Uma senhora que assina Amélia Parola, incomodada não sabemos porquê, escreveu uma carta a procurar desacreditar o Método João de Deus, numa argumentação oca, que só ilude quem não conheça tecnicamente o problema da segunda infância e que, pelas afirmações falsas, atesta um completo e total desconhecimento do que é o Método João de Deus.

Diz esta senhora: «A revolução pedagógica data do 25 de Abril de 1974. Tentamos pôr de pé uma verdadeira política pré-escolar nacional».

Decorridos quase cinco anos, onde está a obra realizada que ninguém vê, quais os estabelecimentos em que ela se processa?

Quem é a senhora D. Amélia Parola? Muitogostariamos de que nos fosse fornecida qualquer indicação sobre esta senhora para tentarmos explicar-lhe o que é o Método João de Deus e o que é, também, o respeito pelo trabalho honesto do próximo. Mas esta senhora a quem apetece cantar, adaptando-a ao seu nome, uma música conhecida «parole, parole, parole...» ou «words, words», como diria Shakespeare, parece que sabe melhor destruir do que construir.

Depois do 25 de Abril, e enquanto não vemos a tal «obra nacional pré-escolar», construímos dois jardins-escolas, um em Olivais Sul, outro em Santo Tirso, estando em adiantada fase de construção mais um em Coimbra, cidade onde os pais têm tido que ir às três e quatro horas da madrugada formar longas filas para conseguirem matricular os filhos no único Jardim-Escola João de Deus que aí funciona.

Manter 25 jardins-escolas em funcionamento com uma população escolar de 3471 e um dispêndio orçamentado para o próximo ano de 53 089 000\$00, verba que será sem dúvida excedida, não é tarefa fácil. Avaliará esta senhora o imenso esforço que isto representa?

No fim dessa luta árdua, duma isenção que exclui todo o interesse pessoal, ver a obra, uma obra real e nacional, desacreditada no estrangeiro por uma compatriota, excede tudo quanto poderíamos esperar!... Se lêsemos numa revista estrangeira um artigo sobre a «obra» da senhora D. Amélia Parola sentiríamos um natural orgulho português, alguma coisa se ia tentando fazer neste canto à beira-mar plantado e... acima de tudo, não devemos esquecer que todos somos poucos para resolver o problema da criança e da educação do nosso povo.

Terminaremos dizendo que ficamos ao dispor desta senhora ou dos colaboradores da obra de «renascença pedagógica» que anuncia para discutir, face a face, o que é o método João de Deus e o problema da educação da segunda infância e da educação pré-escolar.

Associação de Jardins-Escolas João de Deus - LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contate a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

CA da RDP admite "intervenção" nos noticiários

● Prevista dispensa de pessoal

«A RDP não dispõe neste momento de meios para pagar os 44 mil contos que totalizam os ordenados de Fevereiro dos seus trabalhadores» - revelou ontem a Comissão Administrativa desta empresa pública, no decurso de uma conferência de imprensa.

Tornando públicos os números constantes de um relatório já entregue ao ministro da Comunicação Social, os responsáveis da gestão da RDP disseram dever ela a terceiros cerca de um milhão e 600 mil contos, sendo necessário amortizar, em 1979, pelo menos, 290 mil contos dessa dívida.

Para além disso, os encargos previstos para o ano em curso ascendem a um milhão e 520 mil contos, para fazer frente aos quais a estação apenas deveria contar com «600 mil contos», montante previsto de receitas cobráveis através da publicidade (100 mil) e das taxas de «Rádio».

Em conclusão, anunciaram os administradores estar estimado em 1 milhão e 200 mil contos o défice da RDP a suportar pelo Estado em 1979.

A Comissão Administrativa enumerou os sectores por que se dividem os seus trabalhadores, orçando os encargos com eles, em 1979, em cerca de 700 mil

contos, «se não houver aumentos salariais».

Traçado o quadro da situação da empresa, que rotulou de «extremamente complexa e grave», a Comissão Administrativa enunciou alguns objectivos pontuais que pretende atingir.

Entre eles avultam o da «imediata reestruturação da empresa», com elaboração de novos mapas de programas e passando necessariamente pela dispensa de pessoal «sem prejuízo das suas remunerações».

A mesma iniciativa terá de ser tomada no âmbito do sector administrativo e financeiro, com vista a uma correcta gestão.

Os promotores da conferência de imprensa manifestaram ainda o intuito de solicitar apoio financeiro à Secretaria de Estado da Cultura e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, tendo neste último caso em conta os custos das emissões em onda curta destinadas aos emigrantes.

Prontificando-se a responder a perguntas dos jornalistas, Humberto Lopes, presidente da Comissão Administrativa, declarou-se consciente de que a RDP presta um serviço público que implica «um custo social», mas reiterou a sua convicção de que este, no montante que tem

alcançado, é «francamente excessivo».

Nesse período de perguntas e respostas, falou-se na eventual prática de censura interna sobre o noticiário da estação.

Humberto Lopes desmentiu essa acusação que de diversos sectores vem sendo formulada, mas reconheceu não pretender confinar-se a um papel passivo relativamente à Informação que a RDP veicula.

«A Administração intervirá, nesse âmbito, sempre que seja oportuno para a salvaguarda dos interesses nacionais» - disse.

"Diário Popular" penas suspensas para dois jornalistas

Dois jornalistas do «Diário Popular» foram condenados, com penas suspensas, a seis e três meses de prisão remíveis a multa, devido a uma notícia publicada naquela jornal considerada ofensiva para Armando Baccelar, ex-ministro dos Assuntos Sociais.

Os jornalistas em causa, o director adjunto Abel Pereira e o redactor Rocha Pato, vão recorrer da sentença, proferida por uma tribunal de Lisboa, que também condena cada um deles ao pagamento de 50 mil escudos de multa e a uma indemnização de 5 mil escudos ao ofendido.

Na notícia em causa eram transcritas declarações dos representantes policlínicos que durante algum tempo estiveram em litígio com o Ministério dos Assuntos Sociais.

Afirmavam terem sido despedidos por Armando Baccelar todos os 600 policlínicos em causa, com excepção de uma médica, nas mesmas condições dos restantes, mas que era filha do dentista do então ministro.

Durante o julgamento, a defesa recorreu essencialmente aos depoimentos dos referidos policlínicos, que garantiram ao tribunal que o «Diário Popular» tinha reproduzido com total exactidão as afirmações que fizera. A defesa e o delegado do Minis-

As crianças (luminosas) fizeram "Le Soir"...

O jornal de Bruxelas, de larga tiragem, «Le Soir» confiou, na segunda-feira passada, uma das suas páginas a uma centena de crianças de 10 a 15 anos.

A iniciativa integra-se no «Ano Internacional da Criança».

As crianças precisaram de 15 dias de preparação, para redigirem, comporem e imprimirem os seus artigos e fotografias.

Entre os assuntos abordados pelas crianças, destacam-se a política internacional, «ideia europeia», o modo de viver no campo e a nefasta influência do tabaco para o meio-ambiente.

Conselho de Imprensa defende "sigilo profissional" dos jornalistas

O Conselho de Imprensa (CI) considerou que, face ao direito dos jornalistas ao sigilo profissional, «estes não poderão ser responsabilizados quando obtinham de pessoas ligadas ao segredo profissional informações que violem aquele segredo ou destas se aproveitem».

A doutrina expressa integra-se num parecer elaborado pelo Conselho de Imprensa na sequência de um pedido de informação formulado pelo Serviço do Provedor de Justiça relativamente à «regulamentação da

publicação na Imprensa de notícias que comportem imputações e referências feitas a arguidos ainda não condenados».

O CI entende também que o sigilo profissional abrange as empresas jornalísticas, «pelo que estas não podem ser forçadas a fornecer elementos documentais que lhe sejam solicitados pelas autoridades, o que não significa que o não possam fazer quando, através da Direcção e do Conselho de Redacção, decidam que o interesse público o justifica».

"Lisboa Popular" — como?

«Lisboa Popular» - esta a denominação de um novo jornal a sair brevemente em Lisboa, sob a direcção do jornalista madeirense Amândio Rodrigues.

Trata-se de um periódico, na rua ao meio-dia, «essencialmente informativo e sem qualquer vinculação político-partidária», propriedade da Prentilar, sociedade constituída a 2 de Fevereiro e da qual é gerente o advogado Manuel Filipe Teixeira.

Esta a notícia. Agora - uma chamada de atenção ao Conselho de Imprensa: não faz sentido que misturando palavras de dois títulos sobejamente conhecidos («Diário de Lisboa» e «Diário POPULAR»), venha para a rua um jornal disso tirando lucro, e obviamente prejudicando os «veteranos» que há muito já se instalaram na atenção dos leitores... Atenção, pois, CI.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1979, pelo período de: ☐ 3 meses (565\$00) ☐ 6 meses (1130\$00)

NOME _____

MORADA _____

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

Juntar cheque ou vale do correio e enviar para:

Diário de Lisboa Rua Luz Soriano, 44 1200 LISBOA

O «Diário de Lisboa» é um vespertino de expansão nacional. A nossa distribuição cobre, com elevado grau de penetração e de eficácia, grande parte do País, mas o jornal não chega a muitos pontos do interior no mesmo dia, não atinge todos os núcleos populacionais onde residem potenciais leitores.

Além da notícia do dia, da informação relativa aos acontecimentos, o «Diário de Lisboa» insere matérias cujo interesse de leitura ultrapassa largamente as 24 horas que condicionam a periodicidade da publicação, que tem além do interesse informativo, um interesse formativo, educativo e cultural.

Decidimos, para ir ao encontro dos leitores, principalmente daqueles que residem fora de Lisboa, manter até ao fim do ano, os preços de assinatura do «Diário de Lisboa».

Esta decisão, de manter o preço do jornal nas assinaturas por três e seis meses, facilitará, também, formas de apoio ao «Diário de Lisboa», como, por exemplo, a subscrição de assinaturas a favor de familiares e de amigos residentes fora de Lisboa.

CONCURSO DL

(Continuação da pag. 1)

«DL» vai lançar por ocasião do seu 58.º aniversário, prevê, a final, a concessão de prémios.

Todos os concursos têm prémios e o «Diário de Lisboa» não vê que haja motivo para alterar esta tradição. O que podemos afirmar é que os prémios serão aliciantes e que todos eles foram cuidadosamente estudados em função da sua qualidade e do prestígio das respectivas marcas. Os prémios serão presentes que, por motivo do seu aniversário, o jornal oferece aos leitores. Sem desejarmos, de forma alguma, exagerar ou criar à volta do «Concurso DL» uma campanha publicitária sobrecarregada de «slogans» e de afirmações que os eventos posteriores não justifiquem podemos garantir, desde já, que tanto os moldes do concurso como os seus prémios vão interessar todos os leitores do «Diário de Lisboa» e que este não poupará esforços para que a sua nova iniciativa seja um êxito.

O concurso, cuja organização está praticamente completa, será lançado como uma primeira comemoração do aniversário do jornal e podemos afirmar, desde já, que os nossos leitores terão interesse em seguir as notícias que vamos dar, a partir de hoje, sobre esta nova iniciativa do «Diário de Lisboa».

PASSAGENS

AVIAO COMBOIO

BARCO PULLMAN

Preços das companhias

consulte-nos

agência abreu

LISBOA - Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341

ponto a ponto



Termina hoje em todo o País o período de afixação dos cadernos de recenseamento. Recorde-se que das decisões das reclamações dadas pelas comissões recenseadoras se pode recorrer, nos cinco dias seguintes à afixação da decisão, para o juiz de direito da comarca respectiva que decidirá definitivamente. Durante o período de recenseamento, que terminou no passado dia 27 de Janeiro, inscreveram-se nos cadernos eleitorais cerca de 7 milhões de cidadãos.

Vitor Alves, presidente da comissão organizadora das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas é esperado em Macau, no sábado, a fim de tratar, com as autoridades locais, de assuntos relacionados com as festividades a realizar naquela data.



O Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio de Belém, o embaixador de Portugal em Moçambique, António Vaz Pereira, o representante militar nacional de Portugal no SHAPE, coronel Vasco Rocha Vieira, e o general Melo Egídio, governador de Macau.



Segundo notícias provenientes de Madrid, o Kuwait tenciona instalar a sua embaixada em Portugal até ao fim de Abril. Aquele país é o segundo exportador mundial de petróleo e importa predominantemente equipamento de transporte, produtos manufacturados e alimentares.



O Primeiro-Ministro, Mota Pinto, teve ontem uma reunião de trabalho com o eng. Guimarães Lobato, nomeado superintendente para a coordenação de acções a empreender nas áreas afectadas pelos temporais. Participaram ainda na reunião alguns secretários de Estado da Presidência do Conselho e dos Ministérios das Finanças, Agricultura e Pescas, Indústria e Tecnologia, Transportes e Comunicações e Habitação e Obras Públicas, os quais constituirão um grupo, igualmente integrado por um oficial general da arma de engenharia, que coadjuvará o superintendente nas acções urgentes a planear e executar.

PORTUGAL E A "NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL" (I)

SILVA FALCÃO

Recentes afirmações de Aristides Pereira vieram trazer para primeiro plano (nem seriam necessárias para o efeito tais afirmações) a realidade que é já, a nova ordem económica internacional que não pode deixar de interessar ao nosso País, sujeito que está a padrões de subordinação ao imperialismo.

Os últimos tempos mostram que os povos querem (e podem) tomar sob as suas mãos os seus próprios destinos ao destruírem por forma progressiva, as amarras que os ligavam ao domínio das nações poderosas, sob a capa de assistência. Diz Daniel Collard, «A hora já não é de assistência nem de caridade». As sucessivas declarações de independência, que puseram em xeque todo o mundo de infame colonização, vieram a criar um novo poder político, insuficiente e sem garantias de continuidade, se não for acompanhado de medidas tendentes a um indispensável poder económico. As nações, como os homens, não são autenticamente livres se não dispuserem de uma mínima capacidade económica.

Acontecimento importante, um marco histórico, foi a Conferência Afro-Asiática realizada em Bandung de 18 a 24 de Abril de 1955, ponto de partida institucional, para a emancipação dos Estados pobres do Terceiro Mundo. Conforme Richard Wright, autor da obra-prima da literatura que é «O Filho Nativo», tratou-se do reagrupamento dos desprezados, insultados, despojados e oprimidos da raça humana. Um bilião de homens que decidiram assumir a sua condição humana.

Também importante se revelou a célebre Resolução de 1514 da ONU, de 14 de Dezembro de 1960, designada por «Declaração sobre a concessão de independência aos povos coloniais»

ou por Declaração Krutchev. Colocada no mesmo plano que a Carta de 1945 e que a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, a referida resolução reconhece no essencial que a libertação dos homens é irresistível e irreversível e que o colonialismo entrava o desenvolvimento do Mundo nos domínios social, económico e cultural. Ao mesmo tempo dá-se a entrada na ONU de 16 novos Estados, dos quais 15 são africanos, sendo assim afectada a composição da Assembleia Geral da ONU: ela não mais será dominada por uma maioria automaticamente pró-Occidental.

Finalmente, em 1933, o «Bundung político de 1955» é completado pelo «Bundung económico». Em 16 de Outubro desse ano os Estados árabes produtores de petróleo, reunidos em Koweit decidiram o aumento brutal dos seus preços de cerca de 70%. Um barril passou de 3,02 a 5,12 dólares. Em 23 de Dezembro do mesmo ano, nova subida de preços foi acordada em Teerão, de 5,12 a 11,6 dólares. No total, uma quadruplicação dos preços. O domínio ocidental, assente na força económica, encontra neste mesmo terreno económico os motivos da forte oposição que lhe é movida. Uma nova era está à vista, a era da emancipação dos povos.

A «Nova Ordem Económica Internacional» fizera a sua aparição contida em três textos fundamentais:

- a Declaração relativa à instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional;
- o Programa de acção relativo à instalação de uma NOEI;
- a Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados.

«A nova ordem económica

face a uma política de desenvolvimento internacional», Editorial Estampa 1978.

Conforme Jorge Pereira de Almeida autor da obra que esteve na base do presente artigo, trata-se de uma Ordem concebida por e para os povos em vias de desenvolvimento: o actual sistema económico, elaborado para satisfazer as exigências dos países de economia de mercado deve dar lugar a uma situação que esteja à altura e na medida dos países subdesenvolvidos, isto é, fundada na contestação, na reivindicação da equidade e no pleno domínio das respectivas potencialidades nacionais.

Dominado por profunda crise económica, que o problema do petróleo apenas agravou, já que tal crise é apenas mais uma crise estrutural (a derradeira?) do capitalismo, devida à sobreacumulação de capitais prevista por Marx, dominado o mundo ocidental, a viver um período de estertor teve que aceitar em 1 de Maio de 1974 a declaração seguinte:

«Nós, membros das Nações Unidas, conscientes do espírito, das finalidades e dos princípios da Carta da ONU que são os de favorecer o progresso económico e social de todos os povos, proclamamos solenemente a nossa determinação comum a trabalhar urgentemente para a instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional.»

Na sequência desta declaração a emancipação dos povos avançou mais passos, passos decisivos: a Convenção de Lomé de 28 de Fevereiro de 1975; a criação em Roma do Fundo Internacional do Desenvolvimento Agrícola (FIDA), em 1976; a Con-

ferência Sobre o Direito do Mar, em Dezembro de 1975, a Conferência de Paris sobre a Cooperação Económica Internacional, vulgarmente conhecida por Conferência Norte-Sul.

E agora, Portugal? Que rota seguir no futuro que não seja, a de aderir entusiasticamente a esta Nova Ordem?

Como se sabe, esteve o País subjugado nos tempos do fascismo a ideias aburridas e reacções a ideias aburridas e de defesa do princípio do «orgulhosamente sós», com o criminoso afastamento das práticas desenvolvimentistas adaptadas pelos países europeus. Portugal esteve deslocado no espaço e no tempo. Os relógios pararam: o obscurantismo era moeda corrente em todos os domínios. Os aspectos financeiros da gestão estatal constituíam um dogma, quando nos Estados como nas empresas é o lado económico, que é decisivo e fundamental. Em vigor nos meados do século, os princípios dos orçamentos económicos, a não solução dos problemas económicos era a norma deste País, gerido quase como uma mercearia de aldeia.

Não pode o País voltar a perder o comboio do Progresso vindo a sacrificar o futuro das gerações vindouras. Teremos que alinhar numa nova ordem, prenda de justiça e fraternidade. Mas os obstáculos internos virão a fazer a sua aparição. Pensa-se no facto seguinte: a Declaração dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados foi aprovada por 120 dos 136 Estados membros da ONU; os 16 Estados que não aprovaram o texto são em conjunto membros da OCDE. Para bom entendedor...

"HOLOCAUSTO" E A ALEMANHA

JOSEPH ROVAN

Em breve parecerá incrível, já hoje o parece, que tenha sido possível hesitar, tanto em França como na Alemanha, em inscrever «Holocausto» nos programas de televisão. Boa ou má, fiel ou infiel nos pormenores, simplistas aos olhos dos mais requintados, ou comovedora pela sua força dramática, a série americana era, de qualquer modo, um acontecimento.

Sabe-se agora que, depois da guerra nada causou nos espíritos de além-Reno uma impressão tão intensa, e que milhões de jovens e de adolescentes viram e compreenderam pela primeira vez, viveram pela primeira vez, aquilo que nós vivemos há quase quarenta anos. No entanto, dezenas de milhões de alemães já tinham visto, no início dos anos 60 uma série de treze emissões de uma hora cada uma, sobre o III.º Reich. E a série teve de ser repetida — duas vezes e também foi completada por debates numerosos e apaixonantes. Mas depois dessa grande série surgiram mais perto de vinte milhões de novos telespectadores, filhos e netos dos actores e das testemunhas da Segunda Grande Guerra.

E depois é mais uma vez a magia do teatro, que acaba de agitar as multidões, como há dois mil anos em Atenas. Porque o filme é teatro, e as multidões que não se tinham sentido tocadas pela verdade dos documentários, acreditaram na verdade das câmaras de gás de Auschwitz, depois de terem visto uma peça escrita por um americano e representada por actores americanos. Embora o autor não se chame Eurípides nem Esquilo, o tema aproxima-se da tragédia

dos Atrides e na eterna vitórias de Antígona sobre Creonte.

Milhares, centenas de milhares de pequenas Antígonas contra vontade, enfeitadas de estrelas amarelas e de olhos aterrorizados.

Os telespectadores franceses que viam o «Holocausto», no momento em que se inicia uma campanha eleitoral já cheia de miasmas de neochauvinismo, não compreenderão talvez imediatamente que não são estranha a essa história terrível. Mas não será o processo do passado alemão que se inscreve nos filmes da série? Não foram os franceses quem construíram Auschwitz. Claro que não! Mas os nossos filhos e os nossos netos não vêem muitas vezes nos ecrãs filmes que lhes contem a solidão dos primeiros resistentes perdidos na imensa multidão desorientada que em junho e julho de 1940 confiava em Pétain e no seu armistício. Eles não vêem muitas vezes filmes que mostrem a política de Vichy entregando à Gestapo os refugiados políticos alemães que tinham buscado asilo na França republicana, nem os polícias e nos «prefeitos» de Vichy entregando à mesma Gestapo (em zona livre, no ano de 1942), por ordem directa de Laval, milhares de famílias israelitas estrangei-



ras, com os seus filhos grandes e pequenos.

Os judeus dos comboios de Drancy, dezenas de milhares de judeus, também foram presos por polícias franceses e muitas vezes, desgraçadamente, por denúncia de um vizinho. Os nossos filhos e os nossos netos raramente puderam ver na televisão francesa, a nossa Resistência tal como ela foi, não só na guerra estrangeira mas muitas vezes guerra civil contra um poder maurrasiano (o Maurras da «divina surpresa») e contra um poder fascista.

Quanto de nós não desejámos, nesse tempo, cair antes nas mãos do Gestapo alemão, do que nas da milícia francesa? O «Holocausto» devia ter sido

precedido por Le Chagrin et la Pitié», ou, melhor ainda, por uma obra nova que obrigasse os franceses de hoje a travar realmente conhecimento com Darquier de Pellepoix e com os seus chefes. Evitar-se-ia assim uma situação em que muitos espectadores vão cair vendo o argueiro nos olhos dos alemães, sem se darem conta da palha que têm nos seus próprios olhos.

Enfim, para que o «Holocausto» acorde todas as memórias é preciso lembrar incessantemente que as primeiras vítimas do nazismo, e os primeiros resistentes, foram os alemães. Quando no Verão de 1944 chegámos a Dachau, já tinham sido precedidos, desde 1933 por mais de cento e vinte mil alemães!

Mais de cem mil cidadãos alemães foram executados por crime político durante o regime hitleriano. O que foi feito desde 1945 para ajudar a Alemanha a retornar o caminho da democracia e para avançar com ela para a construção em conjunto de uma Europa sem Auschwitz e sem Dachau, não deve ser comprometido por uma «leitura» farsaica de «Holocausto».

Ao ver «Holocausto» todo o ser humano, seja ele francês ou alemão, deveria sentir acima de tudo uma necessidade imensa de penitência e contrição, uma necessidade de pedir perdão às vítimas, lutando hoje contra tudo o que diariamente remove o seu martírio.

(Le Monde)

PODER LOCAL

Crianças de Matarraque "atacam" com palavras simples problemas graves

Matarraque, localidade do concelho de Cascais, tem muita população e muitas carências.

Ora, sobre o assunto, ouçamos as crianças, escutadas que foram pela Comissão de Moradores local, até porque estamos a viver o Ano Internacional que lhes é consagrado...

As crianças, pois, a palavra.

CHUVA A CAMINHO DA ESCOLA

Começamos pelo Paulo Alexandre, de Terras Queimadas:

"Eu tenho 8 anos e ando na 2.ª classe na escola da Parede.

"Eu gostava que as pessoas fizessem uma escola em Matarraque.

"Eu não gosto de ir para a escola da Parede é muito longe, e às vezes eu molho-me, e depois estou na escola e tenho frio.

"Eu gostava que fizessem também uma creche igual à da Sagrada Família.

"Eu vou para lá todas as manhãs e jogo à bola com os meus companheiros."

"MUITAS PASSAM FOME..."

Agora, a Maria Clara, também de Terras Queimadas:

"Mil 979 é o Ano Internacional da Criança. Estou feliz por este

ano se comemorar na minha idade.

"Gostava que muitas coisas fossem feitas tendo em atenção as crianças. comboios.

"Há muitas no nosso País que não têm qualquer apoio.

"Há muitas que passam fome, porque os pais não ganham o suficiente para as poder criar melhor.

"Penso que devia haver escolas em todos os bairros para evitar que elas se desloquem para outras escolas mais distantes.

"Também devia haver creches e parques infantis em todos os lugares."

"QUE AS RUAS NÃO TENHAM BURACOS..."

Vem a seguir o Carlos Justiniano Alberto, de 8 anos, mesmo de Matarraque.

E diz assim:

"Eu queria que Matarraque tivesse esgotos.

"Querida que Matarraque tivesse as ruas alcatroadas para se poder andar.

"Também queria que viesse uma máquina arranjar as ruas.

"Gostava que Matarraque tivesse um Parque Infantil.

"Devia ter também uma escola.

"Gostava muito que passassem aqui os comboios.

"Eu gostava que Matarraque fosse uma vila!"

"Era bom que as ruas tivessem buracos.

"Querida que as barracas desaparecessem todas e fizessem lá uma escola e um jardim com muitas árvores e bancos.

"Querida que as ruas não tivessem água dos esgotos, que assim cheira mal.

"Querida que a camioneta do lixo levasse tudo como nas outras vezes que leva só metade.

"Gostava que não houvesse tantos cães e gatos.

"As pessoas não discutissem tanto..."

"Querida que nos anos internacionais das crianças os transportes fossem de graça.

"Só pedia depois que gostassem da minha carta!"



"As minhas palavras não devem atemorizar ninguém. Tudo o que dizemos é muito a sério. Se apanho chuva, digo que me molho. Se a escola é longe, digo que chego fatigada à escola. Se a rua tem buracos, digo que posso tropeçar. E se há lixo por apanhar, digo que isso não faz bem à saúde... Quem se pode zangar com estas verdades...? Se alguém se zangar, palavra!, até mordo as minhas mãos..."

"TRANSPORTES NO MEIO DO CAMINHO..."

Finalmente, o José Luís:

"Tenho 12 anos. Chamo-me José Luís. Moro em Matarraque e vou todos os dias para a Escola Preparatória Torre d'Aguilha.

"É muito longe, e há poucos

transportes, e ficam no meio do caminho.

"Devia haver escolas perto das populações e meios de transportes ao pé das nossas escolas.

"Todas as ruas deviam estar arranjadas porque quando vamos para a escola ficamos todos enlameados." E por hoje é tudo.

Governo Civil de Viana cedido à direita

A população de Viana do Castelo «mais uma vez se viu prejudicada nos seus interesses, em virtude da capitulação do PS ante os interesses da direita», considera a Aliança Povo Unido (APU) a propósito da demissão do cargo de governador civil do

socialista Oliveira e Silva.

A APU, afirma que «assim como outros democratas e antifascistas, não pode deixar de reprovar a substituição do governador civil. E isso porque «será substituído por um homem do PPD, ou da confiança do PPD».

TAMBÉM FOI CANCELADO

População de Grândola exige o Centro de Saúde

Afectada pela suspensão da construção dos Centros de Saúde, decidida pela Secretaria de Estado da Saúde, e que tantos protestos tem levantado, a população da vila de Grândola manifestou já o seu firme repúdio por tal decisão.

E a Comissão Integradora dos Serviços de Saúde local revela as condições em que se processa a assistência naquele concelho: as actuais estruturas prestadoras de cuidados de saúde (Centro de Saúde, Hospital, SLTA, IAP e Serviços Médicos-Sociais) estão dispersos por 4 edifícios com todos os inconvenientes que isso acarreta

para o público e para o pessoal de saúde que se desdobra por esses locais.

O Centro de Saúde está instalado na velha enfermaria-abrigo e falta-lhe espaço para as nove mil consultas por ano. O hospital concelhio é velho, não possui radiologia, nem pequeno laboratório, nem aquecimento, nem esterilização, nem autoclave.

As salas são em número insuficiente, principalmente para os serviços de apoio (hotelaria e outros), para o pessoal e para a prestação de cuidados externos (urgência). Os Serviços Médico-Sociais estão instalados na Casa do Povo e são exíguos.

Autonomia do poder local violada pelo Governo

«A Lei do Orçamento Geral do Estado apresentada recentemente pelo Governo Mota Pinto/PPD, confirma, uma vez mais, o carácter antipopular e anti-constitucional da sua política ao desrespeitar e violar escandalosamente a Lei de Finanças Locais e, consequentemente, os princípios da descentralização e autonomia do poder local que a Constituição consagra» — lê-se, numa nota emitida pela Secção de Informação e Propaganda do Comité Central do PCP sobre o não cumprimento daquela Lei pelo actual Governo.

Acentua-se que, «na verdade, a proposta de Lei do OGE apresentada pelo Governo não distribui quaisquer verbas às autarquias locais, ao contrário do que estabelece a Lei de Finanças Locais, que dispõe que tal distribuição seja feita em anexo à lei do OGE».

Pormenoriza-se que a lei do OGE «prevê como receita do Estado central o imposto sobre veículos, que deveria reverter integralmente para os Municípios». Além disso, «mantém a possibilidade, durante mais alguns meses, de distribuição dos subsídios e comparticipações

que já foram em muitas ocasiões geralmente repudiados». Prevê ainda «um calendário de transferência de encargos da administração central para as autarquias a que só semanas depois se seguiria a transferência de recursos financeiros».

Afirma-se na referida nota que «o ostensivo e escandaloso desrespeito por uma lei unanimemente aprovada na Assembleia da República, e que foi saudada pelas populações e pela generalidade dos elementos orgãos de poder local de todas as correntes de opinião, insere-se numa política desestabilizadora, de desrespeito pela Constituição e pela legalidade democrática». Política essa «orientada contra os trabalhadores e o nosso povo».

Aquele Partido político declara estar «certo de interpretar os sentimentos da generalidade dos eleitos dos orgãos do poder local, das populações e de todos os que estão interessados na resolução dos seus problemas, ao repudiar a inqualificável atitude do Governo a exigir a total aplicação da Lei de Finanças Locais e a sua inequívoca consagração no OGE».

HABITAÇÃO

Cooperativas querem dois milhões no OGE

A decisão mais importante do Congresso das Cooperativas de Habitação Económica realizado este fim-de-semana em Lisboa terá sido a de enviar à Assembleia da República uma proposta no sentido de que seja incluída no Orçamento Geral do Estado uma verba de dois milhões de contos para financiar as CHE's.

No congresso estiveram representadas 90 das cerca de 170 cooperativas existentes em todo o País, com cerca de 50 mil associados.

Durante os trabalhos debateram-se e aprovaram-se resoluções sobre vários temas ligados à actividade do movimento cooperativo e do sector habitacional; entre eles, a cédência de terrenos em direito de superfície, financiamento, relações com as autarquias e com o Estado, e isenções fiscais.

Das resoluções do congresso avulta ainda a de que não estão por enquanto criadas condições para a formação da Federação Nacional das Cooperativas de Habitação Económicas, pelo que a criação foi remetida para o segundo congresso a realizar em Abril do ano que vem.

O congresso, entretanto, mandou a Comissão Nacional Provisória para assegurar a defesa dos interesses das CHE's junto dos orgãos do Poder.

Um dirigente cooperativo declarou à ANOP que o corte de financiamento às cooperativas de habitação, em Outubro do ano passado, obrigou a suspender algumas obras em curso, existindo actualmente projectos para 3 mil fogos, cuja construção arrancará logo que as respectivas cooperativas obtenham financiamento.

Ponta Delgada tem mais um hotel

PONTA DELGADA, 20 — Esta cidade vai dispor de uma nova unidade hoteleira, situada na Faja de Baixo (freguesia suburbana), a partir de Março que vem.

Construído a partir de um velho casarão cuja traça original foi respeitada, o novo hotel dispõe de 15 apartamentos equipados com «kitchenette», sala de estar com sofá-cama, televisão, telefone e quartos de duas camas.

Obedecendo a uma concep-

ção comum os apartamentos, devido ao aproveitamento das antigas estruturas, têm características individuais que os diferenciam. O seu mobiliário está decorado com baixos-relevos da autoria de Dias Júnior.

O hotel, que possui parque de estacionamento privativo e uma área anexa de oito mil metros quadrados, encontra-se concluído desde Agosto do ano findo.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO CÍVEL

A NÚNCIO

2.ª Publicação

Faço saber que pelo Nono Juízo Cível da Comarca de Lisboa, e segunda secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da executada MARIA JOSÉ CORDILHO GONÇALVES CORREIA CALDEIRA residente na Rua Duarte Galvão n.º 54 2.º andar — Cruz Vermelha Portuguesa em Lisboa, para no prazo de dez dias posterior a esse edito, deduzirem os seus direitos nos autos de execução de sentença movida por Moraes e Carvalho Limitada, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1979

O Juiz de Direito
a) José António Lopes Cardoso Bastos
O Escrivão de Direito
a) José Maria Baptista

Distrito da Guarda precisa de mais 362 enfermeiros

O distrito da Guarda necessita, a curto prazo, de 362 enfermeiros, para além dos 219 já existentes, a fim de prestar uma assistência eficiente no campo da saúde — afirmou Vítor Seabra, presidente da Comissão Instaladora Distrital dos Serviços de Saúde (ADSS).

A afirmação foi feita no decorrer da assembleia distrital da Guarda, que ontem reuniu, em sessão extraordinária, com representantes da ADSS a fim de se discutirem soluções para abertura da escola de enfermagem.

A escola encerrou em 1975 devido à falta de pessoal docente, o que veio agravar as carências existentes no distrito em matéria de pessoal paramédico e de enfermagem. Presentemente funciona apenas para a frequência de cursos de promoção.

Vítor Seabra referiu ainda que, em virtude das carências existentes, os hospitais concelhios, inclusive o distrital, encontram-se a funcionar com grandes dificuldades.

O problema agravou-se ultimamente com a restrição de

admissões de pessoal de enfermagem e paramédicos nos hospitais do distrito da Guarda.

Esta decisão motivou um protesto unânime por parte da assembleia distrital.

SAÚDE MENTAL

O distrito da Guarda é também o único do País que não possui um centro de saúde mental e é, precisamente, o que conta maior número de doentes mentais em Portugal.

Vítor Seabra afirmou que a criação daquele estabelecimento está já a ser estudada pelos responsáveis no sector.

A assistência psiquiátrica é prestada na Guarda por equipas do hospital de Lôrvão, que aqui se deslocam duas vezes por semana e chegam a atender 120 pacientes num só dia.

Abílio Curto, presidente da Câmara da Guarda, reafirmando a necessidade daquele estabelecimento, disse haver condições para que possa ser instalado no antigo albergue distrital, na Vela.

NO JAMOR

Retornados e timorenses: até quando tal miséria?

«Desalojados vale do Jamor aflitos suspensão assistência Cruz Vermelha Portuguesa partir 7 corrente solicitam intervenção v.exª sentido justa e humana solução problema 700 pessoas — desempregados, velhos, crianças, mães solteiras, inválidos — todos sem recurso que sorte os espera? Esperamos apoio v.exª»

Pensamos não haver instituições e órgãos do Poder que não tenham recebido este telegrama. Depois do telegrama e de outras diligências, foram os refugiados do Jamor «contemplados» com uma verba de 35 mil contos para se aguentarem mais três meses. Trata-se, mais uma vez, de adiar soluções para um problema gravíssimo e um tanto esquecido.

Estivemos lá.

«Também quero ir, quero sair daqui», insistia uma criança de um pequeno grupo que brincava junto ao nosso carro de reportagem.

Deixávamos um «centro de acolhimento de refugiados» instalado na Quinta da Graça, no vale do Jamor. «Isto parece mais um campo de concentração do que um centro de acolhimento», tinha-nos dito, momentos antes, um dos «acolhidos».

Da Quinta da Graça seguimos para o Balteiro, onde se encontram cerca de 1200 retornados das ex-colónias e, entre eles, algumas centenas de refugiados de Timor. A entrada, porém, deparou-se-nos uma situação a que, desde o 25 de Abril, já não estávamos habituados: um funcionário da Cruz Vermelha barrou-nos a entrada. Que tinha ordens superiores para isso... Que nós só podíamos entrar com uma credencial da Cruz Vermelha... Era fim-de-semana, onde iríamos nós encontrar os senhores ou senhoras da Cruz Vermelha? O funcionário não sabia. A expressão «campo de concentração» parece ter alguma razão de existir: não pudemos entrar no Balteiro!

Voltamos à Quinta da Graça onde «habitam» cerca de 600 retornados e, também, alguns timorenses.

Habitam é modo de dizer. Numa das tendas de campanha ali montadas vivem nove pessoas. Nas tendas, como nas prefabricadas, as divisões são improvisadas com cobertores. Na tenda onde estivemos, as divisórias assim construídas constam de um quarto para o casal,

um cobículo com tarimbos para dois filhos, outro, onde dormem uma filha e uma neta, e outro ainda para a avó.

«É assim o nosso viver quase há três anos», disseram-nos. Profissionalmente, os retornados das ex-colónias são, na maioria, funcionários administrativos, camionistas, carpinteiros, etc. Um deles fez-nos notar não corresponder à realidade a ideia que se generalizou de que, nos acampamentos do vale do Jamor, estão apenas os timorenses. No conjunto, eles são uma minoria e, segundo opinião ouvida, terão um estatuto de privilégio.

Aliás, com esta distinção, começa a perceber-se a existência de algumas tensões entre os «moradores» da Quinta da Graça e do Balteiro. Tensão perigosa que advém da falta de soluções definitivas, do arrastar do provisorio e do improvisado, do exaspero das gentes que ali vivem, ante o adiamento de quaisquer possibilidades de se integrarem na sociedade portuguesa. O exaspero aumenta à medida que outros retornados estão já a trabalhar, terão possibilidades de arranjar a sua casa, mas não abandonam as tendas e as prefabricadas, obrigando a situações como a já referida de uma tenda onde se acumulam nove pessoas.

Por outro lado, ao que nos afirmaram, também os timorenses beneficiam de melhores condições de alojamento. «Estão bem protegidos», comentaram-nos.

Na conversa sobre as alea-

das diferenças de tratamento, surgiu a referência ao facto «inexplicável» de terem sido retiradas das prefabricadas oferecidas pelos países nórdicos (Suécia e Dinamarca) alcatifas, sistemas de aquecimento e até redes (os nossos «amigos» nórdicos mandaram, ao que parece, verdadeiras moradias de férias, correspondentes ao seu nível de vida!). Mais esquisito ainda: alguém falou no estranho desaparecimento de algumas destas «moradias»...

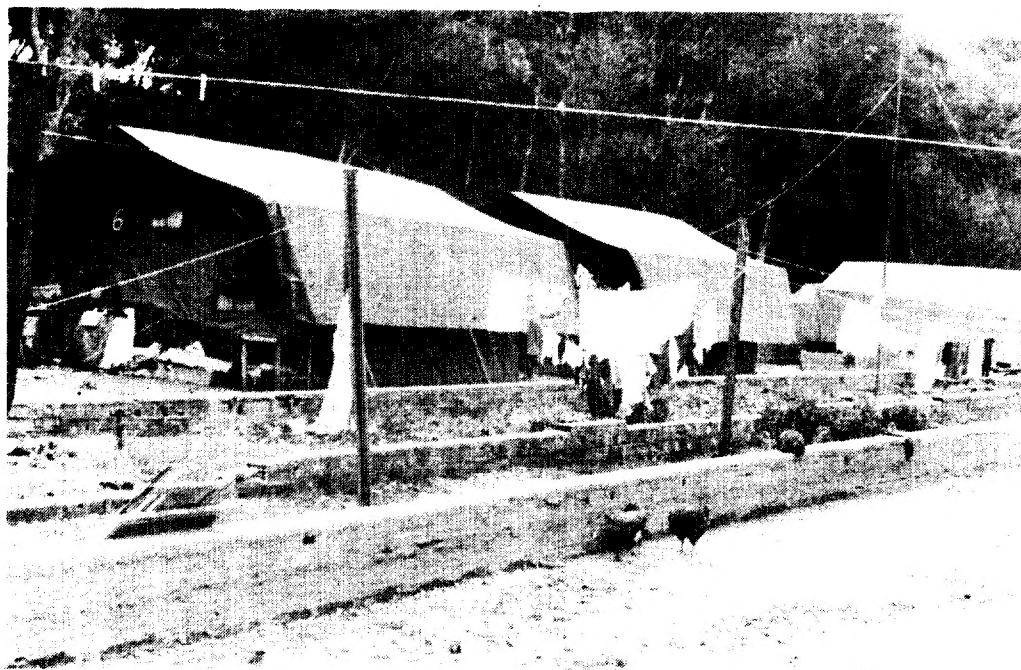
SOLUÇÕES ADIADAS

Entretanto, e agora agravada pelo mau tempo, a situação deteriora-se. Na Quinta da Graça, onde ninguém se opôs à nossa entrada, os sanitários funcionam num barracão, onde estão instaladas as torneiras para a lavagem da roupa. Vimos lá apenas um cubículo para chuveiro. Cá fora, crianças brincavam na lama e, dentro de uma barraca, gente nova jogava o loto.

Os habitantes da Quinta da Graça sentem-se como bola de bilhar. Vão ao IARN, mandam-nos para a Cruz Vermelha. Desta são reenviados para o instituto a que foi mandado instaurar um inquérito de que ninguém conhece os resultados. E continuam neste jogo de empurra.

Causou pânico na quinta a notícia vinda nos jornais de que a Cruz Vermelha iria suspender-lhes a alimentação. Tanto mais que lhes tinha sido prometido que qualquer alteração importante lhes seria comunicada no prazo de três meses. Souberam da ameaçadora suspensão pelos jornais e lamentam-se por este facto. Entretanto, constituídos em comissão, movimentaram-se e, depois de recorridas todas as instâncias do Poder, conseguiram saber, com relativo alívio, que a Cruz Vermelha decidira atribuir ao campo uma verba de 35 mil contos, a fim de garantir a assistência e a alimentação por três meses.

Trata-se, portanto, de mais um adiar de soluções definitivas. Por outro lado, a pergunta anda de



boca em boca: quem vai gerir os 35 mil contos?

Habitantes do vale do Jamor, partindo do princípio, que para eles não oferece dúvidas, de que a CVP nunca desenvolveu uma administração eficaz, defendem a criação de uma comissão administrativa em que eles estivessem representados e propõem um inquérito às condições de vida no Jamor. Nomeadamente, insistem na criação de um gabinete para acudir às aflições maiores: emprego para os chefes de família, mães solteiras e viúvas.

«PIRÂMIDE»

Era quase geral a crítica mordaz à caritativa Operação «Pirâmide». Tal foi a propaganda à volta da contestada operação, que as pessoas, com um sorriso amargo, perguntam-se: para que foi tanto barulho com a «Pirâmide», se até nós ainda não chegou um cheirinho da tal caridade?»

Sem confiança na CVP, menos crentes ainda no IARN, os desalojados, homens, mulheres, crianças e velhos, que arrasam os dias na miséria e à beira do desespero, perguntam-se até quando resistirão.

Ali mesmo ao lado, estão os «courts» de ténis do Estádio Nacional. Crianças agarravam-se às grades e olhavam a bola que saltitava, batida por jogadores trajando de branco imaculado.

«Também quero ir leve-me consigo». O motor do carro da nossa reportagem rosnou e arrancou. Um grupo de «putos» corria atrás.



caravanas
CAMPINA
totalmente em fibra!



fabricadas e
distribuídas por :

ENTREPOSTO

Av. 24 de Julho, 24-A/1200 - Lisboa

à venda em todo o país



lotaria do CARNAVAL

“taluda” 24 MILHÕES

5ª feira “anda a roda”



Publicidade

EM ROMA DESDE ONTEM E ATÉ AMANHÃ

IV Conferência interparlamentar Europa-América Latina

Começou ontem em Roma a IV Conferência Interparlamentar Europa-América Latina. Nos trabalhos — que prosseguem hoje e prolongam-se até amanhã —, participam 36 membros do Parlamento Europeu e 80 do Parlamento Latino-Americano. Presidem o italiano Emilio Colombo e o mexicano Victor Manzanilla.

Em agenda estão os direitos humanos, a luta contra o terrorismo, e as relações económicas internacionais. Os debates repartem-se por três comissões (sobre política, economia e sociedade), e uma subcomissão (sobre os Direitos do Homem). Nas três comissões, mas especialmente na subcomissão, estão convidados parlamentares latino-americanos actualmente no exílio.

Na sessão de ontem falaram, entre outros oradores, o italiano Giulio Andreotti, que preconizou o alargamento do Mercado Comum através das adesões de Portugal e Espanha, nomeadamente, como factor positivo para «uma mais espontânea e sólida relação entre a Europa e a América Latina», e o mexicano Victor Manzanilla, que denunciou a existência, em alguns países da América Latina, de «grupos económicos com apetites ilimitados».

Tais grupos, segundo o presidente do Parlamento Latino-Americano, «mantêm o regime de injustiça e privação de liberdades humanas, apoiados por ditaduras que ignoram os direitos do homem e dos povos».

A este propósito, o presidente do Parlamento Europeu, Emilio

Colombo, adiantou que a Comunidade Europeia tem o dever da solidariedade para com os povos oprimidos da América Latina, e ainda a obrigação do exemplo e duma acção diplomática, eficaz e constante em todos os locais e com todos os meios.

A Conferência Interparlamentar Europa-América Latina, que tem este ano a sua quarta edição em Roma, realizou-se, anteriormente, na Cidade do México (77), no Luxemburgo (75) e em Bogotá (74).

De uma forma pouco conhecida, pelo menos entre nós, o

Parlamento Latino-Americano foi criado em 1963 e é «um foro de coordenação e informação» que compreendia inicialmente 14 países, antes de ficar reduzido aos 12 que actualmente o integram, com as saídas do Chile e da Argentina.

Formam o Parlamento Latino-Americano representações parlamentares das Antilhas Holandesas, do Brasil, da Colômbia, da Costa Rica, do Salvador, da Guatemala, do México, da Nicarágua, do Paraguai, do Suriname e da Venezuela.

Acordo de cooperação luso-angolano

Segundo se soube esta manhã em Luanda, Portugal acaba de assinar com Angola um acordo de cooperação no domínio da energia eléctrica.

Este acordo foi concluído com a ida a Angola de uma delegação portuguesa dirigida pelo secretário de Estado da Indústria, Hugo Fernandes Jesus, que se avistou várias vezes durante a semana passada com o seu homólogo angolano, major Bento Ribeiro, ministro da Indústria e energia. «Encontrámos pontos de convergência e um interesse mútuo em ultrapassar os nossos problemas», declarou o secretário

de Estado português antes da sua partida para Lisboa.

Segundo Hugo Fernandes Jesus, o acordo assinado no domínio da energia eléctrica insere-se no quadro do acordo geral assinado no passado mês de Junho em Bissau pelo Presidente da República angolana, Agostinho Neto, e pelo Presidente Ramalho Eanes. «Este novo acordo prevê uma cooperação no domínio da assistência por pessoal técnico», afirmou ainda o secretário de Estado, que acrescentou ter constatado uma abertura de novas perspectivas entre os dois países.

Mulheres socialistas debatem situação feminina

No primeiro encontro distrital da Federação de Aveiro, as mulheres socialistas debateram os principais aspectos da sua situação, nomeadamente a inserção na sociedade e no trabalho, os direitos da família face à nova Constituição, a importância na Comunicação Social, a participação da mulher na vida política e ainda economia e consumo.

Nas conclusões foi salientada a importância fundamental da valorização da mulher para a sociedade socialista. Para tal, é necessário uma consciencialização progressiva da importância fundamental que detêm os meios de Comunicação Social, no papel fundamental de alerta à população. De facto, o aspecto de doutrinação susceptível de modificar a tradição machista é fundamental.

Recordar-se que o movimento feminista em Portugal não conseguiu ainda autonomia e que as acções mais relevantes têm estado a ser desempenhadas pela Comissão da Condição Feminina. De salientar ainda o trabalho desenvolvido por algumas organizações nomeadamente o Movimento Democrático das Mulheres, embora neste caso a sujeição política bloqueie uma perspectiva autónoma.

No decorrer do encontro foi ainda analisada a importância da mulher no movimento sindical, na criação de associações de defesa do consumidor para protecção dos agregados economicamente débeis, e ainda o seu papel decisivo na formação das gerações futuras como mãe e como educadora.

A reunião foi muito participada tendo-se feito uma análise da situação política actual da qual resultou uma unanimidade de pontos de vista quanto a propostas de soluções para os problemas abordados. Estiveram presentes delegações das Federações do Porto e de Braga, elementos do departamento das mulheres socialistas e deputados à Assembleia da República.

Sérgio Vieira fala das relações entre Moçambique e Portugal

«É possível e desejável desenvolver as relações, entre Moçambique e Portugal» — afirmou à ANOP, em Maputo, o governador do Banco de Moçambique, Sérgio Vieira, considerado um dos homens fortes do regime moçambicano e que tem assento no Conselho de Ministros. Para Sérgio Vieira, é através do fortalecimento das relações bilaterais que se poderá ultrapassar o passado e «enterrar o cadáver que é o colonialismo português», esse «réu comum da parte portuguesa e da parte moçambicana», o colonialismo que «arruinou a vossa pátria e a nossa pátria».

Portugal pode vender a Moçambique barcos de pesca, vinho e têxteis. No ano passado, Moçambique importou de diversos mercados têxteis no valor superior a dois mil milhões de escudos moçambicanos. É apenas um exemplo. No entender de Sérgio Vieira, só agora começa a haver relações entre os dois povos, porque não houve nunca tradição histórica de tais relações: se há tradição de relações, é de relações de dominação, conquista e guerra. Um aspecto que favorece actualmente as relações entre os dois Estados é o facto de as principais empresas dum e doutro serem empresas estatais.

Está muito atrasada a cooperação que tanto Eanes como Samora Machel desejam, e isso força a procura de alternativas: é nesta procura de alternativas que poderão criar-se situações por vezes irreversíveis — segundo Sérgio Vieira, que acentua ainda o facto de vários empresários portugueses terem em Moçambique uma atitude positiva e são no que respeita ao desenvolvimento da colaboração bilateral —, embora nem sempre haja enquadramento para as iniciativas de tais elementos.

Acerca das conversações havidas durante o ano passado, Sérgio Vieira considera delicado falar da matéria em negociação: seria «transferir a mesa das conversações para a imprensa» —

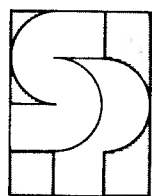
esclareceu. Avançou no entanto a certeza de que as dependências dos Bancos Pinto e Sotto Mayor e do Fomento Nacional não serão integrados no Banco de Moçambique.

Noutra passagem das suas declarações à ANOP, o dirigente moçambicano responde a exigências de portugueses retornados de Moçambique segundo as quais teriam direito a indemnizações por dinheiro e bens deixados neste país. Sérgio Vieira afirma: «Ninguém mandou embora os retornados; não quiseram viver mais em Moçambique porque o colonialismo caiu». E a propósito: «Para falar de indemnizações, Moçambique contabilizaria todos os escravos que saíram do país, toda a pessoa morta nas guerras, cada trabalhador forçado, as centenas de milhares de toneladas de algodão vendido para Portugal a preços impostos». Etc. «Moçambique não pede nada a Portugal pelo colonialismo» — diz Sérgio Vieira.

Outro caso: as dificuldades de que se têm queixado administradores portugueses da Hidroeléctrica de Cabora Bassa quanto à sua entrada em território moçambicano. Sérgio Vieira: «Eu, quando quero ir a Portugal, vou pedir um visto à vossa Embaixada, ou ao consulado. Como Portugal não é uma província ultramarina de Moçambique, tenho de me sujeitar às leis normais de imigração que existem no vosso país. Creio que também a parte portuguesa terá de se

sujeitar às leis normais do nosso país. Não nos interessa entrar o funcionamento normal do Conselho de Administração. Tomámos conhecimento de certas posições através da imprensa. Mas nós nunca discutimos as questões através da imprensa. É para isso que a empresa tem os seus órgãos, nos quais também estamos representados».

Sérgio Vieira refere-se ainda ao problema da Igreja em Moçambique, inflectindo queixas diversas que se têm feito por parte da Igreja e contra o comportamento das autoridades de Moçambique. O governador do Banco de Moçambique lembra uma afirmação recente do bispo da Beira, D. Jaime Pedro Gonçalves, segundo a qual a Igreja em Moçambique é hoje mais livre do que o foi no passado. Além disso, acrescenta: «A nação moçambicana formou-se contra a Igreja e esta tem de fazer um esforço, em Moçambique, para ser moçambicana. A própria concepção da Igreja das Missões é uma concepção colonial».



SINDICATO DOS PROFESSORES

COMUNICADO DE IMPRENSA

Na sequência de um pedido de audiência formulado em tempo, as Direcções dos Sindicatos dos Professores das Zonas Norte, Centro, Grande Lisboa e Sul reuniram na tarde do dia 16 com o ministro da Educação e Investigação Científica.

Sobre as relações Sindicatos-MEIC — ponto principal da agenda desta reunião — os Sindicatos reafirmaram a sua posição de defesa do direito sindical à contratação colectiva, alcançada pelo caminho da negociação.

Relativamente a esta questão foi afirmado pelo ministro não aceitar que as relações MEIC/Sindicatos se baseassem na negociação o que, de resto, se inseria na prática global deste governo.

Aceitou, porém, a proposta dos Sindicatos de procurar, através de reuniões conjuntas, chegar ao acordo possível, sem prejuízo de acções a desenvolver pelas partes quando tal acordo se não concretizar.

Tendo os Sindicatos anunciado apresentar em breve uma plataforma reivindicativa, que é o aprofundamento da 1977/78, mostrou-se o ministro interessado na mesma e disposto a analisá-la cuidadosamente.

Ficou claro que tanto o ministro como os Sindicatos estão de acordo na importância de que se reveste o ensino e do papel que nele desempenham os professores.

Decidiu-se que as várias questões em aberto serão tratadas com os departamentos competentes. Nesta linha foi marcada para o dia dois uma reunião de trabalho com a secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário.

Os Sindicatos esperam que este primeiro contacto tenha iniciado o desbloqueamento das relações Sindicato-MEIC permitindo resolver os problemas pendentes o que reverte em benefício dos professores, da Escola e do País.

As Direcções convocam, de novo, todos os colegas

**à militância sindical
ao aprofundamento da plataforma reivindicativa
à defesa dos seus direitos sindicais.**

Unidos, os professores obterão — pela via do diálogo, das reuniões de trabalho e, amanhã, da negociação — o direito à contratação a que não renunciaram.

PEL'AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS DOS PROFESSORES

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORN. E INSTALAÇÃO DUMA MÁQUINA DE REVELAÇÃO, FIXAÇÃO E SECAGEM AUTOMÁTICA DE PELÍCULAS DE R.X. Conc. Pub. 11/79-IE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO EQUIPAMENTO DE RADIOLOGIA — Durante o Ano de 1979 Conc. Pub. 13/79-IE

ESTUFAS PARA ESTERELIZAÇÃO DE FERROS CIRÚRGICOS POR AR SECO Conc. Pub. 14/79-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, excepto aos sábados das 9 às 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (I.E.).

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 15 de Fevereiro de 1979.

pel' O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
a) J. d'Almeida Ribeiro

ENCONTRO DE LUIS CORVALAN

SECRETÁRIO GERAL DO PC DO CHILE
COM A UNIVERSIDADE

4.ª FEIRA 21 FEVEREIRO 21.30
ANF. 1 FAC. DIREITO LISBOA



**JORNADA DE SOLIDARIEDADE
COM O POVO E OS PATRIOTAS CHILENOS.
DE DENÚNCIA DOS CRIMES
DA JÚNTA FASCISTA**



Uma terra diferente à espera de Eanes

BISSAU, 20 (Do nosso enviado especial Eugénio Alves) — Uma cidade alegre, festiva e quente, quer nos 30 graus à sombra (e dizem-nos que isto é o Inverno guineense...) quer a sincera cordialidade com que tem recebido os cidadãos da antiga Nação colonial, deverá impressionar, esta tarde, o general Ramalho Eanes, à sua chegada à capital da Guiné prevista para as 15 horas. O outro maior do Exército ocupante de Bissau e hoje vivamente empenhado, como Presidente eleito do seu País, na descoberta dos caminhos da cooperação e amizade entre portugueses e africanos que usam a nossa língua, não ficará insensível, acreditamos, à calorosa maré humana que a meio já da manhã de hoje se preparava para o saudar desde o aeroporto até à Praça dos Heróis Nacionais.

Bissau está diferente dizem os que a conheceram noutros tempos. Nas suas ruas antes repletas de soldados e carros militares desfila agora desde as primeiras horas de cada manhã um povo tranquilo e laborioso para quem a guerra, o medo o o servilismo, já não passam de longínquas recordações.

As dificuldades não são pequenas. Reconstruir um país saído da guerra e de uma opressão que jamais teve em conta o desenvolvimento económico global é tarefa pesada e longa.

Algumas mentalidades coloniais aqui de passagem, fazem-se eco de um alegado saudismo de muitos guineenses pelos tempos coloniais. O argumento que fazem circular fala nomeadamente de carências alimentares, e de trabalho. E o boato rasteiro, que ignora o que foi Bissau até ao 25 de Abril, com a sua economia de guerra e os respectivos efeitos ao nível social (até os soldados tinham criados...).

«OS POVOS NUNCA DESESPERAM»

Amílcar Cabral, a cujo mausoléu no Forte de Amura, o Presidente português vai, ao fim da tarde, depositar uma coroa de flores, falando, em Junho de 1971, em Adis-Abeba, em nome dos movimentos de libertação africanos presentes numa reunião da OUA, dizia: «Há pessoas ou combatentes que desesperam, mas os povos nunca desistem».

Tais palavras podem simbolizar hoje, no contexto já não da luta anticolonial, mas das tarefas da reconstrução nacional, o espírito que orienta os dirigentes e povo da Guiné-Bissau.

Há uma consciência clara das muitas dificuldades ainda a vencer, mas há também a certeza de que o futuro só poderá ser melhor. «Sabemos que a nossa terra avança bem, sabemos que

que falaremos mais tarde e em pormenor, sobressaem Portugal, a URSS, Cuba, RDA, Suécia, França, Holanda, Itália e os EUA.

PETRÓLEO NA AGENDA

Aliás na agenda de conversações Luís Cabral-Eanes, um dos pontos que deverá merecer atenção é o das fronteiras marítimas da Guiné-Bissau. No discurso do referendo guineense que acima referimos fala-se da cooperação com a Itália na prospecção da área de Quebo, e com a França, em Gabu. «Sobre todos estes projectos e actividades — diz a dada altura Luís Cabral — já temos indícios de que poderemos ter esperanças da existência de importantes riquezas na nossa terra».

Trata-se do petróleo. O Senegal e a Guiné-Conacri não parecem interessados em reconhecer os direitos do novo país. Cabral refere o acordo havido outrora entre Portugal e França quanto à delimitação de fronteiras marítimas e parece disposto a aceitar uma solução nessa base, ou então uma arbitragem africana ou internacional aceite por todas as partes.

Quatro vezes pequena que o Senegal, e oito menos que Guiné-Conacri, a Guiné-Bissau (com 36 mil quilómetros quadrados) tem morfologicamente como acentua Cabral, tendência para abrir para o mar, o que lhe dá uma plataforma continental mais vasta.

Os dois vizinhos parecem não querer reconhecer tais direitos e por isso os dirigentes guineenses continuam a recusar qualquer cooperação marítima com o Dacar e Conacri, enquanto não for resolvido este contencioso fronteiriço.

Esta será uma das questões que Cabral discutirá com Eanes no sentido do apoio português nas esferas internacionais e até eventual ajuda na fiscalização e controlo das suas águas.

Se forem confirmados os «indícios» de petróleo então a Guiné será diferente, será «uma terra boa» — palavras do próprio presidente de Bissau no seu relatório sobre o «Estado da Nação».

Todavia os pontos principais a debater nas conversações de alto nível dos presidentes portugueses e guineenses serão as relações bilaterais (o aprofundamento da cooperação económica e técnica em vários domínios, assinatura de alguns acordos) e ainda as relações de Portugal com os restantes países de língua portuguesa.

Sabe-se que Luís Cabral tem sido desde a cimeira, Eanes-Neto de há um ano em Bissau um poderoso artífice de um maior desbloqueamento nas relações entre Portugal e as ex-colónias.

A próxima (e provavelmente em Junho, em Luanda) reunião dos novos países saídos da descolonização portuguesa será tema, pois, obrigatório incluindo o eventual convite a Eanes para estar presente.

EANES À PARTIDA PARA BISSAU

“O novo papel de Portugal no mundo passa ainda pela África”

Continuação da pág. 1

sentar cada vez mais perspectivas de interesse recíproco «o objectivo desta viagem transcende o quadro mercantilista e o âmbito das vantagens materiais».

Noutra passagem o Presidente da República salientou que «após a independência, que Portugal livre reconheceu com orgulho, a Guiné-Bissau foi assumindo progressivamente uma posição de cada vez mais alto valor espiritual e moral nas nossas relações com os novos países africanos próximos de nós pela língua e pela História».

Acentuando que hoje as relações luso-guineenses legitimam que se considere exemplar a prática política de dois países que se reencontraram porque souberam afirmar com perfeita independência a sua personalidade cultural, Eanes lembrou que, no que a Portugal diz respeito, «somos uma Nação a que a dimensão física do território potencia a evocação histórico-cultural de abertura ao Mundo e os seus problemas», e que «uma autêntica realização vocacional permitirá que Portugal venha a desempenhar no Mundo um papel dinamizador importante na consecução de novos equilíbrios mundiais».

Eanes assinalou também que

«percurso futuro de Portugal» pressupõe «o desenvolvimento do diálogo cooperante e fraterno com os novos países africanos de língua portuguesa», e que só o estreitamento destes laços «poderá justificar inteiramente uma acção de Portugal, na área das relações bilaterais e multilaterais e nas instâncias internacionais, no sentido de reformular o conceito de cooperação e, através dela, vitalizar a chamada ligação Norte-Sul». Assim, recorda o Presidente da República, «o novo papel de Portugal no Mundo passa ainda pela África».

Referindo-se aos resultados conseguidos na reaproximação entre os povos de Portugal e da Guiné-Bissau, o general Ramalho Eanes considerou que eles «certificam-nos de que a nossa capacidade de gerar novas realidades foi ampliada com a subordinação da nossa política aos ideais da democracia e da justiça e aos imperativos da consciência colectiva».

A terminar, Eanes quis «manifestar a esperança de que também na ordem interna sabermos encontrar as linhas que conduzam mais depressa à reconstrução do País em clima de fraternidade».

Mensagem de Eanes: fraternidade e cooperação

«Portugal e a Guiné olham-se agora como dois Estados que respeitam o que há de bom no seu passado comum e querem construir sobre esse sólido alicerce relações cada vez mais amistosas e mais úteis para ambos os países» — escreve o general Ramalho Eanes, que hoje, ao princípio da tarde, iniciou uma visita oficial à República da Guiné-Bissau, numa mensagem de 4 minutos transmitida ao povo guineense.

Falando do abraço fraterno que vai levar em nome de Portugal, a mensagem de Ramalho Eanes salienta: «Estarei entre vós, desta vez, como Presidente dum país cujas raízes culturais são também património da Guiné-Bissau. Irei dizer-vos da razão que tinha Amílcar Cabral

para distinguir o Povo português do colonialismo e de todos os que, por ambição, sacrificaram o ideal da fraternidade do nosso Povo».

Sobre o que a visita poderá ajudar à compreensão internacional, lembra que Portugal e a Guiné-Bissau são dois países «independentes e soberanos unidos por uma grande amizade».

Sobre as mazelas deixadas pelo colonialismo, acrescenta: «Todos poderão ver que as nossas relações correspondem aos sentimentos profundos dos dois povos. Os erros cometidos no passado não tiveram força para destruir a compreensão e o en-

tendimento entre os guineenses e os portugueses».

Assim, e segundo a mensagem do Presidente da República, general Ramalho Eanes, «hoje a Guiné-Bissau sabe que pode contar com Portugal no seu esforço para constituir um país verdadeiramente senhor do seu destino e capaz de oferecer a todos os seus filhos um futuro de progresso».

O objectivo de Portugal e a Guiné-Bissau se olharem como dois Estados que «respeitam o que há de bom no seu passado comum e querem construir sobre esse sólido alicerce relações cada vez mais amistosas e mais

úteis para ambos os países (...) já está em parte conseguido devido à sabedoria política do vosso presidente Luís Cabral que é verdadeiramente o continuador e o herdeiro espiritual do grande dirigente africano que foi Amílcar Cabral, o fundador da vossa nacionalidade».

No presente, «as nossas relações são excelentes», o futuro «há-de mostrar que a Guiné-Bissau e Portugal têm por vocação manifestar essa grande qualidade dos nossos Povos».

As relações no futuro, segundo a mensagem de Ramalho Eanes, serão de «cooperação» e «testemunho de fraternidade».

PART-TIME 11.200\$00 8 VAGAS

Companhia europeia admite imediatamente 8 pessoas, de ambos os sexos, para os seus quadros, em part-time, com acesso aos seus quadros internos. Exigimos o 5.º ano dos liceus, como mínimo e mais de 18 anos de idade. Interessados comparecer, amanhã, somente as 11 horas na Av. Miguel Bombarda 133-7.º D.

MULHERES

UMA REVISTA ACTUAL

À VENDA O N.º 10

- ISABEL DE CASTRO
Prémio de Interpretação 1978
- PLANEAMENTO FAMILIAR
- CRÓNICA COR-DE-ROSA

Preço 25\$00

CDL a distribuição

MULHERES



16 25 Fevereiro 79
2º salão internacional
de equipamento hoteleiro
e dos tempos livres

Filtel

ENTRADA PELA R. D'IMECIA

MILHARES DE SOLUÇÕES PARA VIVER OS TEMPOS LIVRES

HORÁRIO:
das 15h. às 24h.

departamento de feiras e exposições

Associação Industrial Portuguesa
Feira Internacional de Lisboa



meditou79

20/25 fevereiro 1979

1ª bolsa de turismo
do mediterraneo

e dos países ibero-americanos

O TURISMO DE PORTUGAL NO MERCADO INTERNACIONAL

SCOTLAND YARD INVESTIGA

Inglês morto no Algarve era traficante de armas?

FARO, 20 — Um detective da Scotland Yard, o superintendente-chefe Frank Carter, esteve durante alguns dias nesta cidade e outras localidades do Algarve a fim de recolher depoimentos relacionados com o homicídio de um cidadão britânico, Richard Harrison, de 52 anos, ocorrido nesta região em Outubro de 1977. O corpo de Richard Harrison, conforme então noticiámos, foi encontrado a bóiar na zona de Vale de Lobo. O pescador Rui Nascimento, que recolheu o cadáver no seu pequeno barco, levou-o para Olhão, onde veio a realizar-se a autópsia.

Até à data da sua morte, a ocupação de Richard Harrison no Algarve esteve sempre envolta em denso mistério, dizendo-se entre outras coisas, que ele seria colaborador de um multimilionário da Arábia Saudita, Adnan Khashoggi, para quem estudava a viabilidade de investimentos em aldeamentos turísticos. Mas para o jornal inglês «Daily Mail», de Maio de 1978, a ligação de Harrison a Khashoggi estaria relacionada com o tráfico de armas.

Contudo, em Dezembro de 1977, segundo a ANOP, o mensário inglês «Algarve News», que se publica em Faro, citava um sócio de Harrison, Coloun Denvers, que desmentia formalmente a ligação do morto a Khashoggi. De acordo com Denvers, Harrison trabalhava, particularmente, numa actividade que «só dizia respeito aos dois sócios». No mesmo artigo revelava-se ainda que o pai de Harrison tinha dito às autoridades consulares do seu país, em Portimão, que o filho trabalhava nesta região para «James Hill Investments», uma organização britânica.

A deslocação de agora do superintendente Frank Carter ao Algarve teria tido como principal objectivo recolher o depoimento

de John Hammond, o proprietário de um escritório de venda de propriedades, próximo de Almansil, que anunciara o desaparecimento de Harrison. Confronto com a ANOP, Hammond esteve detido, durante dois dias, na Polícia Judiciária em Faro,

tendo sido posteriormente apresentado ao juiz da comarca que o mandou em liberdade. Soube-se também que Carter, no interrogatório a que procedeu, não teria conseguido encontrar explicação para algumas das interrogações que trouxera de Londres.

Adiado o julgamento de bombista da Madeira

FUNCHAL, 20 — Foi adiado para data a anunciar o julgamento de Jorge Cabrita, acusado de «posse ilegal de explosivos». O adiamento ficou a dever-se à falta de comparência do juiz-presidente a Santa Cruz. O dr. Guerra Pires deveria ter-se deslocado de Lisboa àquela vila.

Jorge Cabrita encontra-se detido há mais de um ano no estabelecimento prisional desta cidade e foi levado a tribunal pela PJ depois de esta ter detectado na sua residência explosivos e munições de armas de guerra.

A acusação dos actos imputados a Jorge Cabrita está a cargo do delegado do Procurador da República, dr. Martinho da Cruz, e a defesa entregue ao advogado Alcino Barreto.

PESCAS: CONVERSAS LUSO-ESPANHOLAS

Partiu esta manhã desta cidade (Funchal) para Lisboa o chefe de gabinete da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas, Carvalho Jordão, que no Porto representará a Madeira nas conversações luso-espanholas de pesca iniciadas em Novembro do ano transacto. O economista daquela Secre-

taria, José Henriques, acompanha Carvalho Jordão, devendo ambos integrar-se na delegação que estará presente no Porto com a sua congénere espanhola. Objectivo-mor das negociações: acordar as licenças de pesca dos dois países para o ano em curso.

UJC prepara jornada de luta

A União da Juventude Comunista anuncia, para a semana de 11 a 18 de Março e de sua própria iniciativa, uma jornada nacional de luta. Lema: «A juventude contra o desemprego, pelo direito ao trabalho.»

A decisão foi tomada pela Comissão Central da UJC reunida em plenário no último fim-de-semana em Lisboa. A escolha do tema deve-se ao facto de «a luta contra o desemprego, em defesa dos postos de trabalho, contra os despedimentos e a repressão patronal, pelos direitos dos jovens trabalhadores» ser, segundo a organização de juventude do PCP, «cada vez mais diversificada e crescente».

A decisão deste fim-de-semana invoca ainda a Constituição. Para a UJC, a defesa da Constituição é também a defesa dos interesses da juventude, das conquistas da Revolução e do regime democrático.

Os trabalhos preparativos da jornada de luta vão orientar-se no sentido da realização de concentrações, manifestações, encontros, comícios, abaixo-assinados, debates, colóquios, e convívios, entre outras coisas.

De concreto, a UJC anuncia para os primeiros dias do mês que vem um encontro nacional de trabalhadores-estudantes comunistas e, para mais tarde, a 22 de Abril, um encontro unitário de jovens operários agrícolas.

COMARCA DE ALMADA — 2.º JUÍZO

Proc. N.º 518/77
2.ª Secção
ANÚNCIO
2.ª Publicação

Para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 2.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada EMPURBA — Empresa de Construção e Urbanizações Limitada, com sede na Rua Fialho de Almeida, 34 — Lisboa: para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por URBIALFA — Sociedade de Urbanizações e Construção Lda., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhora dos.

Almada, 29 de Janeiro de 1979

O Juiz de Direito,
(Francisco António Lourenço)
O Escrivão
(Pedro Luis Ferreira Cunha)

TRIBUNAL DE POLÍCIA

Um "dancing" acima de qualquer suspeita...

Dois pedreiros de meia-idade (Fortunato e Ressureição) «derraparam» é o termo, já bem bebido, no «Maxime», um «dancing» situado na Praça da Alegria. E quando pensavam que os noventa escudos pagos à entrada da porta eram mais do que suficientes para os momentos passados e alcool ingerido, eis que lhes surge em cima da mesa uma nota de despesa de dois contos e quatrocentos. Fortunato protesta: «O quê? Essa massa toda por um uísque com coca-cola e algumas cervejas? Não pode ser! Não pagamos!» Alguém o tenta agarrar e Fortunato, em hora de má fortuna, dá com a pasta no vidro de uma mostra e parte o vidro. Aparecem em cena alguns polícias e a esquadra é o destino mais curto para os dois amigos.

Só que em julgamento, a sua versão é contestada com base em facturas seladas apresentadas pela gerência e pela palavra do chefe de mesa do «dancing», Amadeo, de seu nome. Diz Amadeo: «Estes senhores beberam onze uísques velhos. E duas raparigas que estiveram sentadas na sua mesa tomaram onze cocktails». Comentário do juiz: «E foram logo para os uísques velhos». E de Ressureição: «Raparigas nas nossas mesas? Eu lembro-me de ter tentado experimentar dançar com uma moça. Mas desisti quando vi que não

certava nada. Nem um passo sequer!». Ainda o juiz: «Mas os senhores não sabiam que aquilo ali era caro?». Fortunato: «Não sabíamos! Nunca na nossa vida tínhamos entrado numa casa daquelas».

A sentença chegou pesada. Toda ela apoiada na «realidade», pelos vistos incontestada, do «Maxime». Mas quem iria suspeitar da gerência do «Maxime» ou de um chefe de mesa chamado Amadeo? Ou não fossem «Maximes» e outros que tais lugares acima de qualquer suspeita. Onde (e isso até é verdade) só faz papel de «pato bravo» quem quiser. Residindo neste particular uma das tão apregoadas liberdades das chamadas sociedades livres (vulgo «Mundo Livre») em que tudo é legal (preços incluídos) desde que autenticados pelo valor selado respectivo. Seja o uísque, a coca-cola, um vidro de mostra (Fortunato pagou cinco contos pelo vidro partido — valor apresentado pela gerência) ou raparigas que (livremente) se podem sentar à mesa de dois cidadãos e dizer (mais tarde) terem bebido (embora eles não saibam tal) onze cocktails (que até pode ter sido chá de limão ou de tilia com muita água), acompanhados a passos de dança mal ritmados...

MANUEL GERALDO

Cargueiro alemão encalha em Aveiro

AVEIRO, 20 — Após o incidente ocorrido ontem à tarde no molhe norte da barra de Aveiro com o cargueiro «Martina K» da República Federal, não se registaram impedimentos ao movimento deste porto. No entanto, segundo um informador dos pilotos da barra, é crítica a posição do «Martina K» de 48 metros de comprimento, que transportava 750 toneladas de ferro, embarcadas em Antuérpia, com destino a Aveiro.

No acidente, motivado por avaria no leme, ficaram feridos dois tripulantes do navio, um de nacionalidade turca e outro alemão, que tiveram de ser retirados por helicóptero da Força Aérea da base de S. Jacinto.

MEDITOUR/FITEL

Por lapso de composição, no artigo sobre a Meditour/Fitel publicado na nossa edição de sábado, saíram ininteligíveis as palavras do sr. Alfredo Ferreira, supervisor da Feira Internacional de Lisboa. Assim, passamos a rectificar as suas declarações, que são as seguintes: «todas as feiras são trabalhosas, mas a Meditour, porque é a primeira vez que se realiza, ainda deu mais trabalho, até porque neste sector os expositores ainda não se sentem muito seguros».

Do lapso pedimos as nossas desculpas.

PROCESSOS ATRÁS DE PROCESSOS

Contrabando, açambarcamento e mixordice — vale tudo para encher a arca

Bacalhau, azeite, mariscos e carne tudo é susceptível de entrar na grande jogada da especulação, do açambarcamento e da mixordice em que certos comerciantes menos honestos vão incorrendo, com prejuízo flagrante da população. O processo é aliás típico das épocas de crise no abastecimento e das sociedades capitalistas em degenerescência. E se, por hoje e pelas notas que damos, não se foi longe de mais quanto ao número de casos, os factos divulgados pela Guarda Fiscal e pelas Brigadas de Fiscalização, nos últimos dias, não deixam de justificar meia dúzia de linhas.

Temos assim que um cortador

de carnes empregado no talho Rolando Correia, Lda, na Rua dos Soeiros foi condenado a trinta dias de prisão efectiva e a trinta dias de multa, a cem escudos diários por ter vendido meio quilo de cachaço sem osso por 99 escudos e oitenta centavos quando o preço da tabela é de 80 escudos. Ficou-lhe bem cara a diferença ilicitamente arrecadada.

O Estado-Maior da Guarda Fiscal comunicou ontem que na madrugada do dia 18, na região de Pisões/Montalegre, foram apreendidos cerca de doze mil quilos de bacalhau de origem espanhola, bem como a camioneta que servia para o transporte.

O bacalhau e o veículo são avaliados em 2,8 milhões de escudos.

O condutor da viatura pôs-se em fuga.

AZEITE POR ÓLEO NUM GRANDE ARMAZÉM

A Sociedade Comercial de Azeites foi processada por nela se ter procedido ao enchimento de garrafas de azeite com óleo. As Brigadas de Fiscalização Económica colheram amostras de azeite e óleo nesta firma (com sede na rua Miguel Bombarda, na Amadora) e selaram a máquina de enchimento.

Nesta operação foram apreendidos 9.135 litros de azeite fino, no valor de 740 contos e 27.000 litros de óleo, no valor de 1.265 contos.

A Sociedade Comercial de Azeites foi processada por nela se ter procedido ao enchi-

mento de garrafas de azeite com óleo.

As Brigadas de Fiscalização Económica colheram amostras de azeite e óleo nesta firma (com sede na rua Miguel Bombarda, na Amadora) e selaram a máquina de enchimento.

Nesta operação foram apreendidos 9.135 litros de azeite fino, no valor de 740 contos e 27.000 litros de óleo, no valor de 1.265 contos.

O azeite foi submetido a análise laboratorial e o resultado mostrou que era falsificado.

O sócio-gerente da firma interpostos recurso.

Também o vendedor ambulante José Carlos Pereira-Rosa foi processado por açambarcamento de bacalhau.

As Brigadas de Fiscalização Económica detectaram no seu armazém em Cabeço Velinho (Palmela) 53 fardos de bacalhau corrente, dois de crescido, dezasseite de miúdo e 37 quilogramas de gráudo, no valor de cerca de 576 contos.

O Tribunal de Setúbal impôs-lhe uma caução de cem contos, que não prestou por o advogado de defesa ter interposto recurso, que o juiz deferiu até se averiguar das condições económicas do réu através das autoridades competentes.

Entretanto o magistrado determinou que o bacalhau fosse vendido e o dinheiro obtido depositado na Caixa Geral de Depósitos.

Finalmente, o Restaurante «Os Arcos», de Paço de Arcos, foi processado por contrabando de crustáceos.

ENSINO PRIMÁRIO

JÁ SE ENCONTRA À VENDA O 2. CADERNO DE MATEMÁTICA

Ó MILHÃO A MILHÃO!...

2. FASE — 2. ANO

FICHAS-TEXTO FICHAS DE AVALIAÇÃO

Melhor articulação com a matemática do ciclo preparatório, óptimo auxiliar do professor e do aluno.

Autores: Maria Natália Almeida D'Eça, Maria da Conceição Franco Machado e Manuel Veloso Gomes
Pedidos à livraria Aviz — Porto

NOVAS LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS ENTRE LISBOA E PORTO RÁPIDOS "MIRAGAIA" E "S. JORGE"

A par da inauguração dos novos combóios «Miragaia» e «S. Jorge» que são lançados oficial e comercialmente no próximo dia 29 e que serão os combóios mais rápidos entre Lisboa e Porto, com partida de cada uma das cidades às 10-45 m e chegadas às 13-57 m (três horas e doze minutos de percurso) — todos os rápidos verão na mesma data reduzidos os seus tempos de marcha em 10 minutos.

Simultaneamente todos os combóios directos entre Porto e Lisboa passam a parar em Ovar e Estarreja. Embora as horas de partida sejam praticamente mantidas, pede-se aos senhores passageiros que confirmem os horários respectivos com os Serviços da CP.

QUINZENA IRRESISTÍVEL

armazéns do

NAS 21 LOJAS DOS CONDE BARÃO

PREÇOS IRRESISTÍVEIS

CAMISAS POPELINE TIPO INGLÊS COM MUITA CLASSE P/HOMEM VALEM 380. 198.00 SÓ MODA	CALÇAS JEANS MODERNÍSSIMAS VALEM 750\$00 VENDEMOS A 298.00 SÓ QUALIDADE BLUSÕES GANGA MODERNÍSSIMOS A VALEM MAIS DE O DOBRO 198.00 E 298.00 SÓ MODA	DEZENAS DE MILHARES DE COBERTORES PARA CASAL FITADOS A SEDA SÃO QUALIDADE VALEM 345. 150.00 SÓ NOVIDADES	SEDAS COM 0.90 LARGO SÃO NOVIDADES LINDÍSSIMAS 49.50 SÓ QUALIDADE BLUSÕES GIRÍSSIMOS EXCEDENTE INGLÊS PARA CRIANÇA 148. PARA ADULTO 176. SÓ MODA	SOUQUETES GRANDE LUXO P/HOMEM VALEM 85. A 39.50 SÓ MODA
---	---	--	--	--

SÃO EXCEDENTES DE EXPORTAÇÃO
SÃO ARTIGOS DE QUALIDADE * TEMOS 500.000 Kg PARA 15 DIAS

ROBES MARAVILHOSOS PARA SENHORA VALEM 1.500. VENDEMOS POR 398.00 SÓ QUALIDADE	CAMISAS DORMIR P/SENHORA AMBRAIAS-TERYLENE VALEM 390\$00 298.00 SÓ QUALIDADE	PANOS LENÇOL FANTASIA C/ 2.00 LARGO 98.00 SÓ QUALIDADE	TECIDO GABARDINE PRETA C/1.12 LARGO VALE 380. VENDEMOS POR 39.50 SÓ QUALIDADE	SHANTUNG TREVIRA PARA CORTINADOS C/3.00 LARGO A 148.00 SÓ QUALIDADE
TOALHAS DE MESA DESENHOS LINDOS EM TERYLENE COM 1.50 LARGO 149.50 SÓ NOVIDADES	CAMISOLAS DESPORTIVAS SÃO PRETAS UNISEXO-GIRÍSSIMAS VALEM 380. VENDEMOS A 29.50 SÓ MODA	COLANT'S FINÍSSIMOS ALTO LUXO VALEM 280. VENDEMOS A 20.00 SÓ MODA	SÓ NOVIDADES	

VOCÊ PERGUNTE!... A, ESTES PREÇOS!... PAGAM-NA?...
GARANTIMOS QUE JÁ ESTÁ PAGAN!... SÃO MILAGRES!...

SOMBRINAS E GUARDA CHUVAS DOS CURTINHOS E AUTOMÁTICOS GRANDE NOVIDADE A 398.00 SÓ MODA	PANELAS DE PRESSÃO 1.ª MARCA 6 LITROS 748.00 SÓ MODA JOGOS DE BANHO TURCO VELUDO 5 PEÇAS 398.00 SÓ QUALIDADE PANO PARA LENÇOL MERCERIZADO COM 2.00 LARGO 59.50 SÓ MODA	VOIL TREVIRA P/CORTINADOS NÃO HÁ MELHOR C/2.50 98.00 C/3.00 LARGO 125.00 ALTA QUALIDADE SÓ QUALIDADE	BOTAS DE LONA P/DESPORTO CIDADE CAMPO PRAIA 178. SÓ MODA CREPE-CHINA DESENHOS PARIS 1979 - 1.20 LARGO VALE 290. A 98.00 SÓ QUALIDADE VELUDO P/DECORAÇÃO NÃO HÁ MELHOR 1.30 LARGO 248. SÓ MODA	CRETONES E REP'S COM 1.30 LARGO SÓ QUALIDADE PADRÕES DE SONHO 69.50 SÓ MODA
--	--	---	---	--

PANO DE LENÇOL BRANCO COM 1.40 LARGO **29.50** COM 1.80 LARGO **39.50**

AGORA TAMBÉM EM VISEU (FRENTE À CENTRAL DE CAMIONAGEM)
SENHORES COMERCIANTES e REVENDEDORES
NÓS CONTAMOS CONSIGO... VISITE-NOS
RUA FRESCA, N.ºs 13-15 (Próximo Largo Conde Barão)

SALÁRIOS POR REVER HÁ 18 MESES

Crise das pescas nacionalizadas motiva paralisação em terra

Os trabalhadores do sector de terra das empresas de pesca nacionalizadas vão paralisar as suas actividades, a nível nacional, a partir das zero horas de manhã. Na Figueira da Foz, para não causar prejuízos aos pescadores, a paragem efectuar-se-á entre as 18 horas de hoje e a mesma hora de amanhã.

Razões para que se inicie esta forma de luta: as tabelas salariais da Convenção Colectiva de Trabalho Aplicável àqueles trabalhadores foram denunciadas, em Outubro de 1977, pelo Sindicato da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas.

No entanto, até agora, não foi feita por parte das entidades competentes qualquer contra-proposta, motivo por que se passou à fase de conciliação, a requerimento dos trabalhadores. Tal aconteceu há nove meses, mas desde então não houve uma única convocatória, da parte do MT, para uma (ao menos uma...) reunião de conciliação.

Como vem fazendo noutros casos, a Secretaria de Estado das Pescas, que superintende àquelas empresas, alega que o sector das pescas se encontra em situação económica difícil e, portanto, não são possíveis aumentos salariais. Contudo, ao Sindicato, nada diz.

A este propósito, elementos do sindicato envolvido na negociação (?), recordam que o peixe é pago a «preços escandalosos» enquanto os trabalhadores de terra aguardam revisão salarial há ano e meio e os do mar estão parados desde há oito meses por determinação governamental («lock-out» — chamam-lhe).

Para os representantes dos trabalhadores, que ontem realizaram uma conferência de imprensa, «as verdadeiras razões da crise no sector nacionalizado das pescas são a total falta de medidas de fundo por parte de sucessivos Governos, tendentes a alterar a situação».

Neste campo como noutros, os trabalhadores não se limitam

a fazer críticas à actividade do Governo, apresentando soluções que, aliás, não encontram eco. Vejamos as medidas propostas neste caso concreto: «saneamento económico-financeiro imediato das empresas e serviços do sector; reestruturação e reequipamento das empresas, e serviços do sector; criação da empresa pública de distribuição e comercialização do pescado; pagamento imediato dos salários em atraso e a indispensável tomada de medidas, em ordem a que os navios que operam na Mauritânia, paralisados há oito meses por as empresas estarem em 'lock-out', possam sair».



Leonor Monteiro e Jorge Pinto quando prestavam declarações ao «DL»

ESCRITÓRIOS DO PORTO

Actual direcção nunca deu resposta aos problemas dos seus associados — afirmam elementos da lista "C"

«Pela unidade na defesa dos nossos interesses» e «Por um Sindicato ao serviço de todos os trabalhadores de Escritório», a lista «C», candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto, que se realizam no próximo dia 22 do corrente mês, apresentou já oficialmente o seu programa de acção. Nele são expressas várias críticas à actual direcção dos actuais corpos gerentes. Daí, ouvimos dois elementos que integram aquela lista unitária, Maria Leonor Monteiro e Jorge Manuel

Silva Pinto que, a uma nossa pergunta, definiram, da seguinte forma a acção da direcção sindical que geriu os destinos do Sindicato durante três anos, que agora se completam.

A actual direcção ainda em exercício nunca soube ou nunca quis desenvolver uma acção que desse resposta aos problemas mais vivamente sentidos pelos associados. Todos conhecemos a actual direcção desinteressada e desmobilizadora que a actual direcção manteve ao longo do seu mandato. Temos presente o grande número de dessindicalizações verificadas ao longo do exercício desta direcção, furto de abandono a que a mesma votou muitos dos nossos colegas de escritório em fases decisivas de importantes reivindicações, nomeadamente nos processos de luta por novos Contratos Colectivos de Trabalho. Outras dessindicalizações verificadas foram resultado do desprezo a que foram votados colegas nossos atingidos pela repressão patronal, que os lançou no desemprego sem que a direcção tenha assumido qualquer posição em defesa dos mesmos, caso da Ambar, Real Vinícola, etc.

Prosseguindo, os nossos interlocutores sublinham:

«E pois face esta situação degradante em que se encontra o nosso Sindicato que decidimos apresentar a nossa candidatura em torno de um programa que finalmente, corresponde à vontade e aos interesses de todos os associados e transforme o nosso Sindicato numa organização verdadeiramente representativa de todos os trabalhadores de escritório independentemente das suas convicções políticas.

Como tem decorrido a campanha da lista «C»?

— A lista «C» tem tido como preocupação dominante o contacto directo com os trabalhadores de escritório, quer nas empresas, quer pelas sessões que tem realizado em diferentes concelhos e onde tem constatado a grande aceitação que a lista «C» tem tido. É de realçar os inúmeros grupos de apoio que se têm constituído nas empresas, à nossa lista, nomeadamente nas Caixas do Comércio, dos Têxteis, Serviços Médico-Sociais, da Indústria, Petrol, EDP, EFACEC, TLP, STCP e muitas outras.

Pena é, acentuaram, que a lista «A» e a lista «B» em vez de

contribuírem para o esclarecimento e mobilização da classe gastem o seu tempo em arranjos de bastidores, onde os interesses individuais e de grupo se sobrepõem aos interesses da classe conforme notícias publicadas em vários órgãos de informação, e até agora não desmentidas. E caberá aqui referir uma proposta da nossa lista às outras duas listas («A» e «B») para a realização de um debate público a combinar entre as três listas. Como forma de melhor esclarecer os trabalhadores dos propósitos dessas mesmas listas. Acontece que até agora não nos foi dada pelas outras listas qualquer resposta à nossa solicitação.

Quais as linhas fundamentais do vosso programa de acção?

— É propósito da lista «C», caso venha a ser eleita para a direcção do nosso Sindicato, dar especial atenção à aplicação e ao cumprimento dos CCT e das leis de trabalho, no sentido de que sejam defendidos os interesses dos trabalhadores de escritório. É pois nosso objectivo mobilizar os trabalhadores de escritório para em conjunto com os outros trabalhadores lutar pela revogação da legislação de trabalho que venha pôr em causa as conquistas até agora alcançadas.

Lutaremos para impedir os despedimentos sem justa causa, suspensões repressivas contra dirigentes, delegados e activistas sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores.

É ponto de honra da lista «C» — frisaram — pautar toda a sua acção no sentido de unir os trabalhadores de escritório na intransigente defesa dos seus interesses, estimulando a sua participação activa e organizada na

vida do seu sindicato. Entendemos que aquilo que pode unir os trabalhadores de escritório é mais importante do que aquilo que os possa dividir. Daí que defendamos que o Sindicato seja um ponto de encontro entre todos os colegas aberto à participação e ao diálogo entre todos os associados independentemente das suas convicções políticas.

A lista «C» propõe-se, ainda, incentivar a eleição de Delegados Sindicais nas empresas onde não existam, por considerar que esta será a forma de garantir uma estreita ligação entre a direcção e os associados que representa. Procuraremos, também, encontrar em conjunto com a mesa da assembleia de delegados e com a própria assembleia os meios mais democráticos e funcionais para uma capaz articulação entre a direcção e a assembleia de delegados.

E a concluir as suas afirmações:

«Os dirigentes do nosso sindicato têm desenvolvido a sua acção no sentido de isolar os trabalhadores de escritório dos restantes trabalhadores portugueses, daí que entendamos que embora prioritariamente devamos fazer incidir a nossa acção no sentido de unir a classe é, também, tendo em conta esta perspectiva que cremos dever ser definida a posição do sindicato face ao movimento sindical. Acreditamos, pois, que será na linha de independência e cooperação com todos os sindicatos, sem discriminação, na base dos interesses comuns de todos os trabalhadores, que o nosso sindicato pode e deve dar uma contribuição positiva para a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical».

Têxteis do Porto querem Governo e política novos

Activistas têxteis do Porto, reunidos num encontro promovido pelo sindicato respectivo, aprovaram uma moção na qual manifestam «vivo repúdio pelas medidas já tomadas ou anunciadas pelo Governo Mota Pinto-PPD/CDS, como a alteração da legislação laboral, aumento do custo de vida, aumento dos despedimentos, limites dos aumentos salariais, ataques à Reforma Agrária, à liberdade de informação, em geral contra as medidas que

põem em causa todos os direitos dos trabalhadores e as conquistas do 25 de Abril».

No texto da mesma moção exige-se «uma nova política e um novo Governo».

Numa outra moção é manifestada a solidariedade com «a luta de todos os trabalhadores do sector contra a repressão, os despedimentos e a recuperação capitalista do sector têxtil à custa do desemprego e da miséria dos trabalhadores».

TRIPAS VÃO PARAR

Os trabalhadores em tripas vão fazer uma paralisação de um dia, em data ainda não estabelecida. Em causa está a negociação do contrato colectivo de trabalho para o sector, particularmente no que se refere a diuturnidades, retroactivos, tabelas salariais e promoções.

F. RAMADA DESPEDE

A administração da F. Ramada, empresa metalúrgica de Ovar, manifestou a sua intenção de despedir um trabalhador que acusa de ter prestado falsas declarações na justificação de uma falta. No entanto, para os trabalhadores da empresa trata-se de um processo que visa afastar um elemento reconhecido como activista sindical e, por outro lado, atingir as suas diversas estruturas representativas.

FIM DA GREVE NA FIL

Suspensa na FIL (Fiação de Leça) uma greve iniciada há oito dias, os trabalhadores pretendem agora que, até amanhã, a administração aceite reunir-se com os seus representantes para discutir dois despedimentos verificados na empresa. Nessa altura será realizado novo plenário.

NÃO PASSAR CARTÃO

Os 16 jovens trabalhadores que foram despedidos da Fábrica de Papel e Cartão Dourado, de V. Nova de Gaia, conseguiram que a administração se compromettesse a pagar as diferenças salariais de 1978 e a satisfazer as indemnizações legais até ao próximo dia 26, depois de terem ocupado as

instalações fabris durante mais de um dia e uma noite.

Entretanto, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Celulose, Papel, Cartão e Afins protesta, em comunicado, pelo facto de «o Governo nada fazer para impedir os despedimentos colectivos». Despedimentos — frisa — fundamentados num decreto «que revoga praticamente a Constituição»: proibição de despedimentos sem justa causa.

Inoperantes as CCJs de Faro

«Para que servem as comissões de conciliação e julgamento?», interroga-se a direcção do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hoteleira e Similares do distrito de Faro.

Num comunicado agora distribuído, aquele sindicato chama a atenção dos responsáveis para «uma situação que vem piorando a vida dos trabalhadores», pois as referidas comissões (CJS's) estão longe de funcionar satisfatoriamente na zona algarvia. Há processos pendentes desde 1977: as dívidas reclamadas pelos trabalhadores ascendem a dez milhões de escudos.

E isto porque? Porque, até à presente data, o Ministério do Trabalho não nomeou ainda o presidente da CCJ do distrito de Faro. O sindicato tem solicitado audiências a nível governamental, para tentar resolver o problema, mas não tem obtido resposta. O sindicato continua à espera, e o patronato sente-se «em casa». Terá o asoberbo ministro cinco minutinhos para estudar o assunto?



PARAR PARA ANDAR

Os trabalhadores da AC — Arquitectura e Construções — uma empresa de construção civil intervencionada, voltam a fazer paralisações, hoje e amanhã, envolvidos que estão numa luta para que se possibilite a recuperação económica e financeira da firma. No seu desejo de que a AC «ande», os representantes dos trabalhadores têm estabelecido contactos com o Governo. Mas, até agora, com quatro meses de salários em atraso, apenas conseguiram que fosse enviado ao Ministério das Finanças, um parecer sobre a situação da empresa. Nos dias 14 e 15 houve paralisações a 100 por cento.

TLP EM PLENO

Já estão totalmente reparadas as avarias que se verificaram nas centrais durante a greve recentemente registada nos TLP e também as que foram consequência dos temporais na mesma altura verificadas. Com vista à negociação do ACT que motivou aquela forma de luta, realiza-se, hoje, nova reunião entre a Comissão Negociadora Sindical e a comissão directiva da empresa.

MUPRI denuncia situação que afecta 100 mil pessoas

O Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) denunciou, ontem, em comunicado, a situação vivida por mais de 100 mil pessoas, que, tendo apresentado requerimentos à Previdência (invalidade, velhice, sobrevivência, pensões sociais), aguardam despacho, há mais de um ano, na Caixa Nacional de Pensões. «A situação», considera o

MURPI, «é do conhecimento geral, como é o facto de que numerosos requerentes, quando recebem a pensão, ao fim de um período que vai de 12 a 18 meses, por acumulação de mensalidades correspondentes a 2 e mais anos, encontram-se abrangidos e têm de pagar o imposto complementar que de outro modo não lhes caberia.»

CRÓNICA À MARGEM

Apenas solidariedade

O senhor Manuel tem uma quinta e a quinta tem um poço. A quinta e o poço estão à beira da estrada e do outro lado da estrada fica uma daquelas urbanizações conhecidas por dormitórios de Lisboa.

Com a falta de água da última semana, o senhor Manuel acrescentou uma página ao Livro da Solidariedade.

Mas o senhor Manuel não foi sempre assim — daí o interesse em contar a história do poço do senhor Manuel durante a semana em que não correu água nas torneiras.

A verdade é que o senhor Manuel, pequeno agricultor e comerciante, criou fama (parece que justificada) de especulador e oportunista. Marcado pelo tradicional individualismo dos pequenos proprietários rurais, o senhor Manuel soube tirar o máximo proveito do maná com que há uns anos a «providência» o contemplou. Isto é, com a construção, mesmo em frente dos seus terrenos, da vasta urbanização, do velho agricultor dos arredores de Lisboa converteu-se num próspero comerciante. Instalando uma pequena venda onde, a par dos principais artigos de mercearia e de drogaria, passou a transaccionar os produtos da sua lavoura, o senhor Manuel foi acumulando a fortuna que até aí se lhe negara.

Há uns bons dez anos que duram os bons fados do senhor Manuel, e, a fazer fé no que contam os mais antigos moradores do dormitório, nem sempre se pautou pela lisura a actividade comercial do ex-camponês. Possuidor da legendaria «esperteza saloia» dos camponeses dos concelhos limítrofes da capital, o senhor Manuel tem sabido jogar: sonhando aqui o produto que se presume

venha a subir de preço, especulando ali com o que escasseia no mercado, sobrevalorizando habilidosamente as suas hortaliças, as suas frutas ou a sua criação.

E assim o senhor Manuel foi criando uma fama nada invejável até ao dia fatídico da falta de água.

No meio da perturbação causada pelas torneiras secas, foi lógica a lembrança do grande poço do senhor Manuel, que até está equipado com um moderno motor eléctrico.

Algumas dúvidas: — A como é que ele irá vender a água? Quais as condições que ele irá impor? (como no caso do bacalhau, por exemplo...)

E então começaram a surgir os primeiros vazilhanes nas mãos: — Poder-nos vender um pouco de água do seu poço, senhor Manuel?

— Qual vender, qual carapuça! A água é de todos, podem vir os que quiserem e as vezes que for preciso. A água é basta, a água é de todos, já disse.

E a partir daí, durante a seca das torneiras, todos os habitantes do grande dormitório de Lisboa puderam contar, a qualquer hora, com a água do poço do senhor Manuel da quinta. E foram muitos os que aproveitaram: quando os auto tanques da Câmara ou dos bombeiros tardavam, lá iam, de balde ou garrafão, ao poço do senhor Manuel.

E agora está a altura da «moral da história», onde o rebate de consciência teria por certo lugar privilegiado. Mas fico-me por aqui.

Basta-me o que disse ao princípio: «O senhor Manuel acrescentou uma página ao Livro da Solidariedade».

Rodrigues Borges

ENQUANTO AS ÁGUAS DESCEM

País faz balanço e arregaça as mangas

As águas do rio Mondego, após as cheias do século, regressaram já à normalidade, com os níveis médios habituais desta época do ano.

Com efeito, na escala hidrométrica da Ponte de Santa Clara, em Coimbra, a cota apurada às 12 horas de ontem foi de 1,15 metros registada à mesma hora de domingo.

Entretanto, e ao mesmo tempo que a Ponte sobre o Dão, coberta durante vários dias por um lençol de água que atingiu mais de 20 metros de altura, se encontra já a descoberto, as obras do açude-ponte de Coimbra, depois de 15 dias de inactividade, recomeçaram hoje com os trabalhadores a repararem os estragos causados pelas cheias.

Em Montemor-o-Velho, as águas também baixaram de forma significativa nas últimas horas, o que permite o trânsito automóvel nas ruas da localidade.

No Baixo-Mondego, já circulam viaturas na estrada Casal Novo do Rio-Alfarelos, enquanto outras quatro estradas, permanecem intransitáveis: Montemor-Verride, Santa Eulália-Ereira, Lavariz-Granja do Ulmeiro e Ereira-Verride.

Na povoação de Ereira, ainda isolada, os tractores fazem alguns serviços agrícolas. Uma equipa de fuzileiros continua a assegurar a assistência aos habitantes da aldeia.

Segundo Alfredo Machado, técnico da Hidráulica do Mondego, o nível das águas, se o bom tempo se mantiver, diminuirá ao ritmo intenso das últimas horas.

ESTRADAS INTRANSITÁVEIS

Intransitáveis continuam vinte e uma estradas portuguesas em consequência das cheias e das suas sequelas. As comunicações, apesar da melhoria das condições climáticas, continuam particularmente difíceis na área de Santarém e de Coimbra.

Os arredores de Lisboa, de Setúbal e de Aveiro também não oferecem ainda as melhores condições de segurança para a circulação.

Na área de Santarém, está intransitável o «dique dos vinte» e impossíveis as estradas que levam do Cartaxo, de Vale de Santarém e de Reguengo a Valada, povoação ainda isolada entre Vale de Santarém e a povoação Isenta também não há comunicações e de Vale de Figueira não se pode seguir para Pombalinho.

De Rio Maior é impossível transitar para Alcobertas e para Moinho de Ordem, Marmeleira.

Entre Tapada e Alpiarça a situação é semelhante, bem como entre Lamarosa e Fazendas de Almeirim e Ulme a Semideiro, onde a ponte caiu.

Na ponte de Celeiro e entre o Infantado e Coruche a estrada está aberta apenas a carros ligeiros.

Na área de Lisboa não se pode seguir do Tojal para Santa Iria da Azoia e entre Vila Franca e Arruda e Cerca de Barcarena quedas de muros impedem o trânsito.

Para a área de Setúbal continua interrompida apenas a estrada que liga Alcácer à Comporta.

De Aveiro para Águeda o trânsito deve fazer-se com precaução e é reservado apenas a ligeiros.

AUSÊNCIA DE SURTOS EPIDÉMICOS

Não foi ainda detectado nenhum surto epidémico de origem hídrica, ou outra, que se possa atribuir às cheias do Tejo ou à

falta de água a Lisboa, disse à ANOP a Direcção-Geral de Saúde.

Quanto aos cadáveres de várias cabeças de gado, em número bastante significativo, levados pelas enchentes, a Direcção-Geral de Saúde deu já instruções muito precisas, aos seus serviços de periferia da zona, tanto nas margens Norte e Sul do Tejo, como nas praias da embocadura do rio.

Assim, proceder-se-á à sua incineração sempre que possível ou ao seu enterramento em locais próprios para o efeito.

Não há «perigo iminente» para a saúde das populações de tal ocorrência, segundo aquela Direcção-Geral a não ser que a localização dos cadáveres seja numa fonte de abastecimento de água, o que é «altamente improvável».

O perigo que existe é «relativo», e decorre do cheiro da putrefacção, dos insectos e roedores que animais mortos acumulam.

CIRCULAÇÃO FERROVIÁRIA CONTINUA AFECTADA

O temporal que assolou o País, provocou, como se sabe, graves perturbações no tráfego ferroviário nacional. Assim, ainda se encontra interrompida a circulação no ramal de Vendas Novas, que sofreu graves estragos, e parte da referente à zona do Carregado. Com efeito, nesta zona a circulação está a ser feita apenas por via única, o que implica marchas muito lentas e os consequentes atrasos.

Também na Linha do Oeste o tráfego ferroviário continua afectado (supressão de algumas composições, em razão do temporal ter provocado a necessidade de executar obras de consolidação naquela linha).

Entretanto, começaram ontem a ser descarregadas na doca de Alcântara, 13 locomotivas destinadas ao reboque de comboios internacionais. Estas locomotivas, de 1200 toneladas, cada, foram fabricadas no Canadá e o seu valor global ronda os 413.400 contos.

AValiação DOS ESTRAGOS

A Câmara Municipal de Lisboa vai solicitar ao Governo 111 mil contos para reparação dos danos causados pelo temporal. Segundo o documento que fundamenta o pedido desta verba, existem actualmente em Lisboa 36 prédios em ruínas, e 33 que se encontram em péssimo estado de conservação, além de 20 barracas que ruíram.

Para além destes estragos, o temporal também causou os seguintes: 33 barreiras caídas e mais 14 que ficaram em risco de ruir; 14 muros caídos e outros tantos ameaçados; 19 pavimentos danificados; quatro colectores estragados; e, entre outras coisas, pavimentos de calcário arrancados.

Apontam para 70 mil contos os primeiros cálculos referentes às verbas necessárias para obras de reconstrução na Régua, uma das cidades do País mais atingida pelo temporal.

Ainda no quadro da inventariação dos prejuízos causados pela intempérie: conta-se em cerca de 10 mil contos a verba necessária para fazer face aos estragos verificados na Póvoa de Varzim.

CADEIA DE SOLIDARIEDADE

Trabalhadores e moradores do distrito de Lisboa souberam responder da melhor maneira ao apelo que lhes fora feito pela União dos Sindicatos de Lisboa no sentido de manifestarem a sua solidariedade activa para com os sinistrados.

SOLIDARIEDADE

Com efeito, contam-se por cinco mil e quinhentas as peças de roupa que, até ontem, deram entrada no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, no Rossio, em Lisboa.

Para além das peças de roupas, também vão chegando àquele Centro brinquedos, farinhas, leite, conservas, cobertores, sapatos, etc., que vão sendo encaminhados diariamente para as populações mais atingidas pelas cheias.

Tão vazias as torneiras como cheios os cofres das empresas de águas de mesa

Fartos rendimentos meteram nos cofres as empresas produtoras e vendedoras de águas de mesa, em consequência da falta de água que durante uma semana se fez sentir em Lisboa, é tal como relata um serviço da ANOP dedicado ao assunto.

O caso mais flagrante é o da «Água do Luso», que se vendeu tudo o que havia envasilhado e ainda foi forçada a lançar no mercado os seus pacotes de litro destinados à exportação e alindados com caracteres árabes. A maior parte desta água portuguesa de exportação destina-se, aliás, aos países árabes onde jorra o petróleo e escasseia a água potável.

A «Água do Luso» só na região de Lisboa vendeu 150 mil garrafas, pouco mais ou menos o décuplo do que é normal para a época. O transporte por grosso para a capital chegou a ser tomado de assalto pela população, antes de chegar ao retalhista, o que (bem vistas as coisas) é uma salutar forma de comércio directo que elimina, pelo menos, um intermediário. Considera a empresa, principal abastecedora de águas de mesa no mercado português, que das suas bicas para a garganta da lisboeta sedento deve ter corrido algo

assim como um milhão de litros.

Os grandes problemas de abastecimento resultaram da falta de vasilhame, pois o lisboeta, desprevenido, que não tinha em casa garrafas suficientes para correr ao autotanque ou ao chafariz público guardou para si os garrafas, o que originou «verdadeiras dores de cabeça» às empresas, que se debateram com a falta de recipientes.

As embalagens normalmente destinadas à exportação para o mundo árabe poderão dentro em breve vir a ser comercializadas também em Portugal. A mesma empresa, por outro lado, caso a situação se continuasse a degradar, seria obrigada a emitir um comunicado à população apelando à entrega de garrafas. Tal, porém, não chegou a ser necessário, dado o abastecimento de água à capital estar a normalizar-se.

Outras empresas, como foi o caso, por exemplo, das «Águas do Vimeiro», só vendiam água a troco de garrafas vazias, exigência que nem sempre produziu os seus efeitos, já que o lisboeta conseguia quase sempre um «escape» para o não cumprimento da obrigação.

Para o transporte do líquido, não só foi utilizada toda a frota da

empresa como foi necessário recorrer a todos os meios disponíveis, os quais, mesmo assim, não davam escoamento rápido às encomendas.

De salientar, por outro lado, que trabalhadores das empresas contactadas pela ANOP ofereceram voluntariamente o esforço que foram obrigados a desenvolver para atender a todos os pedidos.

Um informador das «Águas do Luso» disse que a situação estava quase a atingir os limites do insuportável, mas que a partir de ontem melhorou sensivelmente.

Valada teme epidemia

VALADA DO RIBATEJO, 20— Enquanto prosseguem as obras de reparação do dique, danificado pelas cheias, a população de Valada teme agora o perigo de epidemia dado que milhares de cabeças de gado morto não foram ainda enterradas. A maioria dos mil e quinhentos habitantes da povoação foi evacuada para o Jardim de Infância do Cartaxo e para a Casa do Campino de Santarém.

Valada é a principal estação

de abastecimento de água a Lisboa e já o ano passado se verificou um prenúncio de destruição do dique que deveria ser sujeito a fiscalização periódica o que não se verifica.

Os estragos provocados pelas cheias são ainda incalculáveis tendo a água destruído grande parte dos haveres da população, não poupando sequer os mortos tendo, na zona do cemitério, sido avistados caixões a boiarem.

ATÉ SÁBADO OU DOMINGO

Lisboa continuará a lavar-se como o gato

Enquanto começa a ser cada vez mais difícil encontrar no mercado água de mesa, nomeadamente do Luso e do Vimeiro, em garrafas e garrafas, tudo indica que o abastecimento de água da torneira à cidade de Lisboa e às zonas periféricas se venha a normalizar completamente, apenas no próximo fim-de-semana.

Até lá, necessário se torna que o lisboeta e as populações das áreas limítrofes se armem de paciência, continuem a lavar-se como o gato e a recorrer aos chafarizes, aos autotanques, às águas de mesa (se as houver...) e, raramente, ao jorro das torneiras.

Com feito, pode-se dizer

que, pelo momento, a situação não permite esperar mais. Isso na medida em que, apesar dos extraordinários esforços (nunca é de mais salientar), produzidos pelos trabalhadores da EPAL, somente alguns poços de captação entraram em funcionamento, existindo ainda muito material eléctrico em fase de secagem.

Camionista bate e foge

Foi em Carnaxide, na travessa Visconde Moreira, que, enquanto o sr. Vicente foi tomar uma bica, uma camioneta foi embater no automóvel que deixara estacionado junto de sua casa. Duas portas amassadas, uma ilharga destruída e uma roda torcida — tal é o balanço do embate. No entanto, a camioneta seguiu viagem a velocidade aumentada. Um vizinho que ouviu o estrondo do choque ainda se meteu no seu carro e

perseguiu o camionista. Este, porém, a certa altura, apagou as luzes, meteu-se por uma azinhalha e pirou-se à papo-seco. Até hoje. O sr. Vicente tem mantido o carro ali, estacionado, na esperança de que o condutor da camioneta tenha um rebate de consciência. Mas, até hoje, nada... Da camioneta, fatiasmas sabe-se apenas que é HF e qualquer coisa. Os números da matrícula estavam cobertos de lama.

GNR E CORPO DE INTERVENÇÃO BLOQUEARAM A CIDADE

UCP's e Cooperativas de Portalegre voltam na quarta-feira a Lisboa

A política do MAP foi, mais uma vez, contestada pelos trabalhadores agrícolas do distrito de Portalegre, que, ontem, se manifestaram nesta cidade exigindo uma resposta às questões expostas num documento entregue aos órgãos de soberania por uma delegação que se deslocou a Lisboa, há cerca de duas semanas. Pretendem os trabalhadores que seja posto termo à ofensiva desencadeada contra a Reforma Agrária e a retirada da GNR e PSP do processo, entre outras reivindicações apontadas no referido documento.

O Governo, todavia, mantém-se surdo ao diálogo e empenhado numa tática de intimidação e violência tal como pudemos verificar pelo aparato policial mandado para Portalegre e que, ontem, num insulto à democracia, se deixava ver em todos os pontos da cidade. Portalegre foi uma terra ocupada por forças da PSP, polícia de choque e GNR. Todas as entradas estavam rigorosamente vigiadas, o material bélico bem à vista, sentindo-se a ameaça pairar e a sensação desagradável de estarmos num país onde os princípios do 25 de Abril começaram a ser esquecidos pelos governantes.

A concentração iniciou-se por volta das duas horas, como tinha sido programado. E decorreu sem incidentes, apesar das forças policiais, numa atitude provocatória, terem praticamente isolado o local, cortando as vias de acesso com barreiras de homens.

Entre as intervenções ali proferidas destacamos a de Moisés Calado, dirigente do secretariado distrital das UCP's e Cooperativas, que focou alguns aspectos relacionados com a entrega de reservas, algumas das quais já inviolizaram e destruíram um número razoável de cooperativas. Salientou, ainda, o carácter

imperialismo em várias frentes, nomeadamente no Irão e no Camboja, concluindo-se que a situação internacional era favorável às forças progressistas. Por fim a moção propunha o repúdio contra a invasão do Vietname pela China, «comandada de Washington», manifestando

reconhecimento pelas autoridades. Na verdade, a marcha ordeira de mulheres e homens, que outras armas não têm a não ser as mãos calejadas, foi interrompida, em certa altura do percurso, por um cordão de polícia. A propósito, durante a manifestação, diziam-me duas ou

coisas concretas manifestam um ódio claro contra os trabalhadores. Foi o caso do polícia que, junto a uma das entradas de Portalegre, disparou um tiro sobre as rodas de um tractor inserido no cortejo de máquinas agrícolas que os trabalhadores trouxeram para a cidade. Nada justifica o



Trabalhadores agrícolas manifestam-se nas ruas de Portalegre...

todavia a convicção de que o País, vítima do ataque «dos novos mandarins», acabaria por vencer...

Quem está de acordo? — pergunta Joaquim Miranda

Da multidão um grito único: «Quem não estará...»

Quem se abstém? De novo a resposta colectiva (com todos os braços no ar): «Isso é que era bom...» E a afirmação oral traduziu-se no «Apoiado».

Intervenção vibrante e calorosamente recebida pelos trabalhadores seria a de António Murteira, membro da comissão organizadora da 3.ª Conferência da Reforma Agrária que salientou o facto de a repressão andar de novo a rondar o Alentejo,

três mulheres da UCP «Unidade de Trabalhadores», de Campo Maior, onde, hoje, estava prevista a entrega da 13.ª reserva, que não tinham medo da polícia porque sabiam que não estavam a fazer nada de mal. «Final o que queremos nós?» — interrogavam-se — «Apenas trabalho. Nós nem sequer pedimos 20 contos por mês... Só queremos ganhar o mínimo que nos dê para viver...»

António Murteira, na sua intervenção, afirmou, ainda, que os trabalhadores, apesar de tudo, queriam salvar a produção «ameaçada mais do que nunca pelo mau tempo e pela prática do Governo Mota Pinto».

E dirigindo o olhar, por diver-

gesto daquele polícia. Nem sequer o medo porque ninguém o estava a ameaçar.

«Pessoas que tomam atitudes destas terão de ser responsabilizadas» — disse António Murteira.

Também disse que «as terras roubadas «terão de vir novamente para as mãos dos trabalhadores». E que se a ofensiva continuar outras formas de luta terão de ser encaradas «não só a nível da Reforma Agrária mas também a nível nacional como a paralisação do passado dia 24 de Janeiro, embora mais poderosas».

No âmbito da luta a desenvolver foi proposta, na concentração, a ida de uma delegação a Lisboa, na próxima quarta-feira, devendo entretanto os trabalhadores concentrar-se nas estradas em sete pontos do distrito, a fim de entregarem propaganda aos transeuntes motorizados e pedestres.

Pretentiam os trabalhadores que a delegação fosse acompanhada pelo governador civil de Portalegre, dr. Francisco Feitinha que, entretanto, ao tomar conhecimento do convite se esquivou a ele. Isto será o princípio das lutas, «mais poderosas», dentro do quadro constitucional, que os trabalhadores, caso as suas reivindicações não sejam satisfeitas, se dispõem a travar.

As sementeiras de Primavera aproximam-se e o Governo continua a esquecer os interesses do País, sobrepondo a eles os seus interesses de classe. No entanto os trabalhadores, segundo fomos informados, pensam realizar no próximo dia 3 de Março, em Beja, um Encontro, a nível da zona de intervenção da Reforma Agrária, a fim de analisarem as questões respeitantes à campanha de culturas de Primavera.

Coloca-se, contudo, um problema: «Poderão os trabalhadores produzir tranquilamente se o Governo está a enviar cada vez mais forças repressivas para zona da Reforma Agrária? Se os postos de Beja, Évora e Portalegre foram reforçados com efectivos da GNR e da PSP e se estas mesmas forças se exibem nas ruas e nas estradas como se de um exército estrangeiro se tratasse, terão os trabalhadores condições para produzir aquilo de que o nosso País precisa?

ENSINO

PROFESSORES DO CENTRO

Recusada a convocação de uma Assembleia Geral

O presidente da mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Zona Centro recusou o pedido de convocação de uma Assembleia Geral para recorrer da sua decisão que considerou procedente um recurso de impugnação das eleições realizadas em 31 de Janeiro passado.

Este pedido fora apresentado na passada sexta-feira, sob a forma de abaixo-assinado, contendo 139 assinaturas de professores sindicalizados.

O presidente da MAG considerou no despacho divulgado ao fim da tarde, que «a sua competência não está sujeita ao controlo de qualquer outro órgão sindical», pelo que, acrescenta, a mesa da Assembleia Geral «funciona, assim, como verdadeiro tribunal eleitoral no âmbito do sindicato».

Salienta, por outro lado, que «uma Assembleia Geral não pode, em caso algum, ser convocada com a ordem de trabalhos indicada no abaixo assinado» e remete os seus signatários para os «tribunais da República».

Interrogado sobre se, ao remeter para os tribunais comuns um assunto que ainda não foi debatido no órgão máximo do pessoal colectivo em causa (Assembleia Geral do Sindicato) não estaria a recusar à classe a possibilidade de o fazer, um elemento da MAG reafirmou que aquela decisão não pode ser modificada pela Assembleia Geral.

«Cada um entende como quiser. Nós tomamos esta decisão porque esse é o nosso entendimento» — concluiu.

Entretanto, a lista B (unitária de Esquerda), vencedora das eleições, considera «um verdadeiro escândalo o que se está

a passar no Sindicato».

Em conferência de Imprensa realizada ao princípio da noite na sede do Executivo distrital de Coimbra, os elementos que integram aquela lista acusaram a actual direcção do sindicato o «principal responsável» pelas anomalias que estiveram na origem do pedido de impugnação.

A impugnação ter-se-ia baseado no facto de 23 votos por correspondência terem sido enviados para os executivos distritais e, ainda, por alguns professores não estarem inscritos nos cadernos eleitorais e outros se terem inscrito somente em Janeiro.

A lista B considera que o número de votos abrangidos pelas alegadas irregularidades não ultrapassa a meia centena, quando a diferença de votos entre as duas listas verificada nas eleições foi de 110.

Admite que «até por má-fé se poderiam ter enviado votos para a sede dos executivos» e alega que a responsabilidade de não inscrição é dos próprios sócios que não verificaram os cadernos eleitorais.

Afirmaram ainda que um dos elementos que interpsôs o recurso de impugnação não é professor desde Janeiro de 1978, mas sim funcionário da fundação Oliveira Martins (ligada ao PSD), o que sublinharam «reflecte uma nítida ingerência de um partido político na vida do sindicato».

Quanto à recusa do Presidente da mesa em convocar a Assembleia Geral do Sindicato, qualificam tal atitude de «totalitária» e inserida no que classificaram como uma «manobra mais ampla» que visaria «bloquear a vida do sindicato ou mesmo destruí-lo».

Maior controlo do Ministério das Finanças sobre as empresas públicas

Terão de ser submetidos não só ao Ministério da Tutela como ao das Finanças e Plano todos os orçamentos de exploração de investimentos a elaborar pelas empresas públicas em cada ano económico, de acordo com um Decreto-Lei agora publicado na folha oficial. O diploma justifica a medida pelas «incidências do comportamento das empresas públicas nas finanças do Estado, obrigado muitas vezes a cobrir os seus prejuízos ou a financiar parte substancial dos investimentos».

Uma série de poderes atribuídos ao Ministério da Tutela, ressaltando nomeadamente aos planos de actividade e financeiros anuais e plurianuais, aos orçamentos, aos critérios de amor-

tização e integração, balanços contratação de empréstimos, política de fixação de preços de venda e estatuto do pessoal, em especial no que concerne à fixação de remunerações, terão que ser avaliados a partir de agora por autorização ou aprovação do Ministério das Finanças e do Plano.

O referido diploma obriga as «comissões de fiscalização» a apresentar relatórios trimestrais, embora sucintos, através dos quais os Ministérios directamente ligados ao sector (de Tutela) e das Finanças e do Plano acompanharão a evolução das situações económica e financeira das respectivas empresas públicas.

Organização de reclusos contra a repressão

«Uma das melhores formas de os trabalhadores da informação fazerem frente à repressão crescente é aderirem à nossa luta», lê-se num comunicado emitido pela Frente de Acção Contra a Repressão.

Esta organização de presos, ex-presos e outras pessoas «pretende tornar-se num amplo movimento de luta contra a repressão» e acaba de editar o primeiro número do seu boletim, intitulado, a propósito «Contra a Repressão».

O comunicado da FACRE salienta que a actualidade da luta contra a repressão é bem demonstrada pela ofensiva governamental contra os trabalhadores da informação — apontando como exemplos os casos dos jornais «Século» e «Diário de Lisboa» e as rusgas feitas no «Página Um» e na «Voz do Povo» e a suspensão do programa «Contraponto», na RDP, bem como toda a actividade da nova comissão administrativa desta empresa.



Muitos milhares de pessoas (e não cerca de cinco mil como afirma a PSP escutam as intervenções sobre a ofensiva contra a Reforma Agrária

de classe que orienta a ofensiva contra a Reforma Agrária, tendo, a propósito, dito que o MAP entregou uma reserva na cooperativa da Cunheira ao Visconde de Botelho. «Como Ferreira do Amaral é monárquico fica tudo em família...» — comentou Moisés Calado.

VIETNAME VENCERÁ

Com enorme receptividade, o que denota já uma consciência não apenas epidérmica, os trabalhadores escutaram a leitura de uma moção apresentada por Joaquim Miranda, técnico do secretariado distrital das UCP's e cooperativas agrícolas. Nesse texto sublinhava-se a derrota do

repetindo-se, assim, o passado que muitos julgavam morto de vez.

«Não vemos as ferramentas e máquinas para trabalhar, mas sim a GNR armada de G-3, de canhões e blindados...» Numa outra passagem do seu discurso o orador referiu o direito que as pessoas tinham de «estar ali», de se manifestarem e de percorrerem, à vontade, as ruas de Portalegre... No entanto, mais tarde, quando a manifestação se dirigia para o Governo Civil, a atitude das forças policiais viria contrariar as palavras de António Murteira. O direito de os trabalhadores percorrerem livremente as ruas de Portalegre parece não ter sido

sempre, para o cordão de polícias que se encontrava por detrás da mesa improvisada António Murteira acrescentou: «Estou a ver as ruas guardadas pela polícia. Se foi o governador civil que mandou, então que assuma as suas responsabilidades e se deixe de demagogias». E fez, ainda, notar que a «cabeça da reacção» ou «o inimigo principal» não era a GNR nem a PSP, mas sim aqueles que os mandavam para a repressão.

Afirmamos correcta a de António Murteira. Há porém que condenar as posições assumidas, individualmente, por certos elementos das forças repressivas, que, por vezes, em situa-



Barracas de veraneio: um sonho destruído pelo mar



Linha da Costa à Fonte da Telha: os SS falam por si

COSTA DA CAPARICA: 250 FAMÍLIAS EM PERIGO

O esporão que faltou três vezes

Três vezes o mar entrou pela terra adentro, na madrugada da última quinta-feira, na Costa da Caparica. Com demoníaca violência e um furor do outro mundo — lembraram à reportagem do «DL» parte dos habitantes do Bairro do Campo da Bola, um amontoado de casas que apareceu depois do «25 de Abril» por obra da Comissão de Moradores da área com o apoio da Câmara Municipal de Almada e o esforço de todos. Mas casas que vão ganhando uma ordenada configuração, alinhadas, de gente humilde que vive do mar: pescadores que aí vão no Verão e no Inverno repartem o seu tempo entre o Bico da Areia (pesca de linguados, robalos e chocas que escasseiam cada vez mais) e os tijolos de cimento levantados para suportar o frio e sentirem-se alguém porque casa têm.

Três vezes, entre outras que perderam o conto, o mar avançou ululante, com estrondo e raiva, deixando o pânico entre várias centenas de inofensivas pessoas, crianças que vão à escola, velhos que ainda recordam os temporais de 1963 e dizem: «Nunca vimos coisa tão ruim como na noite de quarta para quinta-feira.» Ti Manuel Luís, 48 anos de vivência ali, outras tantas inverniais no corpo e na alma, conta para nós: «Ameaça tão grande nunca eu vi aqui. Parecia (o mar) que nos queria levar a todos.»

Não levou ninguém (felizmente). Mas deixou marcas profundas em todos. Destruíu casas (de veraneio e não só), barracas de gente que ficou mais pobre, espoliou-se por covas onde em lagoas se tornou e as crianças brincam agora que a tempestade já passou. E por quê?

Alfredo Silva, uma vida ali com «passaporte de coelho» («salto») para França por mor da guerra colonial (veio de Paris

depois de Abril e lá voltou para recompor o seu «erário», disse-nos que o «mar já comeu vinte metros aos cinquenta que o separavam da duna» e, a não serem tomadas providências, vai-se a areia, vai-se, vão as casas, «vai-se tudo». E tudo isto por causa de um esporão: um muro reforçado que defenderia toda aquela gente da fúria do mar. Se existisse.

TODOS OS ANOS PELO VERÃO

Três vezes (tantas quantas o mar investiu com mais força) o arremedo de esporão da «Transpraia» faltou os resultados estão à vista: as águas invadiram aquele ordenado parque de casas humildes, devoraram barracas de madeira incrustadas na areia, deitaram por terra outras que retornados exploram em tempo de Verão para viver durante o resto do ano. É certo que nunca, nos últimos quinze anos, o mar foi tão cruel como na madrugada da última quinta-feira, mas não é menos verdade que se a protecção naquele sítio

tivesse sido reforçada muito mal se evitaria.

Ti Manuel Luís junta: «Andaram a levantar aqui um esporão, mas deixaram-no a meio e foram para a Trafaria proteger uma coisa de NATO. Quer dizer: deixaram os pescadores e os retornados daqui desamparados e foi a nós que o mar bateu. De nós só se lembram no princípio do Verão, quando aqui vêm receber. Depois, quando isto acontece, nem sequer cá vêm perguntar se precisamos de alguma coisa.»

— Quem, ti Manuel Luís?

«Os senhores da Hidráulica.» Foram eles que cá andaram a

erguer aquele muro (e aponta para o sítio) que poderia ser um esporão, mas não é. Andaram aqui em Dezembro e Janeiro, mas, às tantas, partiram lá para a NATO, lá para os lados da Trafaria. Até parece que adivinhavam que o mar ia a atacar»

E investiu. Não só no Bairro do Campo da Bola como em toda a Costa da Caparica. Barracas que no último Verão foram a garantia para muitas famílias de retornados viver um Inverno menos agreste (aspirações que não passou disso mesmo: um sonho de Verão), outras que serviram para delícia estival de forasteiros cada vez mais da vila, desapareceram. E o esporão de que todos nós falamos, se existisse teria impedido muitos estragos, muito pânico, outra tanta dor.

«QUANDO O MAR/ BATE NA ROCHA...»

— Que querem vocês agora? — foi a vez do repórter intervir.

«Que se tomem providências. Que o esporão seja construído. Que se tenha em conta que vivemos cá: nós, os pescadores, os campistas que não têm casa e aqui montaram a sua nos parques em volta», obtempera Alfredo da Silva.

O povo da Costa da Caparica está acostumado às inclimências do tempo, aos «afagos» inverniais do mar, aos prejuízos que o mar lhes traz quando galga a terra, passando a duna e desfigurando os pedregulhos que lhe tentam barrar a investida. Mas já não aguenta o adiamento de soluções. E então aquele esporão que na «Transpraia» ficou a meio, semierguído, metade esquecido, está-lhes na cabeça. Não podem crer que foram pre-

teridos em favor dos serviços para a NATO, lá para os lados da Trafaria. A velha história de «quando o mar bate na rocha...»

Na «Transpraia», ao sul da vila e antes da praia da Mata, uma amostra da violência do mar pode ser-nos dada pelos SS em que se transformou o «comboio» que vai da Costa da Caparica à Fonte da Telha, ou vice-versa. Ficou, naquele sítio, aos SS e parcialmente destruído. Os carros saíram do lugar e cederam uns metros no seu percurso. Vai ser difícil, segundo os nossos interlocutores, funcionar no próximo Verão e levar as pessoas à Riveira, à praia do Rei ou da Rainha para deleite das crianças e alívio de quem não tem viatura e não dispensa a Fonte da Telha.

Uma coisa há que merece a unanimidade de quem ouvimos: não há que assacar culpas à Câmara Municipal de Almada, a entidade administrativa que superintende na área. «Sempre corresponderam às nossas necessidades. A Hidráulica é que falhou», acrescenta Alfredo Silva.

RETORNADOS: AS MAIORES VÍTIMAS

É difícil avaliar os prejuízos causados pelo mar na Costa. Desde a destruição do «Victoria Bar» ao «Tarquinio» (onde este ano os seus clientes não poderão estender a toalha a alguns metros do mar, perto da marginal e não muito longe da Rua dos Pescadores), foi uma calamidade. Três pedras gigantes entre ambos, na marginal; brechas abertas na terra; areia que se «volatilizou» deixando menos

espaço em rectângulos onde as pessoas se amontoavam como em «formigueiro humano» deslocado por chapéus de sol e toldos, todas essas marcas se estendem nos poucos quilómetros de praia que quase o não é na Costa da Caparica.

Como é que as pessoas vão viver no próximo Verão?

A pergunta pô-la o repórter. E as pessoas que ouvimos, Manuel Luís e Alfredo Silva, mais Agostinho Luís, que encontrámos a aproveitar tiras de madeira de uma das barracas de veraneio destruídas, não no-la souberam dar. Alfredo Silva foi mais longe: «Os maiores prejudicados são os retornados que compraram barracas de comes e bebes e para o aluguer de toldos. Agora que tanto se fala de vítimas das cheias (e infelizmente houve muitas), bom será que não esqueçam essas e outras pessoas, não só da Costa como de outras terras. Pessoas que procuram montar a sua vida, ganhar algum dinheiro para sobreviverem no Inverno, e quando menos o esperavam se viram novamente sem nada.»

Mais ainda (e com receio do futuro): «Se não nos protegerem que vamos fazer?»

A protecção que todos pedem, além do estafado esporão da «Transpraia» que ficou a meio e ainda não sabem quando será construído, deverá ter em conta não só aquela área como toda a costa: sobretudo o extenso muro de pedras que ao longo da marginal, de tanto resistir à fúria das águas já não oferece garantias para outra «batalha» tão desigual.

Júlio Rodrigues (texto)
José Tavares (fotos)



«Bar Vitória»: retornados sem sustento para os próximos meses

O CONFLITO SINO-VIETNAMITA

De há muito que o Vietname vinha alertando a opinião pública mundial para a perigosa situação criada nas suas fronteiras pela República Popular da China. Infelizmente os piores receios do tão sacrificado e heróico povo vietnamita vieram a confirmar-se com a brutal agressão que 170 mil militares, apoiados por blindados, artilharia e aviões militares perpetraram contra o Vietname no sábado passado. Fábricas e instalações vitais bombardeadas, um número ainda desconhecido (mas sabidamente muito elevado) de vítimas humanas — eis o primeiro balanço da ofensiva chinesa. Até onde irá Pequim? Que complicitades haverá noutras capitais, nomeadamente em Tóquio e em

Washington com os dirigentes da China? Se a URSS viesse a intervir no conflito, que consequências poderia isso acarretar?

Para que se possa avaliar todo o clima de intimidações que o Vietname viveu por parte da China, antes da agressão, fornecemos hoje um «dossier», constituído por um protesto dirigido ao secretário-geral e ao presidente do Conselho de Segurança da ONU, um protesto endereçado à Embaixada da China no Vietname, uma entrevista do MNE vietnamita, Nguyen Duy Trinh, e um resumo das provocações chinesas na fronteira com o Vietname.

Carta ao presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas

Senhor presidente.
«Tenho a honra de lhe dar a conhecer a grave situação criada no Vietname:

«Ultimamente as autoridades chinesas intensificaram as actividades armadas na fronteira vietnamita e empreenderam preparativos de guerra febris contra o Vietname.

«Elas utilizaram umas vinte divisões, centenas de aviões de combate, numerosos tanques e outros materiais de guerra na proximidade imediata da fronteira sino-vietnamita. Entregaram-se diariamente a actividades armadas, violando o território vietnamita e criando assim uma situação extremamente perigosa ao longo de toda a fronteira entre a China e o Vietname. Uma tal situação suscitou e suscita viva inquietação entre os Governos de numerosos países e na opinião pública mundial.

«Os actos mencionados são resultado da política anti-vietnamita das autoridades chinesas e dos seus objectivos expansionistas no Sudeste Asiático. Desde o início dos anos 70 apossaram-se militarmente das ilhas Hoang Sa (Paracels), fizeram reivindicações absurdas sobre outras ilhas vietnamitas no mar oriental (Sul do mar da China) e provocaram diferendos fronteiriços entre os dois países. Incitaram os Hoa do Vietname a criar perturbações. Aproveitando-se das dificuldades causadas no Vietname por calamidades naturais, cortaram

o seu auxílio e retiraram os seus especialistas a fim de tentar subjugar o Vietname. Pediram também aos outros países que deixassem de ajudar o Vietname, contrariamente à resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, no que diz respeito ao auxílio dado à reconstrução do Vietname. Serviram-se da clique Pol Pot-leng Sary como instrumento para desencadear a guerra contra o povo vietnamita, provocar conflitos com outros países vizinhos, ameaçando assim a paz e a estabilidade no Sudeste Asiático. Ao mesmo tempo procuraram semear a divisão entre os países da ASEAN e o Vietname, e pôr os países do Sudeste Asiático uns contra os outros.

«O povo vietnamita e o Governo da República Socialista do Vietname denunciam energicamente os actos de intimidação de guerra das autoridades chinesas, actos aventureiros que podiam levar a consequências perigosas e imprevisíveis para a paz e a segurança no Sudeste Asiático e no Mundo. Através dos seus actos e das suas palavras, as autoridades chinesas agiram contrariamente à Carta das Nações Unidas, ignoraram os princípios elementares do direito internacional, o que é um grave desafio aos povos e aos países que amam a paz e a justiça no Mundo.

«O povo vietnamita, sempre vinculado à tradicional amizade

entre o Vietname e a China, preservava na sua política de solução negociada dos assuntos litigiosos, mas está decidido a defender a independência, a soberania e a integridade territorial sagrada da sua pátria e os frutos do seu labor pacífico. O povo vietnamita está firmemente convencido de que os povos e os Governos dos países do Mundo que amam a paz e a justiça, farão tudo o que puderem para se opor a tempo aos actos aventureiros e belicistas das autoridades chinesas, reforçando a sua solidariedade com o povo vietnamita, para a defesa do Vietname.

«Senhor presidente do Conselho de Segurança:

«Espero que o Conselho de Segurança, tendo em vista as suas altas responsabilidades na manutenção da paz e da segurança internacionais, examinará a grave situação acima exposta e tomará todas as medidas que julgar apropriadas.

«Peço-lhe que faça distribuir a presente mensagem como documento oficial do Conselho de Segurança, em intenção de todos os seus membros.

«Queira aceitar, senhor presidente, a expressão da minha mais elevada consideração.»

Hanoi, 10 de Fevereiro de 1979.

Nguyen Duy Trinh
Vice-primeiro ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da República Socialista do Vietname

mesmo dia, soldados chineses atiraram do outro lado da fronteira sobre os habitantes da aldeia de Kho Tau, (comuna de Ban Vuoc, distrito de Bat Xat, provincia de Hoang Lien Son), que estavam a trabalhar no campo, feriram uma criança.

Facto mais grave: no dia 6 de Fevereiro, as autoridades chinesas fizeram penetrar as suas tropas no território vietnamita dentro do qual cometeram numerosos crimes contra a população local: na provincia de Quang Ninh, pelas 8 e meia, numerosos soldados chineses penetraram até setecentos metros no território vietnamita. Armaram emboscadas no monte Cao Ba Lanh, pertencente à aldeia de Phai Lau, comuna de Van, distrito de Binh Yigux, matando três guardas fronteiriços e raptando um.

Na provincia de Hoang Lien Son, às 10 e 5, numerosos soldados chineses que tinham penetrado na aldeia vietnamita de Pac Bo, comuna de Ban Lau, Distrito de Muong Khuong, mataram três guardas fronteiriços vietnamitas numa emboscada e capturaram outro. Além disso, apoderaram-se de quatro metralhadoras do tipo A.K. Quando os milicianos vietnamitas foram buscar o corpo das vítimas, os soldados chineses do outro lado da fronteira abriram fogo, ferindo assim um miliciano vietnamita.

Na provincia de Lai Chau, centenas de soldados chineses atravessaram a fronteira e atacaram de surpresa com morteiros

de 82 mm e armas automáticas de 12,7 mm o posto de Xa Ho da segurança popular vietnamita no sector de Lang Than Sa, comuna de Ma Li Chi, distrito de Phong To. Três combatentes vietnamitas foram mortos, 6 feridos e 4 raptados. Nos dias 7 e 8 de Fevereiro, numerosas formações de aviões chineses violaram o espaço aéreo do Vietname, sobre o sector de Muong Khuong, distrito de Bat Xat, provincia de Hoang Lien Son para procederem a provocações e operações de reconhecimento.

No dia 7 de Fevereiro, na provincia de Hoang Lien Son, dezenas de soldados chineses atravessaram o rio de Nam Thi, penetraram na aldeia de Ban Quan, comuna de Ban Pihet, distrito de Muong Khuong, na intenção de cometer crimes. Descobertos por forças armadas vietnamitas que lançaram tiros de aviso, puseram-se em fuga, regressando aos seus pontos no outro lado da fronteira e abrindo fogo de metralhadoras e outras armas de infantaria, do que resultaram graves danos para numerosas casas da população.

No mesmo dia, às 22 e 20, os soldados chineses que atravessaram novamente o Rio Vermelho para penetrarem na aldeia de Kho Tau comuna de Ban Vuoc, distrito de Bat Xat, atiraram sobre uma patrulha da milícia vietnamita, matando três milicianos da aldeia de Kho Tau.

Facto particularmente grave: após as provocações de 26 e 31

de Janeiro, no dia 8 de Fevereiro, pelas 22 e 10, os soldados chineses usaram canhões sem recuo de 75 e 85 mm e outras armas para atacarem o posto fronteiriço de Ho Pa e os arredores de Ban May, provincia de Ha Tuyen, causando pesadas perdas às forças da guarda fronteira e à população vietnamita desta região.

Os actos criminosos cometidos nos primeiros dias de Fevereiro pela parte chinesa e as ameaças grosseiras do vice-primeiro ministro Deng Xiaoping revelam inteiramente os desígnios das autoridades chinesas de porem em acção cada vez mais febrilmente a sua política hostil contra o povo vietnamita, criando uma situação extremamente tensa na fronteira dos dois países, e atentando grosseiramente contra a soberania territorial do Vietname, cuja segurança nacional ameaçam gravemente.

O MNE da RS do Vietname condena severamente estes novos actos criminosos das autoridades chinesas e exige resolutamente que elas ponham termo imediatamente às violações da soberania do Vietname, à ameaça contra a sua segurança, indemnizando as populações da região fronteira e restituindo ao Vietname aquilo que a parte chinesa capturou. As autoridades chinesas devem assumir a inteira responsabilidade das consequências causadas pelos seus actos extremamente agressivos.

Memorial das provocações chinesas

Segundo estatísticas ainda incompletas, em Janeiro de 1979, a todo o comprimento da fronteira Vietname-China desde a provincia de Quang Ninh à de Lai Chau, os chineses fizeram 171 violações de áreas territoriais do território e do espaço aéreo do Vietname, 24 das quais em Quang Ninh, 40 em Lang Son, 33 em Hoang Lien Son, e 7 em Lai Chau. O número das referidas violações chinesas duplicou em relação às ocorridas no 3.º trimestre de 1978 e foi quase igual ao do quarto trimestre de 1978.

É de notar que, durante o mês passado, as autoridades chinesas mobilizaram abertamente companhias inteiras que penetraram em profundidade em território vietnamita a milhares de metros da fronteira. Os atacantes chineses utilizaram B40, morteiros, metralhadoras e outras armas e levaram a efeito 113 provocações, fizeram emboscadas, atacaram as forças armadas do Vietname, fizeram fogo sobre vilas, aldeias, estabelecimentos de produção e meios de transporte do Vietname, situados a vários quilómetros da fronteira.

Citemos, por exemplo, os casos seguintes:

Os soldados chineses penetraram 23 vezes em território vietnamita, fizeram emboscadas, atacaram e raptaram combatentes da segurança popular e civis vietnamitas. No dia 17 de Janeiro, por ocasião de uma emboscada a dois quilómetros da fronteira no interior do território vietnamita, no sector do poste eléctrico número 56 da estrada Lao Cai — Muong Khuong, os soldados chineses mataram a tiro um agente de segurança vietnamita.

As forças armadas chinesas passaram vinte vezes a fronteira e lançaram ataques-surpresa contra os postos de controlo da milícia vietnamita. A 12 e a 14 de Janeiro, na provincia de Hoang Lien Son, durante os seus ataques-surpresa contra os postos fronteiriços de Seo Ngai Cho (Pha Long) e de Ban Lau, situados em território vietnamita a cinco quilómetros da fronteira, os soldados chineses mataram seis milicianos e feriram três. A parte chinesa não só interrompeu as ligações entre os postos fronteiriços dos dois países mas, mandou as suas forças abrirem fogo, fazer ataques-surpresa e cortar as linhas telefónicas que unem entre si os postos de segurança popular do Vietname. Os assaltantes chineses puseram entraves às patrulhas de rotina dos agentes de segurança vietnamitas na fronteira e atiraram por várias vezes sobre os grupos de patrulha fronteiriça vietnamita, matando e ferindo um certo número de pessoas.

As forças armadas chinesas fizeram fogo por 24 vezes sobre povoações e estabelecimentos de produção, explorações florestais e meios de transporte nas regiões fronteiriças do Vietname. Por exemplo, no dia 13 de Janeiro, do outro lado da fronteira, os soldados chineses atiraram sobre os camions que transportavam o arroz destinado aos habitantes das regiões fronteiriças do sector de Pet Na, na provincia de Quang Ninh. No dia 14 de Janeiro, pelas 17 horas e 30, as forças armadas chinesas metralharam (do outro lado da fronteira) a povoação de Phai Lau (comuna de Ong Van, distrito de Binh Leu, provincia de Quang Ninh), matando uma criança e

três civis. Recentemente os guardas fronteiriços chineses, no pequeno forte de Po Pung, utilizaram metralhadoras para atirar sobre o posto fronteiriço de Ta Lung, a fábrica de açúcar de Phuc Hoa e a aldeia de Hung Phuc (comuna de Quy Thuan, distrito de Quang Ho, provincia de Cao Bang), ferindo gravemente uma operária e causando prejuízos em numerosas habitações.

Paralelamente aos actos já referidos, a parte chinesa enviou unidades de reconhecimento e de espionagem penetrar no território vietnamita a fim de empreender actividades de reconhecimento. Também mandou os seus homens atravessar a fronteira e utilizou balões para a distribuição de prospectos provocando a guerra psicológica nas regiões fronteiriças. Facto ainda mais bárbaro: a 28 de Janeiro, os soldados chineses colocaram duas minas a flutuar no rio Quay Son (comuna de Ngoc Khe, distrito de Trung Khanh, provincia de Cao Bang), a fim de impossibilitar a circulação e o trabalho normal da população local.

Perante estes actos criminosos das forças armadas chinesas, a população vietnamita das regiões fronteiriças e as forças armadas, vêem-se obrigadas a defender-se para salvaguardar a independência e a soberania territorial da pátria. Um certo número de atacantes que cometeram crimes foram punidos e um certo número de espíões, presos.

A fim de camuflar a sua manobra de grande nação e os crimes que perpetrou contra a população nas regiões fronteiriças

Protesto endereçado à Embaixada da China

No dia 9 deste mês, Tan Phong, chefe adjunto do Departamento China do MNE da República do Vietname, protestou junto de Lou Ming, representante da Embaixada da China no Vietname, contra as autoridades chinesas e condenou-as severamente por terem ordenado às suas Forças Armadas a multiplicação de violações do território vietnamita, e outras provocações e crimes. Than Phong sublinhou que na sequência de actos cínicos e grosseiros cometidos em Janeiro de 1979 contra o povo vietnamita e as suas forças de segurança na fronteira, durante os primeiros dias de Fevereiro, as autoridades chinesas empreenderam incessantes violações do território e provocações armadas extremamente graves.

De 1 a 8 de Fevereiro, a parte chinesa empreendeu um total de 60 ataques e emboscadas contra postos de guarda e segurança fronteiriça vietnamitas e contra unidades de produção. Eis alguns casos:

No dia 1 de Fevereiro, solda-

dos chineses provocaram perturbações no sector de Cui Phao, comuna de Nam Chay, distrito de Muong Khuong, provincia de Hoang Lien Son. No mesmo dia atacaram o posto da guarda da milícia popular da aldeia de Phim Chu, comuna de Ma Po, distrito de Quang Ba, provincia de Hu Thoyen.

No dia 2 de Fevereiro, soldados chineses atiraram rajadas de metralhadora de 12 e 7 mm sobre o posto de segurança popular de Ta Lung, a fábrica de açúcar de Phuc Hoa e os habitantes da aldeia de Hung Long, comuna de Quy Thuan, distrito de Quang Hoa, provincia de Cao Bang. No mesmo dia, as autoridades chinesas fizeram ainda infiltrar os seus soldados no sector de Luung Po, distrito de Bat Xat, provincia de Hoang Lien Son e lançaram fogo às casas dos habitantes, tendo criado perturbações também no sector situado entre os marcos 7 e 8 do posto de segurança do exército popular de Bach Dich, provincia de Ha Tuyen.

No dia 3 de Fevereiro, os sol-

dados chineses cruzaram diversas vezes a fronteira para atacarem com armas de fogo as forças armadas vietnamitas em Hau Cau (comuna de Xin Man) e no marco 12, comuna de Pho La, provincia de Ha Tuyen. Das 14 às 15 e 30 do mesmo dia, sete grupos de aviões chineses infiltraram-se no espaço aéreo do Vietname acima de Ba Son, provincia de Lang Son, com fins provocatórios.

No dia 4 de Fev Cao Loc, provincia de Lang Son. Colocaram minas em território vietnamita, causando perdas entre os guardas fronteiriços do Vietname. No mesmo dia, soldados chineses infiltraram-se ainda na aldeia de Ban Cha, comuna de Si Lau, provincia de Lai Chau e raptaram uma mulher.

No dia 5 de Fevereiro, dezenas de soldados chineses atravessaram a fronteira no sector dos marcos 19 e 20 da região de Na Po e roubaram onze búfalos pertencentes aos habitantes da aldeia de Coc Toong, comuna de Bao Lam, distrito de Van Lang, provincia de Lang Son. No

Memorial das provocações chinesas

Continuação da pág. 14

do Vietname, enganando a opinião pública do seu povo, as autoridades de Pequim mobilizaram todo o seu aparelho de propaganda numa campanha de calúnias contra o Vietname, lançando assim sobre ele os seus próprios actos. Assim, sempre que inventavam este ou aquele incidente e difundiam notícias segundo as quais as forças vietnamitas teriam violado a fronteira chinesa, logo violavam o território vietnamita, fazendo

crimes, ameaçando a segurança territorial, perturbando a vida normal do povo vietnamita nas regiões fronteiriças. Alguns dirigentes chineses ameaçaram grosseiramente o Vietname e caluniaram-no com arrogância e cinismo. O vice-primeiro-ministro Deng Xiao-Ping reconheceu abertamente, quando da sua visita aos Estados Unidos, que os chineses tinham concentrado as suas forças armadas ao longo da fronteira vietnamita, e fez com impudor esta ameaça: «É preciso dar uma lição ao Vietname e a

Cuba.»

Durante os vários anos de luta difícil contra os imperialistas pela conquista da independência e da soberania da sua pátria, o povo vietnamita sempre desejou viver pacificamente com o povo chinês e sempre ambicionou que a fronteira Vietname-China fosse uma fronteira de amizade. Mas o povo vietnamita nunca treme perante uma ameaça e não permite a quem quer que seja que atente contra a independência, a soberania e a integridade territorial da sua pátria, que é sagrada.

NGUYEN DUY TRINH, MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DO VIETNAME:

"Defenderemos a soberania e a integridade do território sagrado da pátria"

«O povo vietnamita considera muito a amizade de longa data entre o Vietname e a China, e pronuncia-se com preservação pela solução dos diferentes entre os dois países através de negociações. Em todo o caso, está firmemente decidido a defender a soberania, a integridade do território sagrado da sua pátria, assim como a obra de edificação pacífica dos seus concidadãos.»

O ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, Nguyen Duy Trinh fez esta afirmação quando respondia às perguntas feitas por Jean-Pierre Gallois, correspondente em Hanoi da AFP.

Pergunta: A recrudescência dos incidentes na fronteira sino-vietnamita e o facto de eles serem cada vez mais mortíferos, podem levá-los a pôr o problema às Nações Unidas?

Resposta:

1) A fim de esclarecer a situação, queríamos falar-lhe antes de mais da origem profunda e antiga da actual tensão na fronteira entre o Vietname e a China.

Esta linha fronteiriça foi delimitada nas conversações assinadas em 1887 e 1895 entre o Governo francês e a corte dos Tsing. Em 1957 - 1958, o Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietname concordou com o Comité Central do Partido Comunista Chinês que se conservasse o «statu quo» no que dizia respeito a essa linha de fronteira legada pela história, e pronunciou-se pela solução de todo e qualquer litígio eventual, através de negociações entre as duas partes. Apesar disso, desde 1974 que os chineses cometeram, por várias vezes, violações, provocando incidentes fronteiriços cada vez mais numerosos. Principalmente desde a vitória do Vietname, na Primavera de 1975, que Pequim tem conhecido uma política de crescente hostilidade. Por um lado utiliza a clique Pol Pot - Ieng Sary para desencadear a guerra na fronteira Sudoeste do nosso país, por outro constrói o caso do «problema dos Hoa» no Vietname, a fim de fomentar um permanente estado de perturbação no interior do nosso país.

Ao mesmo tempo realiza actividades coordenadas de provocação armada, em número sempre crescente, na nossa fronteira do norte, a fim de apoiar a guerra feita à fronteira sudoeste. Tais actos mostram os propósitos deliberados de Pequim em enfraquecer a República Socialista do Vietname.

Ora estes planos acabam de sofrer um primeiro, mas grave, revés, devido à queda do regime fascista de Pol Pot - Ieng Sary. A guerra de fronteiras entre o Vietname e o Kampuchea termina, mas Pequim nem por isso re-

nuncia aos seus designios tenebrosos. Continua pois a prosseguir uma clara política de intimidação e multiplica as suas violações territoriais e as suas provocações armadas, ameaçando assim a segurança do Vietname. Principalmente durante as últimas semanas.

O número de violações perpetradas pelos chineses aumentou de dia para dia, e a sua envergadura aumenta cada vez mais em toda a linha das seis províncias vietnamitas que tem fronteira com a China. O lado chinês recorre cada vez mais a numerosas categorias de armas: da espingarda de infantaria à metralhadora e ao morteiro, para fazer fogo sobre o Vietname.

As forças armadas chinesas penetram furtivamente, em profundidade, em território vietnamita, fazem embuscadas para matar ou raptar milicianos, guardas fronteiriços e até civis que estão a fazer o seu trabalho quotidiano. As perdas humanas e materiais causadas à população aumentam diariamente.

Recentemente, o lado chinês reconheceu abertamente que há tropas chinesas, em massa, na fronteira vietnamita. Denunciamos com veemência e condenamos com firmeza estes graves e perigosos actos de provocação cometidos pelas autoridades de Pequim contra o povo vietnamita.

O povo vietnamita considera muito a amizade de longa data entre o Vietname e a China, e pronuncia-se com preservação pela solução dos diferentes entre os dois países, pela via de negociação. Em todo o caso está firmemente resolvido a defender a soberania, a integridade do território sagrado da pátria, assim como a obra de edificação pacífica dos seus concidadãos.

Perguntou-me se poríamos o problema às Nações Unidas. Respondo-lhe que tomaremos as medidas apropriadas em função da evolução da situação.

Pergunta:

O Vietname está, por sua vez, pronto a aceitar:

1. Uma cessação das hostilidades.

2. O estabelecimento de uma zona desmilitarizada de ambos os lados da fronteira.

3. Uma vigilância da fronteira feita por representantes ou forças da ONU.

4. A abertura de negociações com a China sobre o traçado da fronteira terrestre.

5. A abertura de conversações acerca da pertença territorial dos arquipélagos das Paracelso e das Spratleys.

6. O prosseguimento das discussões sobre o problema dos «Hoa».

O Vietname encara a possibilidade de fazer propostas globais neste sentido?

Resposta:

Declarámos por várias vezes que estamos dispostos a tratar com os chineses, através de negociações, todos os problemas que dizem respeito às relações entre os dois países, e propusemos um encontro de alto nível. Esta nossa posição é bem conhecida. Mas o lado chinês invocou uma excepção, porque queriam continuar com as suas incursões, a fim de semear a perturbação e causar dificuldades ao Vietname. O motivo é que um Vietname independente, soberano e próspero constitui um grande obstáculo à realização dos designios expansionistas chineses na Ásia do Sudeste. As conversações acerca dos Hoa, que os chineses tiveram que aceitar em Agosto de 1978, mostraram-nos isso bem claramente.

Por outro lado, continuamos a manter essa posição de boa vontade. Se o lado chinês renunciasse à sua política anti-vietnamita e também mostrasse boa vontade, podia surgir uma solução para o problema. A escolha dos problemas a debater será objecto de um acordo entre as duas partes. Solucionar todos os problemas em bloco ou um a um, também seria para nós uma boa solução.

Governo português toma partido dizendo que não deve tomá-lo

A propósito da agressão da China contra o Vietname, o Ministério português dos Negócios Estrangeiros emitiu um comunicado subordinado o título «Situação no Sueste Asiático», nos termos do qual pretende não tomar partido na contenda, acabando, no entanto, por assumir uma clara posição contra o Vietname.

Assim: a agressão chinesa é descrita como «as novas circunstâncias que se verificam no Sudeste Asiático» (saliente-se, de passagem, que em bom português se usa a palavra Sueste e não Sudeste), em face das quais o MNE «entende que não deve tomar posição», enquanto «não tiver oportunidade de serem ouvidos e ponderados (sic!) os pontos de vista das partes envolvidas nos incidentes em causa». Justifica o MNE este arrazado, declarando que o Governo no qual se integra pauta sempre a sua atitude «pelos princípios da não ingerência e do respeito mútuo dos Estados pelas respectivas soberanias». Por fim, o comunicado lança uma «petite phrase», na qual o pensamento informador desta posição se patenteia com toda a crueza. Com efeito, afirma-se que o Governo «não pode deixar de sublinhar os perigos de escalada violenta emergentes da desestabilização verificada naquela zona em consequência da recente invasão do Kampuchea». Esta clara tomada de posição é a mesma que se adopta em Washington e noutras capitais de que Lisboa parece cada vez mais tributária em matéria de política externa. A chamada «invasão do Kampuchea» é o subterfúgio utilizado agora pelos «companheiros de estrada» de Pequim para justificar a agressão chinesa. É estranhável que o MNE, tão dependente dum inquérito ainda não feito à situação sino-vietnamita para se pronunciar no caso da agressão, dê como certa uma especial versão dos acontecimentos no Camboja. Não temos conhecimento de que o nosso Governo tenha já constituído uma comissão de inquérito para apurar das circunstâncias da tomada de poder da FUNSK em Phnom Penh. A menos que também em matéria de inquéritos deste tipo recorra aos bons ofícios daquele «estrangeiro» sob cuja dominação parece reencontrar a tão decantada «identidade nacional».

A.N.

Combates prosseguem no Vietname

Embora as informações provenientes da zona fronteiriça sino-vietnamita sejam contraditórias, fontes japonesas, tailandesas, norte-americanas e a própria Rádio Hanoi referem que os combates prosseguem no quarto dia da agressão chinesa contra o Vietname. Parece, no entanto, certo que a ofensiva chinesa se deteve numa faixa que não vai além dos 10 quilómetros no interior do país invadido. As razões desta paragem são, segundo os observadores, três: a forte resistência encontrada pelos chineses no terreno militar (cinco mil soldados foram já mortos e metade dos blindados ficaram no terreno), o receio de um alargamento do conflito (devido à enérgica advertência soviética) e a generalizada reprovção da opinião pública internacional. De tal modo veemente que nem mesmo os próprios «companheiros de estrada» que Pequim granjeou no Ocidente aprovaram a agressão, juntando-se (embora de forma ambígua) ao coro dos que solicitam uma imediata cessação das operações militares.

Mas também ontem à noite outros altos funcionários americanos (que participaram nas reuniões de emergência convocadas pelo presidente dos EUA e nas quais participaram responsáveis do Pentágono, do Departamento de Estado e da Casa Branca) afirmaram que as tropas chinesas não tinham iniciado nenhum recuo e que os combates não tinham diminuído de intensidade, concentrando-se numa zona de 9,6 quilómetros para lá da fronteira. Os mesmos funcionários disseram que Carter fizera um apelo directo a Pequim, mas que os chineses não haviam respondido.

Ontem à tarde o embaixador vietnamita em Paris referia também que as tropas chinesas continuavam os combates e estavam a desencadear uma «verdadeira guerra». Fonte «muito boa» da Tailândia refere também que os combates prosseguem.

O que parece claro é que o avanço chinês foi detido a 10 quilómetros no interior da fronteira,

as tropas de Pequim sofreram duros reveses, houve muitas baixas entre os militares chineses (5 000 mortos), bastantes destruições em zonas económicas importantes do Vietname, e baixas entre a população civil, mas que as notícias sobre a retirada são prematuras (hoje Rádio Hanoi anunciou a continuação dos combates e os serviços secretos tailandeses confirmam esta informação). Não há qualquer indício de que o Vietname tencione envolver as suas forças regulares no combate. Até agora, têm chegado os 35 mil soldados das quatro divisões de reserva desdobradas ao longo da fronteira com a China para deter o avanço dum exército, cuja grande força reside no número, mas que carece de meios. O MNE japonês, Sunao Sonoda, indicou também que os combates prosseguem, embora certas tropas chinesas tenham já começado a regressar.

O vice-primeiro-ministro chinês, Deng Xiaoping, deu já claramente a entender que esta «acção punitiva» é limitada no tempo e nos seus efeitos. Um jornalista da EFE recolheu, durante uma recepção militar ontem em Pequim, os quatro pontos básicos que norteiam a presente acção agressora da China: 1 - o «contra-ataque» chinês (recorde-se que na sua histeria propagandística os chineses se apresentam como os agredidos) é limitado. A China não pretendeu «invadir» o Vietname; 2 - a acção é uma «operação punitiva»; 3 - A China não pretende ficar com qualquer parcela do território do Vietname, mas sim castigar os vietnamitas; 4 - é provável uma retirada rápida das tropas chinesas.

A verdade é que a atitude firme da União Soviética que não deixou quaisquer dúvidas sobre a sua disposição de cumprir o tratado assinado com o Vietname e que ainda ontem, nas colunas do «Pravda» e em declarações do ministro dos NE, Andrei Gromyko, advertia a China de que «retirasse antes que fosse tarde» deve ter arrefecido os ânimos chineses. Em declarações prestadas pelo vice-primeiro-minis-

tro chinês, indicava-se claramente que Pequim estava convencida de que a URSS nunca interviria. Aliás o Vietname não chegou sequer a pedir a intervenção directa da URSS, mas terá bastado verificar que Moscovo garantia todo o seu apoio ao Vietname para que Pequim fizesse contas diferentes. Por outro lado, a reacção internacional foi demasiado hostil para que os chineses, que já queimaram as asas na África e na América Latina, não se apercebessem de mais este grosseiro erro de perspectiva (para só lhe chamar isto) que estavam a cometer.

Podemos dividir as reacções internacionais em três categorias diferentes: uma, de farsaica condenação que mascara um apoio táctico outra de condenação sem hostilização; outra de clara e vigorosa condenação.

Na primeira categoria inscrevem-se as reacções dos EUA, Japão, NATO, CEE e certos países ocidentais. Assim os EUA multiplicam os seus «apelos» à cessação dos combates, mas ligam a clara agressão chinesa à queda do regime cambojano de Pol Pot.

A complicitade dos Estados Unidos é ainda evidenciada pelo facto de o secretário do Tesouro, Michael Blumenthal, ir visitar agora mesmo a China. Idêntica atitude toma a CEEK, cujo presidente da Comissão Executiva partiu hoje para Pequim, e a Grã-Bretanha, que para lá mandou o seu ministro da Indústria, a fazer acordos comerciais. Quanto ao Japão, ainda é mais escandalosa, pois escolheu o dia de ontem para cancelar um empréstimo que ia fazer ao Vietname a pretexto de que este país «agrediu» o Camboja. Países ocidentais que condenaram claramente a China foram a Holanda e a Suécia, em cuja capital se realizou ontem também uma manifestação contra a agressão chinesa. Belgrado, Tananarive, Bagdade inscrevem-se na segunda posição, apelando para «um acordo pacífico» e evitando hostilizar a China. Na terceira posição (condenação sem ambiguidades) alinharam, além dos países socialistas europeus (excepto a Roménia e a Jugoslávia), o Afeganistão, a Etiópia, Angola e Moçambique.

GRANDE COMÍCIO
DE AMIZADE PCP-PC DO CHILE
LUIS CORVALÁN
ALVARO CUNHAL
22 FEV. 21 H. CAMPO PEQUENO



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ASIA

Formado Partido Islâmico Revolucionário no Irão

Partidários do Komeiny formam uma nova organização política — o Partido Islâmico Revolucionário — informa hoje o diário «Kayhan» de Teerão.

O jornal, que não indica quem chefiará a organização, cita uma primeira declaração desta organização em que se afirma que, embora o xá tenha sido derrubado, «continua o perigo de uma contra-revolução».

Eleições no Bangladesh

O Partido Nacional do presidente Ziaur Rahman saiu vitorioso nas eleições parlamentares do Bangladesh e espera-se que obtenha uma maioria de dois terços no novo parlamento.

O general Ziaur ao poder através dum golpe militar em 1975 e o país, um dos mais pobres do mundo, encontrava-se desde então sob a lei marcial.

O general Ziaur tomou medidas para que trinta assentos ficassem reservados, sem contestação, às candidatas, o que parece ter-lhe grandizado o apoio das mulheres, que neste país muçulmano são, tradicionalmente, postas à margem da vida pública.

Ziaur Rahman declarou hoje que o triunfo do seu partido vai trazer a estabilidade e investimentos estrangeiros para o país.

Contudo, círculos da oposição consideravam que a vitória do Partido Nacionalista era certa, dado dispor de meios quase ilimitados para a sua campanha eleitoral.

Referindo-se à competência restrita do novo Parlamento, o jornal «The New Nation» de Dacca, órgão da oposição de esquerda, considera tratar-se de «uma entidade sem vontade própria».



**PALÁCIO DA JUSTIÇA
TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA**
13.º JUÍZO — 5.º PISO
2.ª secção — Processo N.º 4785
ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo, 2.ª secção e nos autos de execução ordinária que a Sociedade Portuguesa de Seguros, sociedade anónima de responsabilidade limitada com sede em Lisboa, na Rua da Madalena, n.º 36, instaurou contra HERMES DA SILVA SARREIRA, proprietário, casado no regime de separação de bens com D. Ana Maria Nunes Esteves Sarreira, residentes na Quinta de Santa Teresinha, R. Professor Dr. Joaquim Fontes, Apartado e, Mem Martins, em Sintra, correm editos de 20 dias, a contar da 2.ª, e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo, de dez dias, decorrido que seja o dos editos, reclamarem querendo o pagamento dos seus créditos pelo produto da venda do prédio penhorado, desde que, sobre este gozem de garantia real.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1979.

O JUIZ DE DIREITO,
a) António Máximo
da Silva Guimarães

A AJUDANTE AUXILIAR,
a) Cristina Maria de Jesus

Entretanto, a capital iraniana deu hoje novo passo no sentido da normalização, com o regresso ao trabalho praticamente qsesegurado em quase todos os sectores laborais.

Em entrevista ontem publicada no jornal americano «New York Times», o primeiro-ministro Meheh Bazargan, anunciou a extinção do denominado Comité Khomeiny, a realização de um plebiscito nacional e a legalização do Partido Comunista «se esta não criar dificuldades».

A Imprensa da capital, referindo-se também ao restabelecimento das exportações de petróleo comentou que estas deverão ser precedidas por negociações com as companhias ocidentais e com a União Soviética a fim de se «preservarem os interesses do Irão».

Mas em comunicado hoje transmitido pela rádio de Teerão, o «ayatollah» advertiu a nação de que prevalece ainda uma situação «muito sensível» e que «elementos satânicos ainda pioras do que o xá continuam a tentar causar problemas».

OLP NA EMBAIXADA DE ISRAEL

O Irão do «ayatollah» Komeiny pendeu definitivamente para o campo palestino cujo dirigente, Yasser Arafat, está a ser recebido desde há dois dias em Teerão, como um chefe de Estado.

Em vivo contraste com a antiga política favorável a Israel, os novos dirigentes iranianos, vêm multiplicando as declarações de apoio à causa palestina. O presidente da Organização de Libertação da Palestina, está visivelmente satisfeito com esta primeira opção de política externa da Revolução iraniana «cujos archotes, disse, iluminarão a via da liberdade em toda a região», e em primeiro lugar na Palestina.

A influência palestina no Irão, onde Arafat instalou hoje uma delegação da OLP no local da antiga Embaixada israelita, não provocará, de imediato, um agravamento da sorte da minoria judaica naquele país.

A maioria dos cerca de 60 a 70 mil judeus iranianos não se assustou com a chegada ao poder,

do Islão, ao ponto de desejar fugir em massa do país.

FUZILADOS MAIS QUATRO GENERAIS

Quatro generais ligados ao regime imperial de Reza Pahlevi foram hoje executados por um pelotão de fuzilamento.

Fontes próximas do «ayatollah» Khomeiny citadas revelaram que os militares agora executados, eram Parviz Amin Afshan, antigo comandante da Guarda Imperial, Maunuchehr Malek, comandante de Infantaria em Qazvin, Nematulla Motamadi, governador militar de Qazvin e Hossein Hama-

Danian, chefe da polícia política Savak em Kermanshah.

INCENDIADO CONSULADO NORTE-AMERICANO

Elementos «contra-revolucionários» deitaram fogo ao consulado norte-americano da cidade de Tabriz, no noroeste do Irão — anunciou a rádio de Tabriz, captada em Teerão.

Funcionários norte-americanos na capital, não conseguiram obter confirmação da notícia, mas informaram que o cônsul e o único elemento norte-americano na missão regressou a Teerão ontem.

AFRICA

Rodesianos atacam em Moçambique e guerrilheiros em Salisbúria

A aviação rodesiana atacou ontem a povoação de Chimoiu, em Moçambique, a cerca de 80 quilómetros da fronteira. De acordo com os comandantes militares de Ian Smith esta agressão, que teve por alvo acampamentos de guerrilheiros nacionalistas de Robert Mugabe, é o início de uma campanha militar destinada a garantir a segurança das eleições que o regime ilegal rodesiano marcou para Abril.

A Frente Patriótica de Nkomo e Mugabe prometeu, com efeito,

opor-se por todos os meios ao seu alcance às eleições que Smith procura, com a cumplicidade de alguns dirigentes negros sem implantação popular, legitimar o seu regime de discriminação.

A agressão contra Moçambique sucede-se ao ataque realizado no sábado contra bases de guerrilheiros da ZAPU no Sul da Zâmbia. Mas, em comunicado recentemente publicado, Nkomo afirma que o «raid» não causará vítimas. Não «tinhamos ali efec-

tivos» acrescentou o dirigente nacionalista.

ATACADO AEROPORTO

Guerrilheiros nacionalistas negros atacaram ontem o aeroporto internacional de Salisbúria, tendo sido lançadas quinze granadas de morteiro contra as instalações situadas a cerca de catorze quilómetros do centro da capital rodesiana.

Este ataque surge uma semana após um atentado com armas ligeiras e foguetes à estação central de energia da capital, e que foi reivindicado pelo ZANLA de Robert Mugabe, que tem base em Moçambique.

Mugabe anunciou recentemente que a sua organização incrementaria os atentados contra centros urbanos e alvos económicos. Foi também a ZANLA que executou o ataque com foguetes, em Dezembro passado, contra um depósito de combustíveis de Salisbúria, cujo incêndio se prolongou por uma semana e destruiu 28 tanques de combustíveis.

das na capital francesa.

A FROLINAT aproveitou-se das violentas confrontações entre facções governamentais na capital, para desencadear uma grande ofensiva na região centro-oriental do país, perto da fronteira sudanesa.

Arada controla a estrada estratégica para o Sul, em direcção aos centros administrativos de Biltine e Abeche.

Acordo instável no Chade

O presidente do Chade, Feliz Malloum, e o seu opositor, o primeiro-ministro, Hussein Habre, assinaram ontem um acordo de cessar-fogo em J'Djamena sob os auspícios dos comandantes militares franceses.

O acordo estabelece «um cessar-fogo imediato e permanente e será válido até se encontrar uma solução para o problema da reconciliação nacional».

Os seus termos estipulam que «as forças de ambos os lados manterão as suas actuais posições».

Foi ainda constituída uma «comissão neutral» integrada por dois representantes das forças leais a Malloum, dois das forças de Habre e dois oficiais franceses, que supervisionarão o cessar-fogo. A comissão «tratará dos acontecimentos de emergência».

Foram feitos, imediatamente, apelos para que a população regressasse ao trabalho, mas permaneciam dúvidas sobre quanto tempo duraria o cessar-fogo.

As ruas de N'Djamena estavam quase desertas a noite passada e ouviam-se, ocasionalmente, tiros.

As forças do general Malloum controlavam a zona administrativa da capital, estando o resto da cidade nas mãos dos partidários de Habre.

FROLINAT OCUPA CIDADE

As forças da Frente de Libertação Nacional do Chade (FROLINAT) tomaram a cidade de Arada, no centro do país, numa nova ofensiva contra o Governo — revelaram fontes bem informa-

EUROPA

Incidentes com Suárez "animam" eleições espanholas

A campanha eleitoral em Espanha continua a decorrer sem grande entusiasmo. Os 100 mil candidatos que se lançaram na batalha das eleições legislativas de 1 de Março esbarraram com a apatia do eleitorado que não parece acreditar que se produzam grandes alterações na cena política e muito menos a nível social.

No entanto, um facto tem animado a campanha. Referimos-nos à participação de Suárez, ou mais exactamente, aos incidentes suscitados pela sua intervenção.

Suárez esteve na Galiza e mais recentemente na Estremadura e Andaluzia.

Porém, como já acontecera em Badajoz, também em Jerez de La Frontera e em Granada se verificariam manifestações con-

tra o dirigente da UCD.

Suárez suspendeu a visita que tinha programada a Bilbao alegando uma infecção na garganta. Supõe-se, no entanto, que se trata de uma medida de segurança.

A campanha eleitoral continua, pois, condicionada pela luta entre a UCD e os principais partidos de esquerda. Esporadicamente surgem conflitos entre o PCE e o PSOE, mas sem grandes acusações recíprocas.

Depois dos incidentes de ontem, em que Suárez foi insultado por socialistas e comunistas embora o PSOE negue que militantes seus tenham participado, a guerra poderá continuar nos próximos dias.

Enquanto Suárez afirma que a oposição está a perder os nervos, os socialistas dizem que estes incidentes são montagem do partido governamental.

MEIO MILHÃO EM GREVE

Quinhentos mil operários espanhóis do sector têxtil e da construção entraram em greve.

A paralisação do sector têxtil, prevista para hoje e amanhã a nível nacional, envolve em princípio 400 mil trabalhadores, mais de metade dos quais na Catalunha.

GRÃ-BRETANHA Crise laboral continua

Oficialmente, a crise social britânica terminou com a assinatura de um pacto entre o Governo e o TUC.

Contudo, o conflito a nível do funcionalismo público continua a pôr em xeque a verdade oficial de Estado. Tanto mais que outros sectores ameaçam entrar em greve e o gabinete trabalhista, a poucos meses de novas eleições, se encontra gravemente enfraquecido.

Logo após os funcionários públicos, que exigem 30 por cento de aumentos salariais por ano, devem entrar em luta os mineiros, funcionários, professores e empregados da electricidade, que desejam obter idênticos aumentos. De facto, todas estas categorias profissionais se convenceram de que a firmeza possui os seus efeitos positivos, depois de terem visto os 17 por cento de aumento concedidos pela Ford e os 20 por cento dados aos camionistas.

MÉDIO ORIENTE

Segunda edição de Camp David

As negociações sobre a paz no Médio Oriente começam amanhã a nível ministerial, em Camp David, cinco meses depois de James Carter ter «arrancado» a Sadate e a Begin o compromisso de que o Egito e Israel assinariam um tratado de paz no prazo de três meses.

O triunfo diplomático averbado pelo chefe do executivo americano durante a primeira de Camp David foi efêmero. A última missão ao Médio Oriente de Alfredo Atherton, embaixador itinerante dos Estados Unidos, — saldou-se por um completo fracasso.

Durante a visita ao Egito de Harold Brown, o presidente Sadate reafirmou ao secretário americano da Defesa que o seu governo se recusava a fazer novas concessões. Israel declarou-se igualmente disposto a não sair das suas posições. É

por isso que tudo indica que o secretário de Estado americano, Cyrus Vance, terá muita dificuldade em fazer com que o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, e o primeiro-ministro egípcio Mustapha Khalil, cheguem a um compromisso.

Não é contudo de excluir que o apoio do Khomeiny à OLP torne os israelitas menos exigentes.

PRISÃO DE RELIGIOSOS ISLÂMICOS

Doze membros do culto islâmico de Jerusalém — Leste foram detidos pelas autoridades israelitas, indicam os correspondentes locais.

Os presos são acusados de actividades que afectariam «a segurança do Estado».

dida é tomada em relação a religiosos muçulmanos.

ISRAEL REVISTA VEÍCULOS DA ONU

Israel encerrou ontem a sua fronteira com o Líbano a todos os funcionários das Nações Unidas, excluindo os que ocupam altos cargos, informou um porta-voz militar em Jerusalém.

Na origem de tal decisão, esteve um incidente recentemente com um soldado senegalês das tropas da ONU detido quando, da viatura que conduzia, entregava a um árabe trinta cargas de dinamite e 100 detonadores.

O porta-voz militar israelita frisou que, de agora em diante, os veículos pertencentes às Nações Unidas e em circulação em Israel serão revistados com maior rigor, em busca de material de sabotagem.

Canal da Crítica

Censura? É feio. Muuuuuuito feio!

Coisas muito estranhas acontecem não só todos os dias, mas a todas as horas na Televisão portuguesa. Será, como diz o outro, uma questão de critérios. Será. Mas eu pergunto se não será, mais fortemente, uma questão de censura.

Verifique-se, por exemplo, até que ponto, a propósito da invasão do Vietname pela China, o **Jornal-1** assestou as baterias da antipatria e da incomodidade sobre o pequeno país mártir. Chegou-se ao ponto de não se dar uma imagem, uma notícia, uma breve informação ao menos para guardar as aparências (se é que a uma televisão perdida como esta as aparências importam alguma coisa...) da conferência de imprensa do embaixador vietnamita em França. Estamos face a uma nítida sonega-

ção de informações à imensa maior parte da audiência portuguesa.

É feio, é muito feio. Verifique-se a maneira como se noticiou a chegada de Corvalán, herói do povo chileno.

1 - A informação foi metida na vala comum do bloco das breves.

2 - Não a fizeram acompanhar de fotografia de Corvalán, o que é uma excepção quando mencionam personalidades estrangeiras ou nacionais.

3 - Disseram que Corvalán participaria num comício com Álvaro Cunhal - mas não disseram onde, nem o dia, nem a hora.

4 - A informação está redigida de uma forma brutalmente seca - como se o facto de ser Corvalán uma bandeira da dignidade e um símbolo da resistência ao fascismo não fosse motivo bastante para algumas palavras calorosas.

Esconder este facto pode derivar de mera questão de critérios. Mas muita gente pensará se não se tratará antes de uma questão de censura.

O que seria feio. Muito feio. As agressões a Moçambique, por parte da Rodésia igualmente não foram cruemente denunciadas em **Jornal-1**. Pode ser esquecimento, mas também se pode perguntar se não haverá censura.

A haver, seria feio, muito feio. A importante reunião dos agricultores em Vila Franca de Xira não foi referida no **Jornal-1**, mas transferida para as **24 Horas** - e há transferências com sabor a exílio. Neste caso, o sabor não será propriamente o do morango.

Crítério, evidente. O que não deixa de ser feio. Muito feio.

Se passarmos do **Jornal-1** para outras rubricas, encontramos algumas situações deveras... sintomáticas.

Aquele documentário, por exemplo, sobre a Guiné, a propósito da deslocação do Presidente

da República àquela República. A certa altura, referiu-se o locutor aos hospitais que iam surgindo, com todas as dificuldades, nas zonas libertadas pelos guerrilheiros do PAIGC. Esqueceram-se, porém, de dizer onde estavam os médicos para esses hospitais - sim, porque um hospital sem médicos não serve para grande coisa.

A presença desses médicos seria uma das razões que levaram o presidente Luís Cabral a proclamar no dia da independência, em 1973: «Viva a solidariedade anti-imperialista!»

Mas a Televisão sonegou o esclarecimento. Dir-se-á que se trata de simples omissão. Por mim, serei levado a pensar que se trata de censura. Porque de omissões também muito a censura engorda.

Vários outros apontamentos poderia trazer do meu canhão para aqui. Faltar-me-ia o espaço. Mas há que lembrar mais uma vez o que se pratica em **Os Anos do Século**.

Na emissão de ontem presenciámos um aliás bem elaborado requisição contra o fascismo, embora nos pareça que o programa assente a resistência mais em pessoas individuais do que colectivas. As prepotências coloniais, as torturas, as manipulações de todos os feitios, as hi-

pocrisias de todos os tamanhos, tudo isso teve, porém, bastante presença para servir como um aviso a todas as forças democráticas deste País.

Reconheceu-se - enfim! - que era sobre o PCP que mais se abatia a força da repressão. Só não se disse, e foi pena, que sendo o PCP a única força política organizada na clandestinidade, por isso mesmo todos os portugueses honrados, todos os democratas ajudavam aquele partido na sua luta, que era a luta de todos. Já então se reconhecia que, sem ele, não era possível defender a democracia. O padre Abel Varzim, ontem mencionado, poderia a esse respeito dizer muita coisa, se fosse vivo.

Não deixa, porém, de ser estranho que sendo tamanha a influência do PCP na direcção popular em defesa da democracia, não se tenha registado um depoimento de responsáveis daquele partido, mais dentro da verdade histórica.

Seja qual for o motivo desta omissão, desta mutilação, a verdade é que daqui resulta uma deficiente informação da audiência. Não gostarem do PCP é legítimo; mas não é legítimo não gostarem da História.

Censura? É feio. Muito feio. Vqz fazer queixa ao 25 de Abril.

Hoje



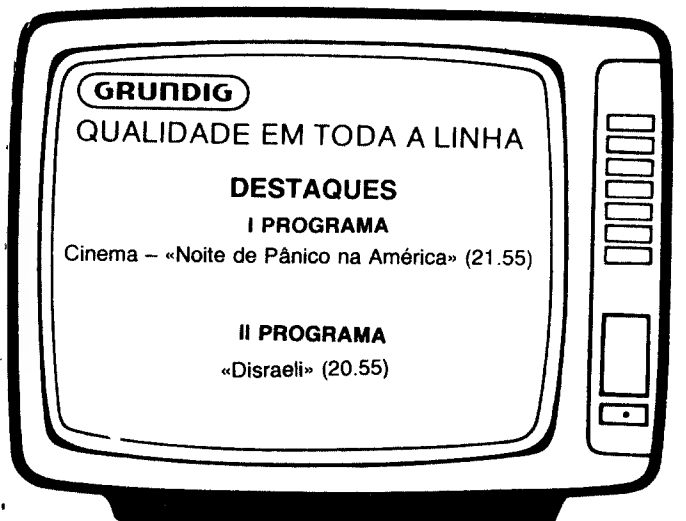
«Disraeli» - hoje 3.º episódio

I PROGRAMA

- 18.30 Sumário
18.35 Há Fitas - «Os Cinco»: «Os Cinco e a Torre do Sábio».
19.05 País, País
19.30 A Ciência a Cada Passo, a Cada Passo Ciência
20.00 Jornal RTP/1 - com o Boletim Meteorológico.
20.35 «O Astro» - episódio n.º 92.
21.20 A Falar é que a Gente se Entende - um programa do dr. Aldónio Gomes.
21.55 «Noite de Pânico na América» - intérpretes: Paul Shenar, Vic Morrow, Cliff de Young, Will Geer, Walter McGin, Eileen Brennan e Tom Bosely. Realização: Joseph Satgent.
23.45 24 Horas
23.50 Fecho

II PROGRAMA

- 18.45 Ano Propedêutico
20.30 Abertura
20.32 Palavras Herdadas
20.55 «Disraeli» - «Retrato de um Romântico», 3.º episódio. Intérpretes: Ian Mashame e Mary Peach. Realizador: Claude Whatman.
22.05 Informação/2
22.35 Espaço Musical - Lisa Della Casa.
23.10 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; 13.25: Ciclo Preparatório TV; 18.30: Sumário; 18.35: Binário; 19.05: País, País; 19.30: Documentário; 20.00: Jornal RTP/1; 20.30: «O Astro» - episódio n.º 93; 21.10: Varnos Jogar no Totobola; 21.20: Gisela May Canta Brecht; 22.05: «O Planeta dos Macacos»; 22.55: 24 Horas; 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico; 20.32: À Volta da Cidade; 21.00: Directíssimo - 1.ª parte; 22.00: Informação/2; 22.30: Directíssimo - 2.ª parte; 23.30: Fecho

Carnaval SETUBAL

- I CORSO POPULAR: desfile gigante na Av. Luísa Todi (dias 25 e 27 de Fevereiro) às 15 horas.
- JOSÉ VIANA, Dora Leal, Carlos Ivo e o Conjunto Jorge Nascimento: revista «Olha o Coco», baile até de madrugada, no Inatel: 24, 25, 26 e 27 de Fevereiro!!!

BAILE! CONCURSOS!
PRÉMIOS! MÁSCARAS!

O CENTRO CULTURAL DA CARRIS

APRESENTA
PARA TODOS

ou isto ou aquilo



O.T.C.

De 3.ª a sexta às 21.40
Sábado às 16.30 e 21.40
Domingos às 15 e 18 h.

«Últimas Representações»

Edifício do Elevador da Bica
S. Paulo Tel. 365035

VASCO MORGADO APRESENTA
TEATRO VARIEDADES
TELEF. 32 60 37
HOJE ÀS 21.30 HORAS
4.º Mes a Rir!

RAUL SOLNADO
FELIZARDO & C.
Com (por ordem de entrada em cena)
MARIA ADELINA - JOSE DE CARVALHO
RITA RIBEIRO - ANNA PAULA
VERÓNICA - RAUL SOLNADO
HERMAN JOSE - VITOR DE SOUSA
Música de FREDERICO VALÉRIO
Encenação de CARLOS AZEVEDO
participação especial da bailarina ANA LÓRENA
uma loucura musical!

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
DE 3.ª A 6.ª FEIRA ÀS 21.30H

AFRICA
CRIACAO COLECTIVA
DIRECCAO DE JOAO MOTA
SABADO DOMIN-
GO 2.ª E 3.ª FEIRA DE CARNAVAL ÀS 15.30 HORA
PRACA DE ESPANHA - TEL 76 2624
PARA TODOS SUBSIDIO SEC
1.ª semana de Março volta
HOMEM MORTO HOMEM POSTO

A BARRACA
AO QU'ISTO CHEGOU
Feira Portuguesa de Opinião
Encenação de A BOAL
HOJE 21.30 H
Domingo (só) 16 h.
Rua Alexandre Gusmão, 70
Tel. 66 63 00 Sub. SEC (M 13)

TEATRO DO NOSSO TEMPO
APRESENTA

AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE
N'ARENA IBÉRICA
DE VALLE-INCLAN
DE TERÇA A DOMINGO ÀS 21.45
NÃO ACONC. A MEN. DE 18 ANOS
«INDISPENSÁVEL» (DA CRÍTICA)
50 % PARA OS SÓCIOS DOS SINDICATOS, PERMITIDOS POR APOIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
TEATRO DO NOSSO TEMPO
CENTRO DE CULTURA POPULAR
PRACA JOSÉ FONTANA 12 B
METRO: PICOAS - TELEFONE: 574037
TEATRO - BAR - LIVRARIA
EXPOSIÇÃO - FOTOCOPIAS

uma comédia irreverente do mestre do cinema

LUIS BUNUEL
com

PAUL FRANKEUR - LAURENT TERZIEFF
DELPHINE SEYRIG - MICHEL PICCOLI
ALAIN CUNY - PIERRE CLEMENTI



DOPERFILME
COLOR

FILME DE QUALIDADE

uma viagem através do tempo e do espaço

A VIA LÁCTEA
LA VOIE LACTÉE

UM DOS MAIORES FILMES DO NOSSO TEMPO

quarto 3.ª SEMANA

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O Suspeito" de Francesco Maselli

FICHA:
Título original: Il sospetto.
Realização: Francesco Maselli (Itália-1975)
Argumento e diálogos: F. Maselli e Franco Solinas.
Fotografia (eastmancolor): Giulio Albonico.
Cenários: Gabriele d'Angelo
Música: Giovanni Marini
Montagem: F. Maselli.
Interpretação: Gian Maria Volante (Emílio), Annie Girardot (Teresa), Renato Salvatori (Gavinio Pintus), Gabriele Lavia (Giacomo La Rosa), Bruno Carazzari (Tommaso Lenzi), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Ocidente.
Cinema: Estúdio 444
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: 100 minutos.

Este filme interessa-nos. A mim, pessoalmente, a nós que nos identificamos com a esquerda e trazemos connosco uma larga História, aos camaradas comunistas em particular. Digamos, desde já, este filme interessa-nos porque vem falar quer de uma certa prática poli-

tica dos partidos comunistas ocidentais na primeira metade dos anos 30, quer dos métodos internos então usados, quer da situação daqueles que tinham escolhido neles militar nas piores condições (o fascismo imperava então na Europa), quer da luta que se mantinha, das táticas e das estratégias. Este filme interessa-nos porque discute muita coisa que é urgente discutir e porque o faz do interior do campo em que nos situamos, isto é, do interior daqueles que se sentem, de algum modo, herdeiros de um ideário político que começou com Marx, se organizou com Lenine e que foi atravessado pelas experiências e pelas palavras de homens como Estaline, Mao Zedong, Che Guevara, Ho Chi Minh que condensaram / dirigiram / inspiraram os grandes momentos do campo socialista neste século. Este filme interessa-nos, ainda, porque testemunha um estado de espírito, uma intenção, uma reflexão operada de um certo tempo, um certo lugar (1975-Itália).

Claro que ele é um dos sintomas da profunda discussão que

atravessa o PC italiano, sintoma até de uma certa revisão de conceitos e métodos. Mas, mesmo neste ponto, Francesco Maselli (de resto militante do PCI), não deixa de se colocar numa situação assaz curiosa. Porque, apesar de tudo, **O Suspeito** não é um filme feito **contra** (um certo passado), mas um filme que tenta, angustiadamente, compreendê-lo, situá-lo, decifrá-lo. Criticando-o, é evidente, mas, de algum modo, incapaz de desonestidade que seria introduzir-lhe uma **previsão do passado**, método hipócrita de sanar as consciências e de decidir, hoje, a linha correcta de ontem. **O Suspeito** é o filme do bloqueamento, o filme do beco, se quisermos, o filme lúcido de mais para estar por, honesto de mais para estar **contra**.

1934 é um ano complicado para o movimento comunista internacional e não é por acaso que Maselli o escolheu. A era da **desconfiança** ia começar com as sucessivas depurações estalinistas, a Internacional alterava 180.º as linhas de acção, o fascismo alastrava a todo o pano. O personagem central deste filme é apenas um peão no complicado tabuleiro que Estaline começava a controlar, um militante anónimo, esforçado, cuja situação pessoal era a de um **recuperado** (acusado de "democraticismo pequeno-burguês" ele fora suspenso do Partido).

O filme não lhe dá, nem lhe



A memória recalcada, perplexa e comovida da esquerda que nós somos

tira, razões para a sua anterior «dissidência», o filme não faz dele um herói (a sua vitória é, sobretudo, histórica, é a vitória de um aparelho sobre outro, a vitória de uma ideia sobre outra, mas é também, e apenas, uma vitória **moral**), mas também o não faz anti-herói. Acima de tudo, **O Suspeito** não é uma película que fale de um indivíduo, que explore caracteres psicológicos que nos levem a identificarmo-nos com ele, antes procura o máximo de objectividade na análise de uma situação. A pergunta não é «como pode um indivíduo não se sentir triturado por aquele aparelho?» mas, talvez melhor, «como pode, apesar de tudo, ser possível resistir ao inimigo em tais condições?».

O Suspeito é, porventura, um filme perplexo e comovido. Face ao (impensável) sentido de militância que Emílio revela, face à sua humildade revolucionária, à sua verticalidade diante da repressão fascista. Vê-se que,

para Maselli, a situação que mostra é incompreensível na totalidade das suas dimensões. De certo modo, presta a melhor homenagem a esses camaradas de ontem, ao mesmo tempo que espelha a impotência para deles entender a totalidade de comportamentos. Emílio é como que uma figura vaga, venerada, temida e inextricável.

Não sei se este filme traz consigo a vontade de libertação do peso de uma História, se ele busca «matar» esse Pai que, hoje ainda, tem as suas marcas gravadas em nós todos. Sei, porém, que as suas dúvidas, hesitações e medos não são solitários. Este filme interessa-nos porque é ele mesmo fruto de uma certa memória recalcada.

Secretaria de Estado da Cultura
 Direcção-Geral de Espectáculos
 Câmara Municipal de Lisboa

TEATRO MUNICIPAL DE
 SÃO LUIZ

teatro Popular

Companhia Nacional I

HOJE ÀS 21.30

LEONOR, RAINHA MARAVILHOSAMENTE

peça em 5 actos de ALICE SAMPAIO

encenação de NORBERTO BARROCA



Colaboração plástica, figurinos e cartaz de JOÃO PAULO
 Música de JOSE LUIZ TINOCO
 Coordenação de movimento de ELISA WORM
 Assistentes de encenação PAULO LUCENA e FERNANDA LAPA

Elenco:
 Alina Vaz, Antonieta Viana, António Anjos, António Augusto, António Feio, António Rama, Armando Venâncio, Augusto de Figueiredo, Baptista Fernandes, Canto e Castro, Carlos Costa, Carlos Simões, Fernando Nascimento, Graça David, Jorge Nery, José Raimond, José Severino, José Wallenstein, Lia Gama, Lina Morgado, Luisa Neto, Manuela Cassola, Manuela Santos, Maria Amélia Matta, Maria Esmeralda, Maria José, Mário Sargedas, Miguel Guerreiro, Pedro Soares, Raquel Valdez, Rita Cardoso, Sebastião Ricou.

Matinees aos domingos às 15.30 horas

Bilheteira aberta das 14 às 22 horas

Desconto de 50% a estudantes e sócios dos Sindicatos quando identificados

Descanso da Companhia às Segundas Feiras

Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos

TEATRO ABERTO
 P. de ESPANHA (metro: PALHAVA) telefone: 77 09 69

grupo 4
 APRESENTA

ÚLTIMO MÊS
 TODAS AS NOITES ÀS 21.45
 ESPECT. NÃO ACONSES. A MENORES DE 13 ANOS
 Subsídio da SEC

Crónica atribulada de ESPERANÇOSO FAGUNDES
 de LUIS DE STTAU MONTEIRO
CARNAVAL
 Noites de 24, 25, 26 e 27
 em fim de festa: UM SHOW ESPECIAL

PAULO DE CARVALHO
 LUISA BASTO e ADELAIDE FERREIRA

TODAS AS TARDES 2 MATINÉES INFANTIS
«VIVA O CARNAVAL»
 (15 e 17.30) pelo TIL
 SORTEIO DE VALIOSOS PRÉMIOS POR TODAS AS CRIANÇAS FANTASIADAS

TEM FAMA O CARNAVAL NO TEATRO ABERTO

TRINDADE INATEL

Ninguém

Os sócios do INATEL, dos CCDs, CPTs, e Sindicatos beneficiam de 50% de desconto em todos os lugares (não acons. men. 13 anos)
 Sexta-feira, 23 — Última representação

CARNAVAL BRASILEIRO
 PAVILHÃO DE 'OS BELENENSES'
 NOITES DE 24-25-26-27 E PINHATA

Concurso de Fantasias PRÉMIOS
Cooper's
 JEANS
 A MARCA DO PRESENTE O ESTILO DO FUTURO

ESTÁDIO DO RESTELO
 «MÚSICA E ALEGRIA COM OS VAPORES DO REGO»

Crítica
de Teatro

CARLOS PORTO

**"Sissurica":
Os Novos
Comunardos**

«Sissurica». Criação colectiva sobre um soneto de Jorge de Sena. Versão cénica e direcção: João Mota. Interpretação: alunos do 2.º ano da Escola de Teatro da Comuna. Estreia: 10.2.1974.

Algumas coisas que vale a pena ter em conta: este espectáculo marca a continuidade do grupo que, como se sabe, sofreu ultimamente um processo de cisão que pôs em risco o seu futuro: este espectáculo, além disso, revela o trabalho feito no sentido de tornar mais durável essa continuidade através da preparação de novos actores, por intermédio da escola de teatro: finalmente, «Sissurica» representa o regresso da Comuna ao teatro para crianças.

Posto isto, o que parece mais curioso neste espectáculo é o facto de nele se encontrarem os sinais de um estilo que tem sido efectivamente, o da Comuna, ao longo destes anos de um trabalho original e importante tanto em relação ao teatro português

como até sob o ponto de vista internacional. Embora possa parecer repetitivo, ou pouco original, o uso de elementos cénicos já usados pelo grupo no seu primeiro espectáculo, como as canas, impõe-se pelo contrário, não só na realização de certos exercícios como constitui uma das marnas formais desses exercícios e, mais geralmente, do trabalho do grupo.

O espectáculo inicia-se como um ritual e como tal se mantém, embora com diversas rupturas, aliás, nem sempre cénicamente ajustadas. Os actores começam por sair do meio do público onde se mantinham anonimamente — e também aí encontramos uma das marcas do grupo: a comunicação com o espectador, a integração social de um no outro, o apagamento vedetístico. Empunhando panos de cores variadas, os actores rodeiam a actriz que interpreta a marioneta a cujo nascimento vamos assistir.

A marioneta aprende a lançar as sementes (confetis) e a falar (sissurica). Através de vocalização (utilizando as palavras de um poema de Jorge de Sena), tocando vários instrumentos, cantando, imitando animais cuja imagem são projectados no «écran», os actores vão construindo o teatro em que o corpo é palco e intérprete, teatro do exercício anímico e sensorial, de acrobacia, da entrega física, da conquista do espaço, da construção do som, da invenção burlesca, da envolvimento, do jogo colectivo. Por momentos, evoca o «Melim», de Gutkin, o que não acontece por acaso já que o trabalho da Comuna teve muito a ver com o trabalho que aquele encenador argentino fez em Portugal.

O espectáculo passa assim do exercício escolar ao teatro de expressão corporal e vocal, permitindo à dúzia de actores revelar o que neles ultrapassa o mero jogo físico para ser já teatralidade.

Com diferenças entre eles (um dos jovens, pelo menos, pareceu-me, no entanto, mostrar uma apetência de palco, que merece ser desde já considerada) todos os alunos do 2.º ano da escola da Comuna demonstraram não só ter aprendido a lição como, possivelmente, terem ido mais além, dando um contributo pessoal a um acto teatral que é criador.

Resta saber, se capazes como se mostram do domínio e da expressão corporal, estes jovens poderão ir mais além: do corpo à personagem, do som à palavra, do jogo à ideia, da técnica ao teatro, integrando-se então nas formas e conteúdos que são específicos do grupo. Ou, quem sabe, escolhendo outros horizontes de criatividade teatral.

**Comédia de Shakespeare
em Xangai**

A comédia do dramaturgo inglês William Shakespeare «Muito Barulho Para Nada» está a ser actualmente representada em Xangai.

É esta a primeira vez, desde há alguns anos, que um grupo artístico chinês (neste caso o Grupo de Teatro Moderno da Juventude de Xangai) representa uma peça de teatro de autor estrangeiro.

Em 1962, «Muito Barulho Para Nada» tinha sido representada

pelos finalistas do Instituto Teatral de Xangai.

Segundo informa a agência chinesa Xinhua, os bilhetes para os 16 espectáculos com a peça de Shakespeare esgotaram em menos de três dias.

Simultaneamente à representação de «Muito Barulho Para Nada», o grupo de teatro interpreta uma peça cómica inglesa em um acto intitulada «Como é Desumano».



Durante as filmagens

QUARTA-FEIRA, RTP — 2

"A volta da cidade" de Nuno Portas

Na próxima quarta-feira, dia 21 a RTP-2 transmite, às 20.30, mais um programa da série «A volta da cidade», de Nuno Portas, com produção de Cinegrupo 7.

No programa anterior documentou-se a expansão que tem conhecido a construção de edifícios altos em cidades e vilas do nosso país, bem distantes dos centros onde já eram correntes há longos anos. Torna-se, assim, urgente esclarecer as razões que podem militar a favor ou contra esta forma de urbanização, antes que atinja proporções ainda maiores que as actuais, e daí venham a resultar consequências, porventura irre-

paráveis.

Assim, este programa criticará a ideia, hoje muito divulgada (mesmo junto dos técnicos), de que a construção em altura permite poupar terreno e tornar mais económica a urbanização de novas áreas.

Através de modelos em escala reduzida, o responsável do programa insistirá no facto de que a construção em altura apenas permite um melhor aproveitamento do terreno, caso se transija com a redução da área livre para espaços verdes, logradouros, equipamento social, etc. Procurar-se-á ainda mostrar a evolução histórica da edificação em grande altura, quer quando

se assumiu um carácter claramente especulativo, quer quando foi defendida por arquitectos e urbanistas de inegáveis preocupações sociais.

Defendendo-se a existência de uma relativamente elevada densidade como condição para a expansão urbana, procurou-se comparar o que aconteceria em duas situações distintas: casas de pequena ou grande altura. Atendeu-se ainda, a outros critérios nesta comparação: dependência de energia num e noutro caso, problemas de ascensores e abastecimento de água, economia das infra-estruturas, etc.

A mulher que amava
foi raptada,
e feita escrava...
nada o deteve
até conseguir
o seu regresso

ASHANTI

...isto acontece nos dias de hoje!



COLUMBIA PICTURES PRESENTS
A GEORGES-ALAIN VUILLE PRODUCTION
A RICHARD FLEISCHER FILM
com **MICHAEL CAINE** **PETER USTINOV** **KABIR BEDI**
BEVERLY JOHNSON
OMAR SHARIF *em "The Prince"*
REX HARRISON *em "Walker"*
WILLIAM HOLDEN *em "Sands"*

Música de **MICHAEL MELVON** Produtor Associado **JOHN C. VILLI**
Argumento de **STEPHEN GELLER** Baseado na novela de **ALBERTO VASQUEZ FIGUEROA**
Produção de **GEORGES-ALAIN VUILLE** Realização de **RICHARD FLEISCHER**

Amanhã Espectacular Estreia às 21.30 h

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
Bilhetes à venda para toda a 1ª semana

IMPERIO

NA
ESTACÃO DO ROSSIO

AGORA
+3
PISOS



Passe pela Estação do Rossio e entre
na loja encontra o na 3.ª Centro Comercial
de Lisboa.
TERMINAL é o ponto alto das suas compras.
«Basta» no TERMINAL «ou é compra
em pouco tempo tudo o que precisa.
Atrás passas do Metro um total de 5 pisos
com lojas rotundas. Com cinema
e nesta altura, Baty sitting.
Passe pela Estação do Rossio e entre
na loja encontra o na 3.ª Centro Comercial
de Lisboa.

No caminho das suas compras

Terminal
Centro Comercial do Rossio

Academia Almadense
GRUPO DE CAMPOLIDE



de Alfonso Sastre / J Viana

sexta, 23 e segunda, 26 às 18.30
sabado, 24 e terça, 27 às 15 e 18.00
domingo, 25 às 14 e 16.00

com

Antonio Azevedo, Luis Alberto,
Teresa Gesteira e Valdemar de Sousa

ESTREIA
DIA 23
ÀS 20.30 E 22.45 H
BILHETES À VENDA

ADÔQUE

TEL. 87 44 76

UM ESPECTÁCULO
MUSICAL QUE SAI
FORA DAS REGRAS
DO JOGO!

«1926»
— NOVES FORA NADA —
RECORDAR NÃO É VIVER... É PREVENIR!

Olimpíadas: as regras do jogo

Os participantes nos XXII Jogos Olímpicos, a realizar em Moscovo no Verão de 80, disputarão 203 modalidades contempladas com medalhas. Mas, quantos competidores entrarão em linha por cada uma delas? O Comité Olímpico Internacional estabeleceu regras a este respeito.

Estas normas só apareceram recentemente. Nas primeiras Olimpíadas não existiam limitações o que levou a que certas modalidades tivessem sido disputadas por atletas de um só país. Na I Olimpíada (1896), realizada em Atenas, cinco dos 6 corredores da maratona eram gregos. Nos II Jogos, França, Bélgica e Alemanha (por exemplo) contaram nas regatas de remo e vela com várias embarcações por classe. Na III Olimpíada, em Saint-Louis (EUA), nas finais de 100 e 400 metros só se defrontaram atletas americanos e o pólo aquático e ginástica foram disputados por três seleções americanas.

Com o crescimento da dimensão dos Jogos e da participação mundial, surgiu a necessidade de limitar (de certo modo) os efectivos da delegação desportiva de cada país representado. A princípio, limitou-se às modalidades onde estão em confronto equipas. Mais tarde, o COI (no seu regulamento) introduziu cláusulas que restringiram em todos os desportos o número de participantes. O Congresso Olímpico de Berna (1973) reduziu ainda o contingente de atletas por país. Finalmente, numerosas federações incluíram uma nova restrição complementar: as normas de classificação e os torneios preliminares (eliminatórias).

Actualmente, o número de participantes e reservas em todos os desportos olímpicos dos Jogos de Moscovo estão em

estudo na Comissão do Programa Olímpico da COI, com a colaboração das federações internacionais das diversas modalidades.

Os participantes por país, segundo a Carta Olímpica, não deverão exceder os três (sem reservas) nas competições individuais e uma equipa por país, nos torneios por formações. Por outro lado, nas competições reservadas exclusivamente aos homens podem inscrever-se ao todo 12 equipas, com excepção do futebol em que intervêm 16. Nas modalidades praticadas por homens e mulheres podem participar 18 equipas, não podendo ser o número de equipas femininas inferior a seis. Além disso, a Carta estabelece a necessidade de só participarem nos Jogos, desportistas de nível olímpico.

Tendo em conta as prescrições da Carta Olímpica, as Federações Internacionais de Ginástica (FIG), Atletismo Amador (FIAA), Natação Amadora (FINA), Pentatlo Moderno (VIPMB), Tiro com Arco (FITA), Halterofilia (FIH) estabeleceram normas de qualificação para os Jogos. Vejamos as normas de admissão que, com o acordo das federações desportivas internacionais, o COI fixou para os Jogos de Moscovo:

Basquetebol: 12 equipas masculinas e 6 femininas; o número de jogadores por equipa não poderá exceder os 12.

Boxe: em cada uma das 11 categorias participará um pugilista por país. Não haverá reservas.

Luta: em cada categoria só poderá actuar um lutador por país. O efectivo máximo da equipa de cada país será de 20 desportistas: 10 de luta livre e outros 10 de luta greco-romana.

Ciclismo: 15 corredores por país. Cada um poderá intervir em

qualquer das modalidades. No entanto, as provas individuais em circuito (corrida de 1 km em contra-relógio; corrida de velocidade, de 3 voltas, e corrida individual de perseguição) actuará um corredor por país. Nas competições individuais de estrada, com partida simultânea: 4 ciclistas. Nas provas entre equipas (100 km em estrada e perseguição em circuito): uma equipa de 4 ciclistas por país.

Voleibol: 10 equipas masculinas e 6 femininas com 12 jogadores cada.

Ginástica: nas competições por equipas (provas 1.ª e 16.ª, na terminologia da FIG): 12 equipas masculinas e 12 femininas, integradas por 7 ginastas, incluindo um reserva. Nas competições individuais (2.ª prova) tomarão parte 36 homens e 36 mulheres, segundo os resultados obtidos nas provas de equipas, no máximo de 3 ginastas por país. No torneio de exercícios individuais em aparelhos (3.ª prova) intervêm 8 participantes, de acordo com os resultados obtidos na prova 1.ª, mas não mais de 2 homens e 2 mulheres por país.

Remo: um barco por país em cada uma das 14 classes (8 masculinas e 6 femininas). Pode haver reservas: dois suplentes nas provas de «sculls» e um timoneiro (tanto para homens como para mulheres).

Remo em «kayac» e canoa: uma embarcação por país, em cada uma das 11 modalidades (9 masculinas e 2 femininas): Máximo: 17 desportistas nas espe-

cialidades individuais) então os três têm de cumprir os índices mínimos estabelecidos pela FINA. Em cada uma das provas de estafetas, só pode tomar parte uma equipa por país. No torneio olímpico de pólo aquático, participarão 12 equipas que podem integrar até 11 jogadores.

Andebol: 12 equipas masculinas e 6 femininas, com 14 jogadores cada uma.

Pentatlo moderno: cada país estará representado por uma equipa composta por três atletas e um suplente. Os mesmos três participantes intervirão no torneio individual.

Tiro: a composição total de cada equipa é 14 atiradores, podendo apenas participar 2 em cada disciplina. **Tiro com arco:** uma equipa de cada país, com 2 homens e 2 mulheres no máximo. **Halterofilia:** 10 participantes e dois suplentes por país. Em cada categoria só se pode registar dois desportistas por país. **Esgrima:** cada país pode apresentar 16 esgrimistas e 2 suplentes (um homem e uma mulher). Nas competições de equipas podem inscrever-se cinco desportistas por país (participam só 4). Nas provas individuais podem inscrever-se três esgrimistas.

Futebol: 16 equipas com 17 jogadores cada uma.

Hóquei em campo: 12 equipas masculinas e 6 femininas, compostas de 16 jogadores cada.

A composição máxima de cada conjunto nacional que participe nas 203 competições desportivas não pode ser superior a 560 pessoas.

Mais de seis mil atletas foram à Espartaquíada

Recentemente, realizou-se em Tachequente, capital da RSS do Uzbequistão, a XV Espartaquíada Estudantil da URSS, em que participaram mais de 6 mil jovens, vindos de todas as Repúblicas, que disputaram 21 modalidades olímpicas. Na sua fase preliminar participaram 30 milhões de jovens.

A Espartaquíada Estudantil decorreu sob o lema de «Os futuros campeões olímpicos estão entre nós». Foi em anteriores «Espartaquíadas» que atletas como Vladimir Yashchenko (campeão do salto em altura), a ginasta Helena Mukhina (campeã da Europa) e a xadrezista Maya Tshiburdanidze (nova campeã feminina do Mundo de Xadrez) se revelaram.

O torneio de ginástica de Tachequente, foi a última etapa de preparação da selecção soviética para o campeonato do mundo em Estraburgo. Treze candidatos (no fundamental raparigas de 14 - 15 anos) à selecção soviética, participaram no torneio. Natalia Shaposhnikova, que ganhou o torneio com 78,98 pontos (menos 0,65 do que conseguiu a campeã do mundial Maria Filatova) apresentou nas barras paralelas um novo elemento que os especialistas qualificam já como «a volta de Shaposhnikova». Também nas provas de acrobacia Andrei Omelchuk e Serguei Gaidenko (da cidade bielorrussa de Vitebsk) apresentaram novo elementos.

No torneio de boxe, despertou a atenção Alexand Zayev (16 anos), irmão mais novo de Piotr Zayev (antigo campeão da URSS) que venceu na categoria de 74 quilos.

No Xadrez, o mais destacado foi Garri Kasparov (15 anos), mestre de Baku, que há pouco se classificou para a liga superior do campeonato da URSS. Semelhante êxito nunca foi conseguido por ninguém, incluindo o actual campeão mundial Anatoli Karpov. Max Euwe, presidente da Federação Internacional de Xadrez, catalogou Kasparov entre os que poderão aspirar no futuro ao título mundial.

No atletismo não se pode deixar de mencionar Marina Serkova (16 anos), de Leninegrado, que estabeleceu o recorde da URSS de salto na categoria de juvenis: 1,84 metros.

QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA NOTÁRIO-LIC. HENRIQUE VAZ LACERDA

CERTIFICADO PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO: - Que por escritura de 21 de Fevereiro de 1979, lavrada de folhas 21 verso a folhas 24, do livro número E 106, deste cartório, Acácio Júlio Loureiro Borges e Raul Arnaldo de Sousa Costa, como únicos sócios que ficaram sendo, após cessão de quotas operadas por esta escritura, da sociedade comercial em nome colectivo, que gira sob a firma «FRANCISCO AGOSTINHO MARTINS & IRMAO», com sede em Lisboa, elevaram o capital de Esc. 6 000\$00 para Esc. 30 000\$00, tendo o reforço na importância 24 000\$00, sido subscrito a dinheiro pelos sócios Acácio Júlio Loureiro Borges e Raul Arnaldo de Sousa Costa, e nessa qualidade alteraram parcialmente o pacto nos termos seguintes:

SEGUNDO

O capital social é de TRINTA MIL ESCUDOS, encontra-se integralmente subscrito e realizado em dinheiro e nos diversos valores constantes da escrita da sociedade e corresponde à soma dos dois quinze mil e quinhentos escudos cada pertencentes um a cada um dos sócios, Acácio Júlio Loureiro Borges e Raul Arnaldo de Sousa Costa.

O artigo quarto passa a ter a seguinte redacção:

QUARTO

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado, bastando a assinatura de qualquer deles para que a sociedade se considere validamente obrigada em todos os seus actos e contratos.

PARÁGRAFO UNICO - Os gerentes poderão delegar em quem entenderem, no todo ou em parte os seus poderes de gerência.

Esta de conformidade com o original, e que na parte omitida, nada há em contrário ao que do que se narra ou transcreve. Lisboa, dezasseis de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove.

saíu cadernos do terceiro mundo

A FORMAÇÃO ATRAVÉS DA INFORMAÇÃO

Irão, Etiópia, Yemen do Sul, Kampuches, cadeia de derrotas do imperialismo. FMI e África, Brasil diante do Governo Carter, Argélia sem seu «fella», Somoza ameaça invadir Costa Rica, crise em El Salvador. Os camponeses e as transnacionais, ciência e tecnologia em julgamento.

RISCO — Projectistas e Consultores de Design S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

E convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, RISCO — Projectistas e Consultores de Design, S.A.R.L. para reunir, no dia 16 de Março de 1979, pelas 15 horas, na Rua Borges Carneiro, 34 r/c — Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal.
- 2 — Tratar ou deliberar quaisquer outros assuntos no âmbito desta Assembleia.

Lisboa, 13 de Março de 1979

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Jorge Cid das Neves Barreto

XADREZ

"Taça" com Sporting-Ateneu

A equipa de xadrez do Sporting Clube de Portugal, que eliminou o Benfica, enfrenta agora a equipa A do Ateneu Comercial de Lisboa na próxima eliminatória da «Taça de Portugal» da modalidade, que se disputa em 10 de Março.

O sorteio, realizado na sede da Federação, deu para esta eliminatória o seguinte emparelhamento na Zona 1: CDUP C - Ass. Port. e Tráfego Aéreo de Santa Maria. Grupo Xadrez da Relvinha - Grupo Xadrez da Guarda, Viana Taurino Club D - Viana Taurino Club C e Grupo de Xadrez do Porto - CDUP A.

Zona 2: Progresso A - Grupo de Xadrez de Portalegre, GAD B - Benfica e Liga dos Amigos de Alenquer - Grupo de Xadrez Alekhine B e Ac. Amadora B - Sir 1.º de Maio.

Zona 3: GDEP Notícias/Capital - GX Faculdade de Ciências, Ateneu Comercial de

Lisboa D - Benfica C, Clube Atlético de Alvalade - CSCT Comércio e Sporting - Ateneu A.

Zona 4: Náutico do Guadiana - Belenenses A, Ac. Amadora C - Sport Faro e Benfica, GX Alekhine C - Lab. Nac. Engenharia Civil e Ac. Amadora A - Ateneu Comercial de Lisboa B.

Para esta eliminatória os clubes qualificaram-se com os seguintes resultados na Zona 1: GX Guarda - Sporting Pombal, 2,5 - 1,5; CDUP A - Viana Taurino B, 2,5 - 1,5; Viana Taurino D - Salesiano A, 4 - 0; Viana Taurino C - GX Juventude V-FC; CDUP B - GX Porto, 1,5-2,5; GX Relvinha - Salesiano B, 3,5-0,5; Estarreja - GAD B, 1-3; Ac. Espinho A - CDUP C, 1-3.

Zona 2: Progresso A - Ac. Rec. Ajuda C, 4-0; Benfica C - Ric Maior, 4-0; Belenenses A - Sol Brilhante C, 4-0 Ac. Amadora C - Messa B, V-FC; GX Portalegre - Santo António dos Ca-

valeiros B, V-FC; CSCT Comércio - Orfeão de Leiria, 3-1; Sir 1.º DE Maio - Messa A, 4-0; Quintanilha A - Liga dos Amigos de Alenquer, 2-2 (apurada a Liga por vitória no primeiro tabuleiro).

Zona 3: Belenenses B - C.A. Alvalade, 1-3; Padaria do Povo B - GDEP Notícias/Capital, 0-4; GX Alekhine B - Fundo Fomento da Habitação, 3,5-0,5; Caramão B - GX Faculdade de Ciências, 2-2 (apurada a Faculdade de Ciências por vitória no segundo tabuleiro); Padaria do Povo A - Ateneu Comercial de Lisboa, 0-4; Benfica D - Benfica E, 1-2 (faltaram dois jogadores, um de cada equipa, que deviam jogar entre si); LNEC - Estoril Praia, 4-0; Belenenses C - Ac. Amadora A, 0-4.

Zona 4: Ac. Amadora B - Cova da Piedade A, 2,5-1,5; Portão Verde B - APCTA Santa Maria, 2-2 (apurada a equipa dos Açores por vitória no primeiro tabuleiro); Núcleo de Xadrez de S. Bartolomeu de Messines - Náutico do Guadiana, 1,5-2,5; Sol Brilhante B - GX Alekhine C, 1-3; Faro e Benfica - A. R. Ajuda B, 4-0; Ateneu Comercial de Lisboa B - Cova da Piedade B, 3,5-0,5; A. R. Ajuda D - Ateneu Comercial de Lisboa D, 2-2 (apurado o Ateneu, por vitória no primeiro tabuleiro); Benfica A - Sportina, 1-3

CIÁTICA

LUMBAGO • TORCICOLOS • NEVRITES
ESPONDILOSES • ENXAQUECAS
ELIMINAÇÃO TOTAL DAS DORES
ACUPUNCTURA

SISTEMA MILENARIO CHINÊS

COLUNA

DEFORMAÇÕES • PARALISIAS • ATROFIAS
GINASTICA DE RECUPERAÇÃO • MASSAGENS
FISIOTERAPIA

ROGÉRIO CID

ENFERMEIRO MASSAGISTA

DIPLOMADO PELA ESCOLA INTERNACIONAL
DE ESPECIALIDADES MEDICAS E MADRID
ESTAGIARIO DO CENTRO DE ACUPUNCTURA DE
S. PAULO — BRASIL

BODY CLINIC • CLUBE DE SAUDE

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 18 - 2.º — Tel. 562686

Diário
de Lisboa

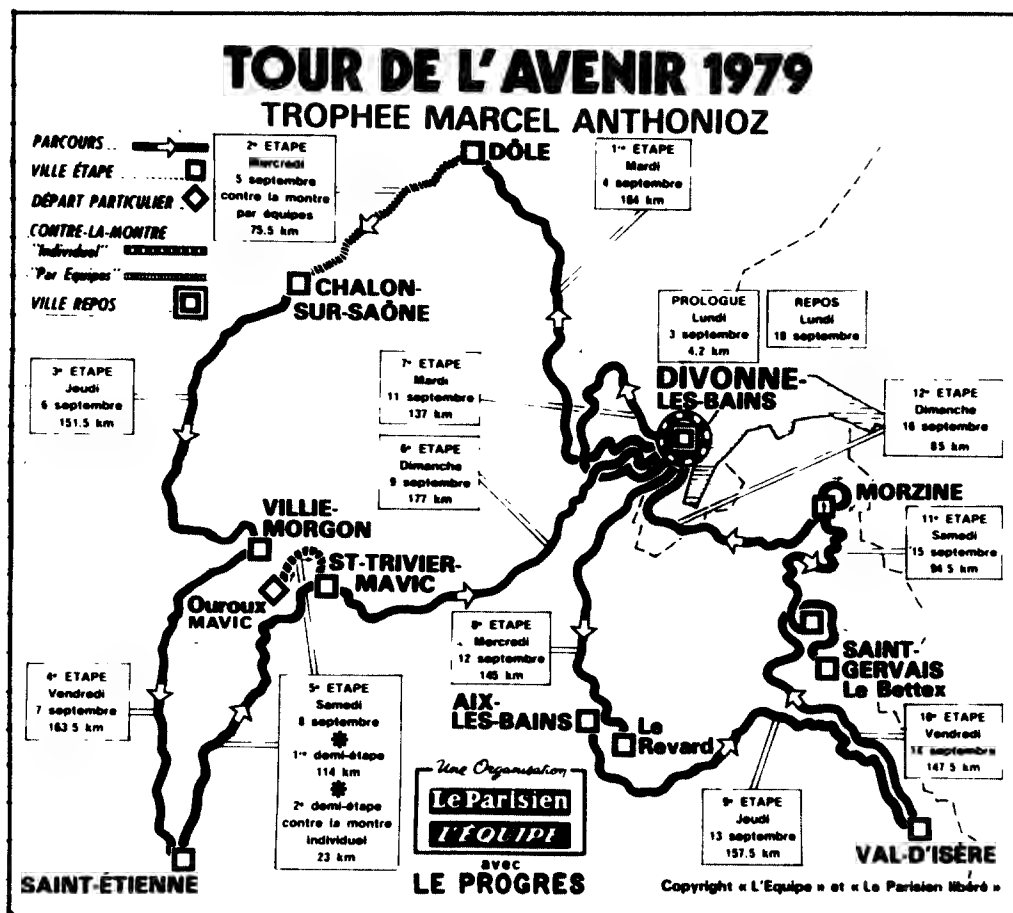
vende-se no

CAFÉ
CENTRAL

António Batista Paquete
Rua Serpa Pinto, 58-60-62

Telef. 42172

CUBA Alentejo



O percurso da «Volta do Futuro» na edição deste ano

“Volta ao Futuro” está em marcha

A 17.ª edição da volta à França do Futuro, em bicicleta, disputa-se de 3 a 16 de Setembro e conta com a presença de ciclistas de 22 países, entre outros a Bélgica, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha Federal, República Democrática Alemã e a União Soviética, cujos corredores (comandados por Sergei Soukhorooutchenkov) conquistaram os quatro primeiros lugares na última edição da

corrida.

Os organizadores adiantaram que o delegado soviético Victor Kapitanov tinha informado que a URSS irá apresentar os melhores ciclistas na altura da competição, e não necessariamente os que triunfaram no ano passado.

Como em 1978, a corrida deste ano principia em Divonne-Les-Bains (perto de Genebra) com um prólogo. O dia

de descanso é a 8 de Setembro.

A etapa mais longa é a 6.ª, a qual se estende por 177 quilómetros de St. Trivier a Divonne-Les-Bains.

Um contra-relógio por equipas, na distância de 75 quilómetros, entre Dole e Chalon-Marne, é a inovação que os organizadores tencionam testar na edição deste ano da Volta à França para amadores.

Atletismo: abriu a pista

O regresso do barreira verde-branco, Alberto Matos, às competições, após alguns anos de ausência, foi o facto mais saliente das provas de preparação realizadas, no Estádio do Jamor e que assinalaram o início da época de pista. Alberto Matos disputou a prova de 60 metros barreiras e venceu com o tempo de 8,3 segundos, vincando da melhor forma o seu retorno às pistas.

Resultados dos 5000 metros marcha: 1.º, Paulo Alves (Santa Iria), 26,03; 2.º, Dinis Santos (C. A. St.ª Cruz), 26,26; 3.º, Francisco Alves (Sporting), 27,25. 60 metros barreiras (masculinos): 1.º, Alberto Matos (Sporting), 8,3; 2.º, Vítor Mendes (Belenenses), 8,4; 3.º, António Vermelho (Belenenses), 8,5. 60 metros barreiras (femininos): 1.ª, Suzel Abreu (Belenenses), 9,5; 2.ª, Ana Oliveira (CUF), 9,5; 3.ª, Ana Paula Mota (F. C. do Porto), 9,6. Altura (feminino): 1.ª, Cristina Abreu (Sporting), 1,65; 2.ª, Isabel Pires (Belenenses), 1,50; 3.ª, Suzel Abreu (Belenenses), 1,50. Vara: 1.º, João Carlos Silva (Sporting), 3,45; 2.º, António Freixo (Sporting), 3,30. Dardo (masculino): 1.º, Nuno Lobo (Sporting), 60,54; 2.º, Paulo Castro (Benfica), 57,10; 3.º, Fernando Marques (Benfica), 55,90. Martelo: 1.º, José Pedroso (Sporting), 52,30; 2.º, Silvério Manso (Sporting), 50,08; 3.º,

Guilherme Pereira (Sporting), 46,14. 60 metros (masculinos): 1.º, Lino Guerreiro (UNAP) e António Fernandes (Sporting), 7; 3.º, Daniel Monteiro (F. C. do Porto), 7,1. 500 metros (masculinos): 1.º, Carlos Cabral (Sporting), 1,04; 2.º, Zeferino Coutinho (Belenenses), 1,06,5; 3.º, António Rosado (Sporting), 1,06,7. 500 metros (femininos): 1.ª, Zaida Camalhão (Sporting), 1,16,8; 2.ª, Filomena Timóteo (C. A. de Setúbal), 1,24,1; 3.ª, Maria João Sousa (Benfica), 1,30. 60 metros (femininos): 1.ª, Cristina Lourenço (Belenenses), 7,7; 2.ª, Elisabete Almeida (Sporting), 7,9; 3.ª, Suzel Abreu (Belenenses) e Lígia Avelar (Belenenses), 7,9. Dardo (feminino): 1.ª, Conceição Alves (Sporting), 31,02; 2.ª, Isabel Pires (Belenenses), 27,40; 3.ª, Augusta Pereira (Benfica), 27,16. Comprimento (masculino): 1.º, António Vermelho (Belenenses), 6,82; 2.º, Sérgio Biell (F. C. do Porto), 6,32; 3.º, João Lima (Benfica), 6,18. 300 metros (masculinos): 1.º, Lino Guerreiro (UNAP), 35,6; 2.º, Américo Figueiredo (Benfica), 35,8; 3.º, António Caldas (Sporting), 36. Altura (masculinos): 1.º, Rui Silva (Belenenses), 2; 2.º, Luis Leite (Sporting), 2; 3.º, Vítor Mendes (Belenenses), 1,95. 300 metros (femininos): 1.ª, Cristina Lourenço (Belenenses), 42,3; 2.ª, Ana Santos (Sporting), 45,4; 3.ª, Isabel Santos (Ingleses), 45,8.

Benfiquistas “stickam” para ganhar

O Benfica começou com o pé direito, como se costuma dizer, as suas andanças no Campeonato de

Hóquei em Patins da I Divisão ao derrotar ontem em Alvalade o Sporting por quatro golos sem resposta. Virgílio, que já estivera em foco como goleador na final da «Taça», marcou os quatro tentos, de nada valendo os sucessivos «tampões» inventados pelos da casa. O ex-italiano está a jogar que se joga.

A ronda forneceu ainda outros resultados desníveis na Zona Sul, com destaque para o 7-1 do Sesimbra ao Belenenses. Na Zona Norte, derrota do Valongo em casa do Infante e estreia normal da Académica de Coimbra, batida no seu «rink» pelo experimentado quadro do Porto.

Resultados completos da Zona Norte: Riba de Ave-Fânzeres, 6-1; Académica de Coimbra - FC Porto, 1-6; Infante de Sagres - Valongo, 2-1; Carvalhos - Relógios Invicta, 2-1; Académica de Espinho - Oliveirenses não se realizou por falta de árbitros.

Idem da Zona Sul: Sporting - Benfica, 0-4; Oeiras - Sale-siana, 6-0; Parede - Campo de Ourique, 5-1; Sesimbra - Belenenses, 7-1; e Cascais - CUF, 6-4.

Futebol com jogos antecipados

Dois jogos de desempate para a «Taça de Portugal» de Futebol disputam-se amanhã à tarde: Riopelle - Famalicão às 15 horas e Merelense - Marrazes às 19 e 30. No sábado há às 15 horas o Gil Vicente - Angrense e às 15 e 30 o Guimarães - Buce-lenses e Académico de Coimbra

«O Elvas». Os jogos de amanhã referem-se ainda à segunda eliminação, os de sábado são já (antecipados) da terceira. Entretanto no domingo, a par da «Taça», há três «atrasados» da III Divisão: Vizela - Abambres, Guarda - Acrede e Elétrico de Ponte de Sôr - Mirense.

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL E LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA

LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO: — Que, por escritura de doze de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada de folhas quarenta e seis a folhas quarenta e oito, do livro número C-seiscentos e cinco das notas deste Cartório, foi entre, José Manuel de Magalhães Vieira de Sá e Luís Manuel Alves Dias, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de **MONTE — EMPRESA DE PROJECTO E CONSTRUÇÃO, LIMITADA**, tem a sua sede em Lisboa, na Rua General José Celestino da Silva, número oito, oitavo andar esquerdo, freguesia de São Domingos de Benfica, podendo ser transferida para qualquer outro local por simples deliberação da gerência, e a sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

PARÁGRAFO ÚNICO — Por deliberação da assembleia geral poderá a sociedade criar ou encerrar filiais, delegações ou quaisquer outras formas de representação social, tanto no País como no estrangeiro.

SEGUNDO

O objecto da sociedade consiste na indústria de construção civil, na execução de empreitadas de obras particulares e públicas, na execução de obras por administração directa, na revenda de prédios adquiridos para esse fim, na urbanização de terrenos e na construção de prédios para exploração directa ou para venda, na prestação de serviços de projecto e assistência técnica e económica, podendo ainda explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

TERCEIRO

O capital social é de trezentos mil escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: uma de duzentos mil escudos, pertencente ao sócio José Manuel de Magalhães Vieira de Sá e outra de cem mil escudos pertencente ao sócio Luís Manuel Alves Dias, das quais já foram realizados cinquenta por cento em dinheiro que já deu entrada na caixa social.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os sócios farão entrar os restantes cinquenta por cento do capital a realizar em dinheiro, dentro do prazo de um ano a partir de hoje.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Podem ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, mediante deliberação da assembleia geral.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Os sócios poderão fazer suprémentos à caixa, mediante condições a fixar em assembleia geral.

QUARTO

A gerência e administração da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os documentos de simples e mero expediente poderão ser assinados indistintamente por qualquer dos gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Nos actos ou contratos que envolvam obrigação ou outra qualquer responsabilidade para a sociedade, designadamente movimentação de contas bancárias, assina-turas de cheques, aceites, saques e endossos de letras, a sociedade só se obriga com a assinatura dos dois gerentes.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Qualquer dos gerentes poderá delegar em

quem entender, ainda que estranho à sociedade, por meio de procuração, os seus poderes de gerência e de representação social, para os fins tidos por convenientes, nomeadamente os referidos no parágrafo anterior, podendo a própria sociedade constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para quaisquer outros fins.

PARÁGRAFO QUARTO — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, subfianças, letras de favor e outros actos semelhantes estranhos aos negócios sociais.

QUINTO

A cessão de quotas a favor de quem não for sócio carece do consentimento dos sócios não cedentes, aos quais é reservado o direito de preferência na aquisição da quota alienada.

PARÁGRAFO ÚNICO — O sócio que pretenda usar do direito de preferência pagará a quota alienada pelo valor que lhe for atribuído no balanço a que, para esse efeito, se procederá, qualquer que seja o preço da projectada cessão.

SEXTO

A divisão de quotas entre os herdeiros do sócio falecido não carece de autorização especial da sociedade.

SÉTIMO

As assembleias gerais, salvo nos casos em que a lei exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, expedidas pelo correio, ou referenciadas em protocolo e entregues aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme ao original Lisboa, treze de Fevereiro de mil novecentos e setenta e nove.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,
Teresa Maria Adida
d'Assunção Xavier

24 25
&
26

o carnaval da crise

queime a crise com o Entrudo,
que 4.ª feira é de cinzas

A Banda, Carlos Mendes, Grupo de Acção Cultural, Shila

no Pavilhão Gimnodesportivo do Estádio Universitário
(junto ao Hosp. Santa Maria)

o Entrudo toca a todos!

AUTOCARROS
30, 31, 32, 34,
35, 38
Parque de estacionamento
privativo

uma organização
MúsicAberta

BILHETES A VENDA
Agência ABEF
Restauradores
e
no local

ROTEIRO CULTURAL

Como sempre, o mais activo dos sectores é o das belas-artistas. Na lista que ontem demos das exposições presentes em curso omitimos, involuntariamente, algumas que julgamos importantes e para as quais chamamos a atenção de todos.

Para começar queremos referir a de Lidia Martinez e de Philippe Legal, cuja inauguração tínhamos anunciado. Esta exposição está patente ao público na Galeria de Arte Moderna da SNBA. Trata-se de uma exposição que julgamos inútil comentar porque muitos dos nossos leitores conhecem a obra destes dois artistas que residem em Paris, já que eles expuseram na SNBA o ano passado.

Stella de Brito expõe recentemente na Galeria de Arte do Casino do Estoril. Extremamente pessoalista e, portanto, difícil de catalogar, esta pintora de poemas já figurou várias vezes neste Roteiro e os seus leitores habituais não precisam, por isso, de lhes ser apresentados. O que talvez mereça um comentário é a extraordinária actividade que o Casino do Estoril tem vindo a desenvolver, ultimamente, para proporcionar aos habitantes da Linha a possibilidade de visitarem exposições e de participarem em actividades culturais. Não

é nosso hábito tecer elogios, parecer-nos-ia injusto não referir esta actuação que tanto tem beneficiado os residentes da área.

Outra exposição presentemente patente ao público na SNBA é a de Grupo Internacional Phases que também já foi comentado neste Roteiro. Julgamos que se impõe uma visita à SNBA e que os nossos leitores que ainda lá não foram terão a lucrar em fazê-lo quanto antes.

Voltamos a recordar que também vale a pena ir à «Tempo» ver os quadros do Mário Cesariny e à Galeria de «O País» ver a exposição da Luísa Afonso. Bem vistas as coisas, os amadores de belas artes não têm razão de queixa: há muita coisa a ver nesta cidade tradicionalmente considerada adormecida.

Voltamos a insistir, ainda que com dois dias de avanço, na importância da exposição de arte jugoslava que vai ser inaugurada no dia 22 na Fundação Gulbenkian. Trata-se de uma exposição que nos vai dar a todos a oportunidade de saber o que está a acontecer artisticamente num país que poucos conhecemos. Dada a responsabilidade dos organismos responsáveis por esta exposição, é de prever que ela venha a corresponder a todas as expectativas.

Pomos de parte, por hoje, o nosso noticiário referente ao

sector das Belas-Artes para nos dedicarmos ao do teatro que continua dominado pela estreia que teve lugar, esta semana, no S. Luiz. Como noticiámos, subiu à cena no palco do S. Luiz a peça de Alice Sampaio «Leonor, rainha maravilhosamente», que Norberto Barroca encenou.

No Teatro Aberto, começaram os ensaios de uma nova peça de José Cardoso Pires que se encontra em Londres. Não podemos, por enquanto, dar mais detalhes sobre esta peça, mas voltaremos, oportunamente ao assunto.

No D. Maria II, continua em cena «As Alegres Comadres de Windsor» e prosseguem os ensaios de «Os filhos do Sol».

No TNP, «Avareza, luxúria e morte n'arena ibérica» prossegue a sua carreira e não há dúvida de que vale a pena ver este espectáculo, sobretudo a quem não conhece a obra de Valle Inclán.

Como já temos dito várias vezes, o teatro continua em crise de espectadores. Por motivos que não se entendem facilmente mas que até podem estar ligados à falta de publicidade, o lisboeta vai pouco ao teatro. É preciso arrancá-lo às telenovelas, ao calor da casa, à doce paz do lar e sabemos lá a que mais, para o convencer a assistir a um teatro. É claro que tudo isto está associado à crise



Um desenho de Philippe le Gall que expõe, presentemente, na SNBA

económica que enfrentamos. Obrigado a comer fora de casa o lisboeta fica com pouco dinheiro para outras coisas mas o certo é que não se entende lá muito bem (ou será que se entende?) por que é que as livrarias e os teatros são os mais afectados por esta falta de dinheiro. Sabemos de um estabelecimento de comes e bebes que vendeu, num só dia deste mês, oitenta e tal contos de marisco (um só estabelecimento...) enquanto que nesse mesmo dia, teatros houve que não conseguiram vender três contos de bilhetes...

Em Évora, onde o Centro Cultural tem desenvolvido uma grande actividade em todos os sectores, prepara-se a estreia do novo espectáculo teatral «15 rolos de moedas de prata» de Gunther Weisenhorn. A encenação é de Mário Barradas, os cenários e os figurinos são de Manuel Costa Dias e a organização musical do espectáculo é de Christine Zurbach. Já agora, outra notícia: o espectáculo entra logo numa longa «tour-née» que começará no Barreiro e acabará em Madrid.

Para ultimar, lembramos aos nossos leitores que o Adoque estreia uma revista nova no dia 26. Sabido, como é, que as revistas do Adoque fazem mesmo rir, julgamos que esta notícia agradará a muita gente e que o simpático teatro do Martim Moniz vai estar a abarrotar.

NOITES DE CARNAVAL

Restaurante Mercado do Povo

Tel. 615485-

24,25,26 e 27 Fevereiro

Sábado, Domingo, 2.ª e 3.ª feiras

BAILES com o Conjunto Armindo Campos

JOSÉ BARATA MOURA

acomp. Alves da Costa, Edmundo Silva e Zé Tó

ARMANDO CALDAS

Serviço de Restaurante e Bar

TARDES INFANTIS

Sábado, Domingo e 3.ª-feira — 16.00

EMILIANOS — Palhaços

JOSÉ BARATA MOURA

CONCURSOS! — BRINCADEIRAS!

Bilhetes à venda: CDL — R. Pedro Nunes, 9-A

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em diversos locais.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	6°
BRAGANÇA	3°
VILA REAL	6°
PORTO	4°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	7°
C. CARVOEIRO	—
PORTALEGRE	12°
LISBOA	9°
ÉVORA	9°
SINES	11°
BEJA	7°
SAGRES	12°
FARO	11°
P. DELGADA	9°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.22 3,3 m	1.52 1,6 m
21.06 3,3 m	14.30 1,7 m
DIA 21	
9.50 3,3 m	3.13 1,7 m
23.36 3,4 m	15.54 1,7 m
DIA 22	
11.21 3,4 m	4.39 1,6 m
23.54 3,6 m	17.13 1,5 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; neblina ou nevoeiros matinais; ligeiro agravamento do tempo nas regiões de Nordeste do País a partir da madrugada com vento fraco de Sudoeste e possibilidades de aguaceiros a partir da tarde de amanhã.



rádio

1.º Programa

17.00: Música variada; 18.00: Música popular; 18.40: Orquestras; 19.00: Poemas e poemas — música portuguesa; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Conjuntos; 21.00: 35.º episódio do folhetim «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Dinis, numa adaptação de Irene Gomes da Silva; 21.20: Música; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Vozes na noite

2.º Programa

17.45: Música do Barroco italiano; 18.30: Quinzena da Música Alemã; 20.00: Ciclo Haydn; 21.05: Música de câmara; 21.30: Ópera; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Quinzena da Música Alemã; 00.00: Música de Cravo; 00.30: Intercâmbio Musical; 01.00: Fecho.

3.º Programa

Nacional e Regional (294m)

18.40: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Vertical-trânsito; 21.05: Quando o telefone toca; 22.30: Suplemento; 23.05: Novas de alegria; 24.00: Suplemento (continuação); 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa

Local (187,5m)

16.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 18.45: O que não leu; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa

Emissão Total em Estereofonia

17.00: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditorio; 00.00: Prisma, realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

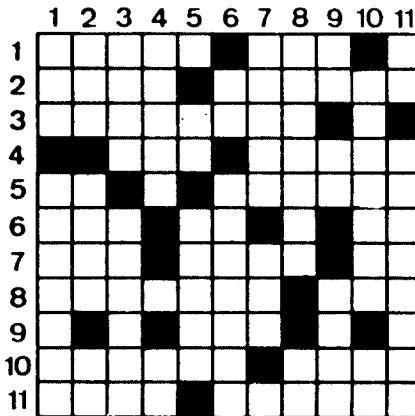
18.00: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Espaço musical; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Dicionário de economia; 23.55: Fecho

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 268

HORIZONTAIS

- Até agora. Recusa Tempo do verbo ser
- Disfarça (fig). Refeição do dia entre o almoço e a ceia.
- Tornava morno.
- Saudável. Tolera.
- Em a. Prenderem com elos.
- Heroína francesa que foi quemada viva. Post scriptum. Em a.
- Senhora Virgulas dobradas Quinhentos e um em romano
- Género de políperos. Ilha inglesa no mar da Irlanda
- Cólera
- Rocagar Lavrar
- Ilha do Pequeno Belt. Dá arrotos.



VERTICAIS

- Mau cheiro. Tumor
- Seguam. Apre! Batráquio
- Ninhos. Bater (pop).
- Oferecerás. Medida japonesa igual a dois decilitros.
- Laço. Hilota (fig).
- Neste momento. Esguicha.
- Que diz respeito a navios ou à navegação. Três vogais iguais.
- Cobris de natus. Brisa.
- Porco (inv). Cidade da antiga Caldeia. Simples
- Aluga. Átomo
- Érbio (s.q.) Abatera

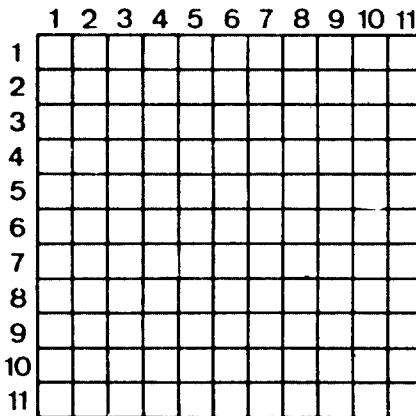
Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8328

HORIZONTAIS

- Espécie de canoa. Farpela
- Estimais. Assanha.
- Visceral dupla. Bigorna de aço sem hastes.
- Prendo. Sua Senhora. Apelido.
- Juizo. Grandes.
- Soltas com a voz sons musicais.
- Quebrara.
- Nome científico do pato. Suspiro.
- Honesto. Solitário. Manuscrito.
- Tanto. Tratam por tu.
- Tribo indígena brasileira. Courela.



VERTICAIS

- Rostos. Cidade de Itália.
- Não mencionar. Neon (s.q.).
- Uma das Ciclades. Quebre.
- Nota musical. Oportunidade.
- Pegas. Viração. Preposição e artigo (pl.).
- Espécie de raia (peixe Bras).
- Salário. Pronome pessoal. Chiste.
- Actino (s.q.). Angústia (fig).
- Rifa. Interjeição de dor.
- Indignaras. Gostar muito de.
- Terrão coberto de vegetação no meio de um deserto. Medita

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 267

HORIZONTAIS

- QUEM SABE.
- Urra. DAR. Mac.
- Erada. Acanã
- Rã.
- Ovo. Fia. Aué.
- Agar. SABE.
- Olivedo.
- Op. Ia. Só. Se.
- Musa. Real.
- Alava. Carga.
- Rolar. Croas.

VERTICAIS

- Quero. TOMAR.
- Leis. Além.
- Ejal. Ogó. Sal.
- Dó. Aliava.
- Dá. Fria. Ar.
- Já. Bi.
- Ra. Ases. CC.
- Co. Adorar.
- Am. Abo. Ero.
- Bangue. Saga.
- Eça. Velas.

HORIZONTAIS

- Barros. Afã.
- Leis. Além.
- La. Imortal.
- Arã. Aro.
- Mana. Ema. Am.
- Destroçara.
- Laia. Arar.
- El. Rs. Imã.
- Recintos. Er.
- Avião. Loa.
- Sais. Masca.

VERTICAIS

- Alam. Feras.
- Arad. Leva.
- Al. Anel. Cil.
- Rei. Asarias.
- Rimo. Tisno
- Oso. Era.
- Ramo. Pola.
- Atraca. Sós.
- Alão. Ari. Ac.
- Fel. Arame.
- Am. Amarara.

Provérbio: QUEM SABE DAR SABE TOMAR

Lisboa

PERMANENTE
(20 de Fevereiro de 1979)

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (Alfama); **TAPADA**, C. da Tapada, 83-A (Alto de Santo Amaro); **BELO**, Av. de Roma, 53-A (Alvalade); **PROGRESSO**, E. A-da-Maia, 64-C (Benfica - Portas de Benfica); **NEOTERAPIA**, C. Grande, 138-140 (C. Grande); **PINDOR**, R. D. Maria Pia, 514-516 (C. de Ourique); **VITALIS**, R. Morais Soares, 69-C (Chile - Alto S. João); **JANEIRO**, Av. Alvaros Cabral, 96-100 (Liceu Pedro Nunes); **ANTUNES ROSAS**, P. Cidade do Luso, lote 199 (Olivais Sul); **SOC. HIGILUX**, R. de Pedrouços, 50-52 (Pedrouços); **ES-TACIO**, Rossio, 60-63 (Rossio); **MIRAFLORES**, R. Dr. António Granjo, 2-B (Algés); **CAVACA**, R. Elias Garcia, 209 (Amadora); **MONSERRATE**, R. Guilherme G. Fernandes, 31-A (Odivelas); **PONTINHA**, E. Santo Elói, 4, lote SE (Pontinha).

REFORÇO
(20 de Fevereiro de 1979)

PINTO, R. de Campolide, 11 (Amoreiras - Campolide); **IDEAL**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Areeiro - Apeadeiro); **ALDES DE CARVALHO**, R. Vale St.º António, 7-9 (Caminhos de Ferro); **TANARA**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (Encosta Restelo - Moínhos); **CAPUCHOS**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (Hospital Capuchos); **MATOS VIEGAS**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Lumiar - Quinta das Mouras); **INFANTE SANTO**, R. do Olival, 290 (Pamplha); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (Picheleira); **SÃO BENTO**, R. Poias S. Bento, 73 (Poços Negros); **SALDANHA**, Av. Paraia da Vitória, 53-55 (Saldanha); **ROMANO BAPTISTA**, R. Passos Manuel, 6-10 (Santa Bárbara); **CANTO**, E. Laranjeiras, 202-B (Sete Ricos); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (Brandoa); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro 6-A (Barraca); **DAMAIA**, L. Alexandre Gusmão, 9-A (Damaia); **NOVA**, R. Acores, 11-A (Olivais Basto); **MATOS**, T. Pnoras (Vivenda Morgadinho) (Prior Velho); **NOVA**, R. Elias Garcia, 19 (Venda Nova).

Outra Banda

ALMADA, Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565); **COVA DA PIEDADE**, Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **ARANJEIRO**, Moderna, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA**, Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA**, Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO**, Moderna, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443); **SEIXAL**, Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **AMORA**, Amoreira, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **MONTIJO**, S. Pedro, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOITA**, União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS**, Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE**, Gamoire, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALGES, Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **AL-CABIDECHÉ**, Carvalho, Até às 21 horas; **PORTO SALVO**, Ferreira Bastos, Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS**, Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS**, Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS**, Leal, Até às 21 horas; **CARCAVELOS**, Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR**, Até às 22 horas; **PARADE**, Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas; **S. PEDRO DO ESTORIL**, S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **AMOREIRA**, Amoreira (Telefone 262313/267314). Até às 22 horas; **CASCAIS**, Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Até às 21 horas; **NOVA**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA, Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019) Permanente; **NOVA**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530) Até às 22 horas; **DAMAIA**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ**, Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951341); **CAMARATE**, Nova, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM**, Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **RIO DE MOURO**, Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194) Permanente; **ALGUEIRÃO**, Rodrigues Rato (T. 2912938) Até às 24 horas; **MERCES**, Clara Russo, Até às 21 horas; **AGUALVA-CACÉM**, Mira Sintra, P. N. Torre, 310. Até às 20.30; **SINTRA**, Marrazes, Estefânia (T. 2930058) Permanente; **COLARES**, Abreja (T. 299088). Permanente.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

VILARINHA, R. da Vilarinha, 161 (T. 782014); **BONFIM**, R. do Bonfim, 73 (T. 52444); **GUERRA**, R. de Costa Cabral, 43 (T. 480470); **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37 (T. 60103); **LEMOES & FILHOS**, P. de Carlos Alberto, 31 (T. 21309); **LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS**, R. do Bonjardim, 286 (T. 21711); **MORENO, LDA.**, L. de S. Domingos, 44 (T. 23543); **VASQUES**, R. das Condominhas, 794 (T. 62027).

(De dia e toda a noite)

CASTRO CARNEIRO, R. do Padre Cruz, 146 (T. 63092); **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A (T. 25173); **SERPA PINTO**, R. de Seroa Pinto, 645 (T. 488697).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11 (T. 21247).

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A - Não acons. m. 18 anos
14.30 16.30 18.30 21.30 e 23.45
O UIVO

SALA B - M. 13 anos
As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
O REGRESSO DOS HERÓIS
Com Jane Fonda

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 15.15 18.15 e 21.30
O SARGENTO ROMPIGLIONI FOI DESPROMOVIDO
Com Franco Franchi
N. ac. men. 13 a

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Sessões as 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
MORTE NO NILO
Um filme de John Guillermin
Int. men. 13 anos

As 24.00 - N. ac. men. 13 a
FEBRE DE SABADO A NOITE

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30 N. ac. men. 13 a
Terence Hill e Bud Spencer
PAR OU IMPAR?
Um vendaval de pancadaria e gargalhada!

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Sessões as 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 - Int. men. 13 a
Timothy Bottoms, Susan George e Bo Hopkins, em
A CAMINHO DO TEXAS
Um filme de Jack Starrett

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

14.30 16.30 19.30
S.O.S. SUBMARINO NUCLEAR
Charlton Heston, David Carradine, Stacy Keach
Um filme de David Green
Não acons. men. 13 anos

CASTIL 580194

Rua Castilho

15.30, 18.30 e 21.30
Entre a sensação da última moda... ela e uma vítima do que os seus olhos vêem
Faye Dunaway e Tommy Lee Jones
em
OS OLHOS DE LAURA MARS (EYES OF LAURA MARS)
Real.: John Carpenter

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int. menores 18 anos
«A pornografia de grande qualidade»
DESEJOS LOUCOS
PORNÓGRAFICO
As 24 h. Int. men. 18 anos
AMÉRICA VIOLENTA

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
Int. men. 13 a
O tubarão actua sozinho a piranha ataca aos milhares
PIRANHA
As 18.45 h.
Grupo D.M. 18 anos
O MAGNATE
de Gianni Grimaldi

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30 16.45 19 e 21.30
Não acons. Men. 13 anos
Bud Spencer no seu melhor filme!
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER
Um festival de gargalhada e acção!

As 23.45 h.
A PRIMEIRA NOITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

14.00 16.30 18.00 e 21.30
N. ac. men. 18 a
UMA MULHER PARA DOIS
de Bertrand Blier
Seleção oficial francesa para os
Oscars 1978

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés

As 15.30, 18 e 21.30
BATON VERMELHO
Int. men. 18 a

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damaia

As 21.15 h.
Não acons. men. 18 anos
ANIMAIS EM FÚRIA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

14, 16.30 19 e 21.30
Charlton Heston, David Carradine, Stacy Keach em
S.O.S. SUBMARINO NUCLEAR
Um filme de David Green
Tecnicolor
Não acons. men. 13 anos
2.ª Semana

ESTUDIO 555134/5

Av. Afonso Henriques, 35

15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O Diabo a solta no convento!
O HABITO NAO FAZ A FREIRA
Com Glenda Jackson e Melina Mercuri
Um filme de Michael Lindsay-Hogg
3.ª Semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O SUSPEITO
Gianmaria Volonte e Annie Girardot
Espiao ou suspeito ele era o alvo!

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
CHAMAM-ME DOLARES
Terence Hill
Última às 15.15 h.
OS EXECUTORES
Int. men. 13 anos
«Quinta-feira à Tarde»
às 18.15 h.
Não acons. men. 13 anos
O GRANDE MAGNATE
CARNIVAL
4 fabulosas matinees infantis
Este ano ainda mais sensacional, concursos, prémios, guloseimas para todos
Peça o programa na bilheteira e compre já o seu bilhete

IMPERIO 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 18 a
Franco Nero e Corine Clery em
AUTO STOP ALUCINANTE
Um filme de Pasquale Festa Campanile
A CORTIÇA EM PORTUGAL
Produção e realização de F. Saalfeld

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
C/Jill Calyburgh - Alan Bates - Michael Murphy
UMA MULHER SÓ

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

15.15, 18.15 e 21.30 N. ac. men. 18
A MALDIÇÃO
Em complemento
A CORTIÇA EM PORTUGAL
De Francisco Saalfeld
Grandioso Carnaval infantil (P. todos)
24, 25 e 27 de fev. 15h
Cinema, atracções e concursos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferraz, 12-A

15.15 18.30 e 21.30
Clint Eastwood como nunca
viram antes!
Apaixonado e brigão numa comédia de
acção, amor e muito humor
UM INDOMÁVEL REBELDE
(EVERY WHICH WAY BUT LOOSE)
3.ª Semana - Int. men. 13 a

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14.30 16.45 19 21.30
Int. men. 18 anos
A CRIADA
de Bruno Gantillon, com Andrea Ferreol, Victor Lanoux
2.ª Semana

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7

Hoje às 15.15 e 21.15 h.
Interdito menores 18 anos
A história de homens e mulheres libertinos
QUANDO ACABA A INOCÊNCIA
Com: Anne Belle e Charles Fawcett

ODEON 326283 4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15
Interdito menores de 13 anos
O SUPERBOY VOADOR
C/Robert Widmark e Stefania Saltinelli
Acção, amor, alegria...
voando como um pássaro vence tudo e todos

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 - Int. men. 13 a
O odio e o amor explodem
A LISTA NEGRA

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão

14.15 16.30, 19.00 e 21.30 N. ac. men. 13 a
A PISTOLA DE DEUS
Com Lee Van Cleef

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16

Sala 1 - 14.30, 16.45, 19.00, 21.15 e 23.30
UMA MULHER PARA DOIS
N. ac. men. 18 a
SALA 2 - As 15.17, 19.21
Int. m. 13 anos
VIA LACTEA
SALA 3 - As 14.30, 16.45, 19.21, 15
(Interdito men. 18 anos)
com cenas chocantes
PORNO POP
SALA 4 - As 14.30, 16.45, 19.21, 15
(Não acons. men. 18 anos)
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

As 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
OS COMANDOS DE NAVARONE
Com Robert Shaw e Barbara Bach

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB

As 15.30 18.30 e 21.30 N. ac. men. 13 a
Terence Hill e Bud Spencer
PAR OU IMPAR?
Um vendaval de pancadaria e gargalhada!

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Cada musculo do seu corpo uma arma mortal!
A FLECHA DE PRATA DE SHAOLIN
Com Wang Yu e Hsu Feng
Scope Colorido
Sessões as 14.00, 15.00, 16.30, 18.45 e 21.30
N. ac. men. 18 a

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
Grande Premio de Cannes para o melhor actor!
O REGRESSO DOS HERÓIS
ATENÇÃO - As sessões incluem-se com a projecção do filme

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 15.17 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
As obras-primas sao raras, esta e uma delas, grande, muito grande. Leon Zitrone (Week End...)
AS MAIS DOCES CONFISCOES
Philippe Noiret, Caroline Cellier, Marc Porel e Roger Hanin

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.45 horas
Não acons. men. 13 anos
Considerado pela critica o melhor filme do ano!
O SEGREDO DE FEDORA
14.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
Uma comedia de humor desconcertante escrita por Neil Simon
6 MULHERES PARA UM DETECTIVE

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Tecnicolor. Para todos.
Agora aventura no espaço em Sensor round!
BATALHA NO ESPAÇO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

14.15, 16.30, 19.00 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
Bud Spencer no seu melhor filme!
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER
Um espantoso festival de Acção e Gargalhadas!!!

ZODIACO

R. de Santana à Lapa, 103-B.

Telef. 676285

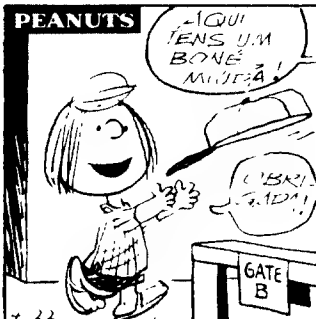
ZODIACO-BAR
A musica, o copo,
o convívio cultural

Um lugar onde a surpresa
e sempre qualidade
Das 18 as 2 da madrugada

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTELHO 185 1.
TELEFONES 544371/2/3

• REDACÇÃO: PUBLICATIONS E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUIZ SOBRINHO 44
TELEFONES 321154/5 320271/2 320279 322781/2
PUBLICIDADE 380740

• SERVIÇO NOTAS (DEPOIS DAS 21)
PORTUGAL 321154
MENSAGENS GRAFICAS 320279

• IMPRENSA: TEL. 321154/5 320271/2 320279 322781/2
FAX 320279

• DISTRIBUIÇÃO DO PORTO
RUA DO ALBANO 30 2.º TELEFONES 29054 5

"FORD" EM PORTUGAL? Governo oferece Sines

Ronda um investimento na ordem dos 60 milhões de contos e permitirá criar cerca de 7500 postos de trabalho a hipótese que vem sendo posta de a Ford Motor Company instalar em Portugal uma gigantesca fábrica de automóveis. A nova unidade, correspondendo aos objectivos daquela multinacional da indústria automobilística de se estender à Europa no domínio da construção a curto prazo, poderá ser montada em Sines. Ao facto não serão alheias as infra-estruturas portuárias já ali existentes. Outro factor a pesar nas congeminções respecta à mão-de-obra barata que oferecemos.

De acordo com Álvaro Barreto, parecem relativamente afastadas as hipóteses de Portugal vir a sobrepor-se à França e à Áustria, países que também se encontram na corrida para estabelecer e assinar o respectivo contrato com aquela firma norte-americana. Isso, a despeito da tal mão-de-obra barata que oferecemos e da perspectiva da criação de mais doze mil postos de trabalho indirectos em indústrias subsidiárias — para além dos já referidos 7500 na origem.

Os 200 mil carros por ano a produzir pela Ford (se de facto a empresa vier a instalar-se em Portugal) seriam todos para a exportação, não contemplando, portanto, o mercado interno. Significaria a hipótese, a confirmar-se, que a Ford não seria alternativa à Régie Renault, pelo que a curto prazo Portugal poderia ter duas empresas de construção de automóveis no seu território, e parcialmente delatado o problema dos seus cerca de 300 mil desempregados.

Cardoso e Cunha, secretário de Estado das Indústrias Transformadoras, regressou há dias de Londres (onde apresentou a pretensão portuguesa relativamente à proposta norte-americana) e, segundo fontes ligadas ao MIT, terá considerado o encontro em termos cordiais e a candidatura portuguesa como «bem aceite». A não vingar a hipótese, Portugal apontaria (segundo Álvaro Barreto) para a montagem de indústrias subsidiárias de componentes através de pequenas e médias unidades a construir para alimentar o gigantesco projecto da Ford Motor Company.

(Hoje 32 páginas)

MOBÍLIAS USADAS

Compro — Troco — Vendo
Móveis ou de Estilo
Facilidades de Pagamento
Armazéns Móveis Jorge

Av. Almirante Reis, 35 Tel. 832161
(Perto da Igreja dos Anjos)

"Mosquitos por comboios" na Póvoa de Santa Iria

Cerca das 11 e 30 a situação na Linha do Norte, na Póvoa de Santa Iria, foi desbloqueada, passando os comboios a passar lentamente nos dois sentidos.

A população que às 6 e 30 tinha obstruído a via, colocando vigas na estação, parece ter cedido à promessa de responsáveis da CP, no sentido de dotar a ligação com o comboio que aqui passa às 6 e 20 um dos muitos que foram suprimidos na sequência das cheias do Ribatejo.

Há, contudo, os que temendo que a curto prazo a CP não normalize totalmente a situação, continuam dispostos a voltar a obstruir a linha até que as reivindicações sejam globalmente satisfeitas de acordo com as suas necessidades pois que são milhares de pessoas da área que se utilizam do comboio a fim de se dirigirem os seus locais de trabalho em Lisboa.

Durante a manhã, enquanto a situação não foi resolvida, ouviram-se disparos para o ar da GNR de Loures, gerando-se mesmo recontros com a população.

Os protestos e a acção esta madrugada desencadeada pelos clientes da CP naquela área visaria obrigar os responsáveis da CP a alterarem o esquema de serviço de comboios posto em prática nos últimos dias. O sistema, segundo um porta-voz da empresa, assenta essencialmente na supressão de algumas composições, devido ao facto do movimento ferroviário (por mor das consequências das cheias

do Ribatejo) não se encontrar por enquanto normalizado. Ao que apuramos, o facto de algumas composições terem sido eliminadas provisoriamente, em prejuízo (relativo) daqueles e outros utentes, relaciona-se com a interrupção provocada pelas cheias entre as estações do Carregado e Santana.

Já ontem, aliás, e pelos mesmos motivos, o comboio que liga Lisboa a Azambuja esteve três horas retido naquela estação, ao que parece porque as pessoas que ali se encontravam com destino ao Entroncamento pre-

tendiam que a composição as transportasse à última estação. Não obstante, pouco tempo depois uma outra com partida, igualmente de Lisboa seguiria para o Entroncamento.

Ontem como hoje os maiores prejudicados foram os utentes da CP da Linha do Norte, viajando de Lisboa para Coimbra e Porto ou vice-versa. No entanto, e para resolver a situação, os responsáveis da CP ofereceram aos contestários uma alternativa bem simples: transportá-los até Braço de Prata no 2808 (o comboio que «tomaram de assalto») e fazê-los chegar a Santa Apolónia (o seu destino) num outro formado naquela estação, deixando aquele dirigir-se para o Rossio.

Mas a multidão não esteve pelos ajustes e continuou na sua, «cortando» positivamente a linha nos dois sentidos. Com a situação assim criada, o comboio n.º 2810, que passa em Póvoa de Santa Iria, pela via ascendente, às 7.02 ficou também a meio do percurso.

Corvalán em Lisboa

Está em Lisboa desde a manhã de hoje o secretário-geral do Partido Comunista Chileno, Luis Corvalán.

Corvalán veio ao nosso país, a convite do PCP, para contactar com diversos aspectos da realidade nacional e com a actividade dos comunistas portugueses. Do programa da sua visita salientamos um «encontro com a Universidade», às 21.30 horas de amanhã, na Faculdade de Direito de Lisboa, anfitrião um, o comício marcado para as 21.30 horas de quinta-feira, no Campo Pequeno (onde estará também o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal) e, finalmente, uma conferência de imprensa que terá lugar no próximo dia 23 no Centro Vitória do PCP.

O dirigente comunista chileno, uma das vítimas do golpe militar fascista de Pinochet, foi preso em 27 de Novembro de 1973, quando, na clandestinidade, tentava organizar um movimento revolucionário em Santiago. Durante 56 dias esteve sujeito a completo isolamento na prisão da Escola Militar. Foi depois transferido para o campo de Dawson, ilha-presídio onde foi

encontrar ministros e outros elementos do Governo de Salvador Allende, igualmente presos. Da ilha de Dawson foi conduzido para a prisão de Ritoque, base militar ao norte de Valparaíso e, finalmente, para o campo de concentração «Três Alamos».

Foi libertado em 1976, na sequência de um movimento internacional de solidariedade, consubstanciado, nomeadamente, na atribuição do Prémio Lenine.

Sua filha, Viviana Corvalán, foi expulsa da Universidade e o seu filho Luís Alberto morreu, depois de ter sido barbaramente torturado, primeiro no Estádio Nacional e depois no campo de concentração «Chacabuco».

Luis Corvalán tem 62 anos e é filho de uma camponesa e de um professor rural. Entrou aos 16 anos para a Juventude Comunista. Dirigiu, durante cerca de dez anos, «El Siglo», jornal do PC Chileno, de que é secretário-geral desde 1958. Com Allende, Corvalán foi um dos principais obreiros da Unidade Popular, destruída ferozmente com o golpe fascista que levaria Pinochet à presidência.

PARA SER REPARADO NA LISNAVE

"Andros Patria" já está no Tejo

Recusado pelos estaleiros de Espanha, França e Inglaterra, o «Andros Patria» acaba de ser autorizado a acostar na Lisnave, secção da Margueira, onde deverá entrar dentro de dois dias, após ter sido ontem à tarde victorioso por três técnicos daquela empresa e por elementos dos serviços contra a poluição da Capitania do Porto de Lisboa que garantiram estar o navio comple-

tamente descarregado, no que respeita aos porões sinistrados, não existindo, portanto, na sua perspectiva, perigo de poluição do estuário do Tejo. A reparação do «Andros Patria», segundo a estimativa de especialistas, em declarações à ANOP, poderá atingir os 200 mil contos.

Com a chegada ao Tejo, após ter sido rebocado até ao largo de Cascais pelos salvadegos ho-

landeses «Typhoon» e «Pool-zee», o superpetroleiro grego termina assim o seu devastador itinerário de «navio fantasma», ao derramar na costa espanhola cerca de 70 mil toneladas de rammas, depois de ter sofrido uma violenta explosão a bordo, nas vésperas do fim do ano, quando navegava a Nordeste da Corunha, com 150 mil toneladas de petróleo iraniano com destino a Roterão. Na sequência do incidente, em que perderam a vida vinte e nove dos seus trinta e dois tripulantes, o «Andros Patria» chegou a aproximar-se da costa portuguesa, mas as corvetas «João Roby» e «António Enes» acabariam por exigir a sua retirada das nossas águas territoriais. Também os pescadores e proprietários de barcos de pesca da Corunha endereçariam uma carta ao primeiro-ministro Adolfo Suárez, exigindo-lhe que forçasse os petroleiros estrangeiros, incluindo o «Andros Patria», a respeitarem os limites das 200 milhas nas águas territoriais espanholas, o que viria a acontecer.

Entretanto, o Governo de Mota Pinto fez distribuir um comunicado em que afirma terem sido cumpridas, relativamente ao caso do petroleiro «Andros Patria», todas as determinações constantes da resolução do Conselho de Ministros, de 3 de Janeiro de 1979, destinada à defesa das águas e costas portuguesas.

O VINHO QUE A JNV VAI IMPORTAR Que benefícios terão os pequenos vinicultores?

Que mecanismos utilizará a Junta Nacional dos Vinhos para garantir que os 600 mil hectolitros que vão ser importados se destinem exclusivamente a possibilitar a manutenção dos mercados externos tradicionais sem interferir directa ou indirectamente no mercado interno? E que garantias pode dar a JNV de que a importação a efectuar não irá ser o argumento privilegiado para o comércio fazer baixar o preço do vinho na lavoura, sem que a esse abaixamento corresponda uma redução do preço no consumidor?

Duas perguntas pertinentes acerca do vinho que vamos ter recorrendo à sua importação, em princípio da Espanha, Argentina, Grécia e Bulgária. E a segunda por uma razão muito concreta: essa importação irá ter grandes desvantagens para a lavoura, pois dá a possibilidade de adquirir mais barato sem baixar o preço no consumidor. Articulado com todo o esquema, e sobrevivendo florescentemente no seu seio, há os intermediários, sector que tem actuado de uma forma nitidamente especulativa já que, tendo em «stocks» vinho comprado por preços baixos, interessa-lhe mantê-los a cotas elevadas para os vender. Aliás, a sua estratégia é simplista a altamente consentida: só os faz baixar quando necessita de os reforçar.

Quem são os grandes prejudicados com toda esta teia?

Todos os vinicultores que por falta de organização cooperativa e de classe não possuem o poder reivindicativo necessário para contrabalançar a maior estruturação e a melhor preparação das organizações patronais do comércio de vinhos. Pode dizer-se

que estão nessas circunstâncias cerca de duas centenas de milhares de vinicultores.

Duas outras questões suscita a medida: prevê a JNV algumas tomadas de posição para manter o preço do vinho estável no mercado interno, designadamente a nível da produção? E que garantias poderá dar de que o vinho importado não será, só ou misturado com o português, reexportado de novo?

Taberna assaltada na Pontinha

Quatro indivíduos, um dos quais mascarado e de pistola em punho, assaltaram ao fim da tarde de ontem uma taberna situada na Rua Elói, 41-B, Pontinha, levando elevado número de bebidas, maços de cigarros e três contos em dinheiro. Após o assalto, os quatro desconhecidos afastaram-se do local num automóvel cuja marca e matrícula não foi possível referenciar.

A GNR e a Polícia Judiciária tomaram conta da ocorrência.

Apreensão de bacalhau espanhol

PORTO, 20 — Na madrugada de anteontem a Guarda Fiscal de Montalegre apreendeu na região de Pisões uma camioneta de matrícula portuguesa que transportava cerca de 12 mil quilos de bacalhau espanhol.

O condutor do veículo pôs-se em fuga. A camioneta é o bacalhau foram entregues ao Tribunal daquela comarca.

férias na neve em andorra

O PARAÍSO DOS INVERNOS

PARTIDAS SEMANAIS em avião de Dezembro a Abril

ou

SÓ ESTÁDIAS
se for de carro

bons hotéis — pensão completa
lições de esquí

preços desde 9.135\$

peça-nos já o seu programa:

EUROPEA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade 221 — LISBOA — Tel. 536121
Rua Rosa Araújo 19 — LISBOA — Tel. 561141
Av. Tomás Cabreira — VVenda Santa Ana
Praça da Rocha — ALGARVE — Tel. 23317

membro WATA em Portugal

CHILE: A LUTA PELA LIBERDADE

PUEBLA: A IGREJA E A POBREZA NA AMÉRICA LATINA.
CRISTIANISMO E MARXISMO

COSMONAUTICA: O SATÉLITE CHECO FUNCIONA BEM

ARGÉLIA: AMIZADE E COLABORAÇÃO COM CUBA

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional!

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 8/79

Terça-feira, 20 de Fevereiro de 1979

QUANDO TRABALHAVA PELA PAZ

VIETNAME ENFRENTA UMA NOVA GUERRA

O povo mártir do Vietname, depois de uma luta heróica de longas dezenas de anos pela independência e pela paz contra os exércitos francês e americano, enfrenta agora os perigos de uma nova e terrível guerra, provocada pela invasão do colosso chinês, após um período de alegadas provocações fronteiriças, servindo de pretexto político a mudança política no Camboja.

O presente artigo dá-nos uma visão sintética do povo vietnamita no esforço de recuperação do país, após o termo da guerra com os Estados Unidos, cujos exércitos se viram forçados a abandonar as terras da Indochina. Querem os chineses substituir os americanos?

teve êxitos extraordinários. A libertação da pátria do jugo colonial, a expulsão dos agressores imperialistas, a obtenção da verdadeira independência nacional, a reunificação estatal e a proclamação da República Socialista do Vietname: eis os êxitos palpáveis alcançados na edificação de uma vida nova.

Hoje, o Vietname socialista reunificado, com uma população de 50 milhões de pessoas, das montanhas Lang Son, no Norte, ao cabo Camau, no Sul, avança pelo caminho da reestruturação da economia nacional, cria uma base material e técnica sólida do socialismo, eleva o nível de vida do povo.

Industrialização

Os primeiros anos do pós-guerra não foram fáceis para a República. A longa guerra e o domínio neocolonialista geraram numerosas dificuldades. A aviação americana lançara sobre as províncias meridionais do Vietname 12 milhões de toneladas de bombas. Doze centros provinciais e quatro mil povoados e aldeias foram varridos da face da Terra. Destruídos cinco milhões de hectares de florestas e milhões de hectares de arrozais e plantações de outras cul-



Trabalhadoras da fábrica «Kamfa» de construções mecânicas.

turas. Muitas empresas industriais ficaram em ruínas.

O IV Congresso do Partido Comunista do Vietname (PCV), realizado em Dezembro de 1976, traçou à República um caminho construtivo para o futuro. O «forum» supremo dos comunistas vietnamitas estabeleceu que a tarefa principal do período de transição para o socialismo seria a industrialização. Deverá ser criada ainda uma estrutura industrial-agrária moderna da economia nacional e deverão ser levadas a cabo uma verdadeira revolução nas relações de produção, uma revolução técnico-científica e uma revolução ideológica e cultural.

O quinquénio presente (1976-1980) ocupa um lugar de destaque na estratégia económica do PCV. Pela primeira vez na história do Vietname, foi elaborado um plano quinquenal para todo o país. De acordo com esse plano, dos 30 bilhões de dong a serem investidos na economia nacional, aproximadamente 30 por cento irão para as necessidades da agricultura, e 35 por cento, para os ramos industriais.

Trabalha-se nas obras de construção das centrais termoeléctricas

► 2



A REVOLUÇÃO DO IRAO

Um terramoto político de repercussão mundial

Partidários de Khomeiny assaltam a escola militar da capital. Durante a breve e sangrenta «batalha de Teerão», os civis armados assaltaram os quartéis, que se foram rendendo. Em muitos casos, aliás, era já grande o contingente de militares favoráveis à revolução. Os populares arvoraram em muitos casos uma faixa branca, sinal de que lutariam até à morte pelo triunfo da revolução

PÁGINAS CENTRAIS

O Vietname enfrenta uma nova guerra

1

como a de Pha Lai e Dong Ha. Realizam-se amplas obras de construção de um complexo hidroeléctrico no rio Negro, que será o maior do Sueste Asiático. O produto bruto da indústria de construções mecânicas aumentará 2,5 vezes em relação com 1975. Segundo o plano, os rendimentos reais dos operários e empregados deverão aumentar entre 30 e 35 por cento e os dos camponeses, entre 15 e 20 por cento.

O tempo decorrido desde o Congresso tem constituído uma etapa importante de integração das economias do Norte e Sul da República e de criação de um organismo económico unificado. O país nacionalizou todos os principais ramos industriais. Foram estatizadas as empresas pertencentes aos círculos imperialistas e à grande burguesia local. A banca e todo o sistema financeiro foram também controlados pelo Estado.

Actualmente, a taxa anual de incremento da produção industrial na RSV é de 12 a 13 por cento. Estão a ser cumpridos e até ultrapassados os planos em relação à extracção de carvão, produção de energia eléctrica, cimentos, assim como os planos em vários outros ramos da economia. Iniciou-se a produção de uma série de novos produtos, entre os quais instalações completas para pequenas e médias empresas, bombas de sucção hidráulicas, dragas, barcos pesqueiros, transformadores e motores eléctricos. A República começou a produzir tractores de 12 cavalos, laminados de aço, e vários produtos petroquímicos. Desenvolve-se rapidamente a indústria química, sobretudo a produção de adubos minerais.

O número de trabalhadores ocupados na esfera da produção material aumentou, atingindo no fim de 1977 quase 81 por cento da população activa (76,6 por cento em 1975).

No Norte da República, 99,7 por cento do capital básico na esfera da produção material pertencem ao sector socialista. No Sul do país, mais de metade do produto industrial bruto provém das empresas do sector estatal.

Não existem, por enquanto, muitas empresas grandes na RSV. Elas estão localizadas fundamentalmente no Norte do país. A parcela constituída pela pequena indústria e os produtos fabricados por artífices, que em 1976 correspondia a 36 por cento do valor total do produto industrial da República, continua ainda elevada.

Auto-abastecimento de víveres

No quinquénio em curso, a República dedicará uma atenção muito grande à agricultura. A redução, nos anos da guerra, da área cultivada, do rendimento das culturas e da mão-de-obra no campo, assim como os altos ritmos – de 3 por cento anuais – de aumento da natalidade fizeram agravar os antigos problemas nesse campo. Foi por isso que no ano passado foram destinados à agricultura 29 por cento de todos os investimentos estatais, percentagem quase igual à investida na indústria.

A República está inteiramente decidida a ganhar a batalha pelo auto-abastecimento de víveres e matérias-primas agrícolas. Nos primeiros dois anos do presente

quinquénio foram já desbravados 300 mil hectares de baldios e recuperados 450 milhares de hectares de terras abandonadas.

Como foi calculado, o Vietname socialista unificado possui aproximadamente 32,8 milhões de hectares de terras cultiváveis. Todavia, a área de cultivo é, por enquanto, de apenas 5,56 milhões de hectares, ou seja, 16,9 por cento. A utilização de máquinas agrícolas modernas permitirá desbravar novas terras para alimentar, no futuro, a área de sementeira para 11,5 milhões de hectares.

As agrestes condições climáticas caracterizadas por uma longa época de frio intenso (nas províncias setentrionais) em 1977, uma seca que afectou toda a República e os tufões do último Outono (os mais violentos dos últimos anos) prejudicaram seriamente as regiões costeiras do Norte e do Centro do país e fizeram diminuir as colheitas. Não obstante, conseguiu-se uma colheita de cereais numa área superior à reservada para arroz em 1976. Os trabalhadores do campo contrapuseram à fúria dos elementos a sua firmeza, uma boa organização e a capacidade de manobrar os recursos e o material técnico.

Desencadeou-se na República um movimento nacional pela criação de um sistema de irrigação seguro. Por apelo dos Comités do Povo, centenas de milhares de tra-

criação no campo. Actualmente, é cada vez maior o número de camponeses sul-vietnamitas que se integram no processo de transformações sociais. A maioria dos fogos camponeses estão já abrangidos por esta ou aquela forma de cooperação primitiva (grupos de ajuda mútua no trabalho, associações para utilização em comum do material técnico agrícola, etc.). Além disso, foram fundadas em todas as províncias do Sul, a título de experiência, cooperativas agrícolas de tipo superior, nas quais a terra e os principais meios de produção foram colectivizados e em que os rendimentos dos seus membros são distribuídos de acordo com a sua participação no trabalho social.

Para a consolidação da nova vida contribui também a ampla informação dos camponeses sul-vietnamitas sobre as realizações dos agricultores do Norte, onde 90 por cento dos trabalhadores do campo trabalham no sector socialista. A campanha de modernização e fusão de cooperativas camponesas e empresas agrícolas do Estado continua a ganhar corpo no Norte. O processo de fusão abrangiu já mais de um quarto do total de explorações agrícolas que são de 3.300.

Desbravamento de novas terras

Entre os mais graves problemas

gente estavam sem emprego.

Desde então, quase um milhão de pessoas foram das províncias da planície trabalhar em novas regiões económicas. O maior contingente veio de Thai Binh, a província mais povoada no delta do rio Vermelho. Existem agora, no Sul do Vietname, povoados que recebem nomes novos dados pelos migrantes vindos do Norte: Hai Hung, Thanh Hoa e outros.

Nos últimos três anos, 400 mil refugiados voltaram da cidade de Ho Chi-Minh para as terras natais. Muitos dos ex-desempregados (sendo, por enquanto, como já dissemos, o problema do desemprego bastante grave) estabeleceram-se nos subúrbios da cidade onde se forma a chamada «cintura verde», composto por explorações estatais e cooperativas.

Os novos habitantes dessas regiões recebem do Estado uma ajuda financeira e máquinas agrícolas.

De acordo com os planos, será promovida nos próximos anos uma campanha de transferência de aproximadamente dez milhões de pessoas do superviado delta do rio Vermelho e das províncias da planície para as novas regiões económicas do planalto central, montanhas do Norte e delta do Mecom. Deverão ser reorganizadas umas 160 mil povoações pequenas, que se fundirão, formando povoações maiores, a fim de aumen-

habitação atingiu, no Vietname, proporções inéditas desde o fim da guerra. Foram construídos 834 mil metros quadrados de superfície habitável. Este ano, a frente de construção habitacional foi consideravelmente alargada.

As transformações socio-económicas profundas levadas a cabo na República no processo de construção do socialismo asseguram ao povo vietnamita uma melhoria progressiva do seu bem-estar material.

A revolução avança

Uma das principais particularidades do desenvolvimento da RSV, na actual etapa, é o facto de o Sul do país, durante longos anos dominado por dirigentes fantoches, apenas começar a superar as consequências do jugo imperialista.

Uma propaganda anticomunista violenta, uma economia mutilada dependente por completo dos monopólios internacionais e a «cultura» alienante implantada pelo regime agressor, são fenómenos ainda muito recentes que não puderam deixar de impor a sua marca.

Ainda hoje, forças contra-revolucionárias operam nas províncias meridionais. Realizam-se, às vezes, até provocações armadas. Foram descobertos e já neutralizados na cidade de Ho Chi-Minh grupos de pessoas ligadas à CIA e a outras organizações subversivas da reacção mundial. Nessas condições, a vigilância não deixa de ser uma arma segura da República.

Entretanto, as autoridades revolucionárias não adoptaram uma política de vingança em relação aos ex-soldados e oficiais do exército fantoche, contrariamente ao que certa imprensa afirma com insistência. De uma maneira geral esses elementos, após frequentarem um curso de reeducação, readquirem os seus direitos civis.

Outra particularidade característica do Vietname de hoje é o facto de a sua economia nova se formar em condições assinaladas por uma coexistência provisória de regimes sociais heterogéneos.

Libertado, há pouco mais de três anos, o Sul atravessa agora um período de transformações. As tarefas de estabelecer, organizar e consolidar o poder do povo, prevenir a fome e dar trabalho aos desempregados foram incluídas como prioritárias logo na sua primeira etapa. Na segunda etapa, que se iniciou em 1976, além do cumprimento das referidas tarefas, procedeu-se ao saneamento da burguesia venal e à nacionalização das grandes empresas industriais, bancos e estabelecimentos comerciais abandonados pelos seus proprietários fugidos do país.

Começou agora a terceira etapa, em que o partido e todos os trabalhadores se concentram imediatamente na obra de modernização socialista da economia, designadamente na necessidade de acabar com as relações capitalistas privadas.

No dia 31 de Março de 1978, o Governo da RSV promulgou uma lei sobre aplicação de medidas com vista à passagem do comércio por grosso privado para o Estado. No essencial essas medidas fomentam a transferência de capitais privados, meios materiais e instalações para empresas industriais e agrícolas mistas com a participação do Estado. Os ex-proprietários são compensados de acordo com os preços estatais estabelecidos, além de dez por cento como indemnização por uma perda provi-



Um jardim infantil numa nova zona residencial da capital.

balhadores do campo trabalham diariamente na construção de obras de saneamento. Como escreveu o jornal «Nhan Dan», «os campos cerealíferos são, hoje, o nosso campo de batalha, no qual nos desdobramos numa vasta operação de ofensiva».

Os primeiros resultados dessa ofensiva saltam à vista. Em 1977, quase mil obras de irrigação foram inauguradas nas províncias meridionais. As novas instalações permitem irrigar quase 150 mil hectares. O Estado presta uma ajuda eficaz aos trabalhadores do campo. No mesmo ano de 1977 foram fornecidas ao campo mais de 2.500 potentes autobombas e construídas grandes estações de bombagem.

Um lugar de destaque na solução do problema da alimentação é reservado às chamadas «culturas complementares»: milho, mandioca, batata, sorgo e outras. Explorações estatais especiais estão a ser instaladas em terras desbravadas para esse efeito.

A agricultura da República sente determinadas dificuldades nas regiões meridionais em que o regime socialista está ainda em vias de

enfrentados pela República encontra-se o das desproporções na distribuição da população. Por exemplo, todo o delta do rio Vermelho, uma das principais fontes de abastecimento do país, tem uma densidade populacional muito elevada. No fim de 1975, era habitado por mais de 60 por cento de toda a população do Norte, registando-se uma média de 868 pessoas por quilómetro quadrado (a densidade populacional geral do Vietname é quase seis vezes inferior). Entretanto, as terras de cultivo das regiões setentrionais, já com uma área reduzida, diminuem de ano para ano. Essas terras são utilizadas para construção de fábricas, empresas, estradas e obras de irrigação.

No Sul, as dificuldades são completamente diferentes. A densidade populacional no delta do Mecom não é muito grande. Há, no Sul, áreas extensas de terras virgens, baldios e terras abandonadas nos anos da guerra em que um grande número de famílias camponesas foi para as cidades, que, no fim de 1974, abrigavam 40 por cento da população. Mais de três milhões de pessoas desse contin-

tar o potencial das cooperativas camponesas e das empresas agrícolas do Estado. Sete milhões de hectares de terras cultiváveis abandonadas nos anos da guerra serão recuperados para a produção.

Os trabalhadores vietnamitas têm obtido êxitos consideráveis não só no campo da economia, mas também nos da cultura, ensino e saúde pública. O Vietname é o primeiro Estado do Sueste Asiático que acabou por completo com o analfabetismo, circunstância que se torna especialmente significativa, se se recordar que, antes da revolução de Agosto de 1945, só cinco por cento dos seus habitantes sabiam ler e escrever.

A RSV tem hoje dezenas de milhares de estudantes. Aumenta de ano para ano o número de especialistas qualificados que se incorporam nas fileiras da classe operária. Aumenta no campo o contingente de motocultivadores e agrónomos. Foi criada na República e está a desenvolver-se uma rede de centros médicos. Recentemente foi proclamada a assistência médica gratuita à população.

No ano passado a construção

O Chile esmagado luta pela liberdade

Há mais de cinco anos que o Chile se encontra esmagado pela sangrenta ditadura de Pinochet. Milhares de patriotas foram assassinados ou presos. Dois mil e quinhentos «desapareceram». É possível que muitos destes já não estejam vivos.

Quase um milhão de chilenos foram forçados a abandonar a pátria. As riquezas nacionais passaram para as mãos dos monopólios estrangeiros e da oligarquia local.

Entre os quatro milhões e meio de pessoas que compõe a população activa, há um milhão no desemprego total ou parcial. Isso significa que, tendo em conta os familiares dependentes dos desempregados, quatro milhões de chilenos carecem de meios de subsistência.

A repressão amplia-se a todos os níveis. Publicaram-se recentemente decretos que proibiam sete sindicatos, envolvendo 400 mil trabalhadores, e confiscavam os seus bens. A medida provocou indignação em muitos países e várias organizações sindicais mundiais condenaram o atropelo da Junta fascista e exigiram a anulação das decisões que violam os direitos e as liberdades dos trabalhadores.

Apesar do terror, o povo chileno enfrenta cada vez com maior heroísmo a prepotência e a crueldade. Ao fascismo de Pinochet está destinado fim idêntico ao do nazismo de Hitler.

Crise económica

A crise que atinge actualmente a economia chilena caracteriza-se pela duração e profundidade. Na sua dimensão, ela não tem paralelo em nenhum outro país da América Latina depois da II Guerra Mundial.

A crise económica chilena não pode ser compreendida sem ter em conta os múltiplos fenómenos negativos da regressão fascista que tem por objectivo destruir as transformações revolucionárias e conquistas democráticas alcançadas durante o Governo de Unidade Popular e reconstruir uma estrutura de capitalismo monopolista de Estado dependente.

Para agravar a situação contribuiu a crise cíclica que, em 1974, assolou os países capitalistas desenvolvidos. O fascismo, de acordo com a sua própria essência, acentuou ao extremo as relações de dependência. A sua política inspira-se nos interesses do capital transnacional a que condiciona a sua gestão. Gera, assim, um esquema económico marcadamente antinacional, que necessariamente se acentua com a crise geral capitalista.

Pela sua própria estrutura, a economia chilena é particularmente sensível ao que acontece nos mercados internacionais. A diminuição da actividade económica dos países capitalistas mais desenvolvidos afectou seriamente os níveis internacionais de consumo de cobre, acumulando-se elevado «stock» deste minério o que, por sua vez, levou à queda dos preços.

O regime de Pinochet nada fez, na prática, para abrandar esta situação e os seus esforços não se dirigiram para a discussão do problema com os outros exportadores de cobre. Tentou, pelo contrário,

deslocar as posições dos outros competidores aproveitando os menores custos de exploração no Chile.

O ferro, outro dos principais produtos de exportação chilena, sofre igualmente as consequências da crise siderúrgica capitalista que atingiu o Japão, o principal comprador do produto. Em 1977 a produção de minério, do ferro, diminuiu 22,8 por cento em relação ao ano precedente.

A amplitude das repercussões, no país, da crise capitalista nos anos 1974-1975 foi agravada pela dimensão da política desnacionalizadora do fascismo. Esta política



Nova vítima dos agentes secretos de Pinochet: André van Lanker, antigo conselheiro económico do presidente Allende. Foi atirado da janela do sexto andar do seu escritório de Bruxelles.

manifesta-se, por um lado, pela entrega a consórcios transnacionais das riquezas nacionais básicas — principalmente cobre, petróleo e lítio — bem como de empresas nacionais dos sectores petroquímico, borracha e cimentos.

Por outro lado, são também significativas as facilidades dadas aos produtos importados no mercado interno. Isso reduz ainda mais as possibilidades das empresas nacionais de escoarem a sua produção.

A Junta de Pinochet desenvolve uma política de total abertura aos capitais estrangeiros, reservando ao Chile a produção das mercadorias que, de acordo com o seu esquema, apresentariam «vantagens comparativas».

Toma-se evidente que, perante a enorme concentração de capital e da produção do mundo capitalista, as «vantagens comparativas» abrangerão, no Chile, um número pequeno de sectores, ligados à produção de matérias-primas, sobretudo minérios.

Entretanto, a dependência fortalece-se e adquire novas expressões. O controlo do mercado interno não exige das empresas multinacionais, contrariamente ao que acontecia antes, a necessidade de penetração pelos investimentos directos.

O referido controlo pode ser feito do exterior por via comercial, o que evita os riscos inerentes à instabilidade do regime. Em 1977, os investimentos estrangeiros no Chile não ultrapassaram os 14 milhões de dólares e se a situação se alterou em 1978 foi devido à entrega das minas de cobre «La Disputada de los Condes» à Exxon, em condi-

ções altamente desfavoráveis para o país.

A afluência de capitais estrangeiros ao Chile, que tem sido vultuosa, surge de preferência sob a forma de empréstimos com garantias adicionais de reembolso e elevadas taxas. Estes recursos são usados pela Junta fascista para cobrir a sua avultada dívida externa que, segundo dados oficiais, atingiu em 1978 mais de 6.400 milhões de dólares e para fazer face ao grande défice da balança de pagamentos.

A política económica do fascismo é um dos grandes responsáveis pela crise profunda em que mergulharam a indústria e as actividades produtivas no Chile. A manter-se o regime ditatorial, a tendência da evolução permite prever a continuidade da contracção a nível dos investimentos e, como consequência, da degradação das condições materiais e sociais do povo chileno.

A CIA em Santiago

A agência americana UPI noticiou que o departamento de Estado norte-americano desconhecia totalmente que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Chile fosse agente da CIA.

A acusação contra Cubillos, escreveu o jornal americano «Los Angeles Times», foi feita no decorrer da investigação do caso de Robert Bereliets, funcionário da ITT, acusado de «crime de calúnia e conspiração com o fim de impedir a aplicação da justiça». É, em particular, acusado de prestar informações falsas a uma das comissões do Senado encarregadas da investigação das actividades da ITT e da CIA com o fim de impedir o presidente eleito Salvador Allende de assumir o seu cargo no Chile em 1970, e mais tarde de contribuir para a queda do seu governo.

O jornal «Los Angeles Times» assinala que as ligações entre o actual ministro dos Negócios Estrangeiros do Chile e a CIA foram descobertas após o advogado de Bereliets, Patrick M. Wall ter informado numa das sessões à porta fechada da comissão, que, ao procurar nos arquivos documentos que pudessem facilitar a defesa do seu cliente, deparou com dados que esclarecem o papel secreto de Cubillos na actividade subversiva da CIA e da ITT contra o governo da Unidade Popular.

Quem é afinal Ernan Cubillos, o actual chefe da diplomacia chilena? Em 1963 ele começou a trabalhar no jornal «Mercurio». Esse jornal, o mais importante órgão da oposição no tempo de Salvador Allende, foi o primeiro instrumento da campanha política inspirada pela CIA no Chile e aprovada pelo «Comité 40», uma organização que representa os principais órgãos da espionagem americana e determinados círculos do poder executivo.

Um dos relatórios do Comité do Senado encarregado da investigação das actividades da CIA contra o Chile, diz, nomeadamente: «O maior, e o mais significativo contributo foi o dinheiro entregue ao «Mercurio», o mais influente jornal de Santiago». De acordo com o relatório, o «Comité 40» aprovou a 9 de Setembro de 1971 a decisão de dar 700 mil dólares ao jornal «Mercurio», e no dia 11 de Abril de 1972, mais 965 mil dólares. Num



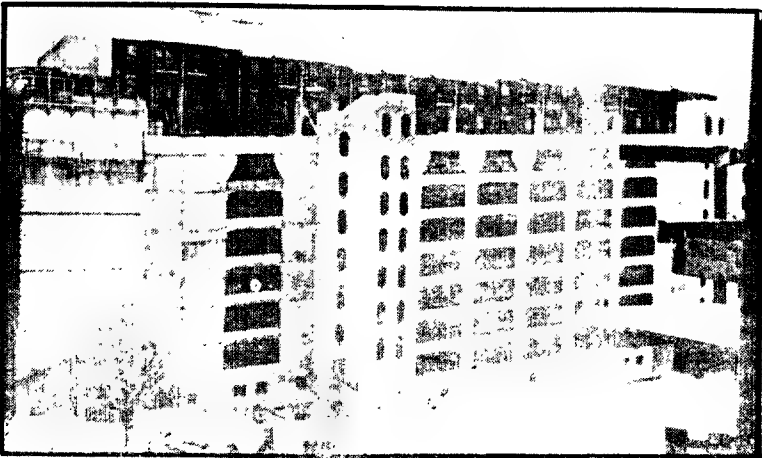
como este, que a foto Keystone nos mostra.



Decorre neste momento na República Federal Alemã uma experiência feita em colaboração com a polícia de viação e trânsito e uma empresa automobilística, que se destina a educar as crianças no respeito pelas regras de trânsito. Brinquedos educativos, seminários para pais e filhos, «peças» teatrais sobre o trânsito constituem parte do programa. Há muito que em diversas cidades da RFA se criaram escolas de trânsito ambulantes, com vista a evitar os acidentes de viação.



Uma cena inconcebível ainda há bem pouco na China: dois cantores (Zhong Quan e Li Guangxi) interpretando uma ária da «Traviata» de Verdi na Ópera de Pequim. Sob o domínio do «Bando dos Quatro» a música ocidental estava banida na China. (Foto Keystone)



Há quem viva sob os telhados. Outros (como estes) habitam um telhado. Estas pequenas casas de dois pisos foram construídas sobre o terraço de uma garagem da cidade alemã de Karls Ruhe. Uma vantagem para os habitantes: não lhes falta lugar para estacionarem os carros. (Foto Keystone)

A REVOLUÇÃO DO IRÃO



Uma «interessante» amadora de artilharia maneja um canhão numa posição de rua ocupada por civis armados que atacavam uma base da polícia militar situada na zona Este de Teerão.



O fim da batalha: numa mesquita de material restituído. Alguns retratos de civis enfrentaram durante meses a Khomeiny.

UM TERRAMOTO POLÍTICO COM REPERCUSSÃO MUNDIAL

■ Saad Madani
□ INTER PRESS SERVICE

Teerão — A clamorosa revolução que acaba de colocar o Irão no caminho de converter-se numa República Islâmica, constitui um terramoto político e económico internacional, cujo alcance real é ainda difícil de precisar. Poucas vezes na história se têm produzido acontecimentos que tenham saído, em semelhante medida, a correlação mundial de forças, tanto na ordem política, como na económica e militar.

Parece claro que a primeira consequência será a de quebrar o equilíbrio de forças no Médio Oriente em termos decididamente desfavoráveis para os países capitalistas desenvolvidos, e, em particular, para os Estados Unidos.

E o prejuízo que representa a revolução iraniana para Washington, tem, por outro lado, efeitos especialmente corrosivos para a Administração Carter, cuja controvercia política, o pior dos fracassos conjuntos, o pior dos fracassos.

A esta sacudidela política soma-se a de carácter militar. A antecipação da entrada iraniana no movimento não-alinhado, há de ser o abandono definitivo da Organização do Tratado Central (Cento), a aliança patrocinada pelos Estados Unidos como complemento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) junto ao flanco sul-occidental da União Soviética.

Integrada pela Grã-Bretanha, Irão, Turquia e Paquistão com a «assistência» dos Estados Unidos, a Cento é uma aliança militar cuja peça central, e vértebra do conjunto, era precisamente o Irão, cujo repentino isolamento desarticula todo o quadro.

Os observadores creem que Washington tratará agora de estruturar um aparato militar de alternativa na região, possivelmente acu-

mulando pressões sobre o Egipto e a Arábia Saudita, para que passem a ocupar o vazio.

Contudo, resta verificar se a influência dos Estados Unidos poderá resistir ao enorme peso da revolução iraniana e ao que seguramente exercerá sobre a vida interna desses países. E ainda na hipótese de que Washington consiga uma aliança militar, óbvias razões geográficas diminuirão grande parte da eficácia que tinha, até agora, a do controlo imediato sobre a URSS.

Sob o regime do xá Reza Pahlavi, reduzido agora a pó, o Irão era

uma fortaleza militar e um baluarte económico dos Estados Unidos na área do golfo Árábico. Com uma «praga» de assessores norte-americanos e provido de um dos exércitos mais poderosos e mais bem equipados do mundo, funcionava como uma base de controlo estado-unidense sobre todo o levante e, ao mesmo tempo, como um posto avançado militar contra a União Soviética.

Se as tendências inscritas no tumulto se traduzirem em factos, a revolução iraniana terá posto fim a este papel do Irão como peça-chave

de Washington no tabuleiro mundial, transferindo todo esse fabuloso poderio para o movimento não-alinhado e convertendo em decisivo aliado do mundo árabe um Estado que foi, até agora, o maior aliado de Israel na região. Esta grande injeção de força na rede de alianças do mundo árabe, veio confluir também com o processo de unificação sírio-iraquiano, outro acontecimento de primeira grandeza na região. Ambos os factos sobre a solidez e coesão da frente anti-israelita no Médio Oriente.

Na ordem económica, os efeitos

previsíveis da revolução são igualmente espectaculares. O Irão é a segunda potência exportadora no mundo, depois da Arábia Saudita, e a política que seguirá neste campo, segundo declarações do «ayatollah» Khomeiny diferirá substancialmente da política aplicada sob o regime do xá.

A República Islâmica firmarse-á, neste âmbito, numa linha nacionalista e conservadora, que se traduzirá numa produção mais contida para preservar reservas e numa reorientação da política exportadora.

A este respeito a primeira novi-



Civis armados ocupam locais estratégicos nos telhados dos edifícios próximos da base aérea de Teerão onde se iniciaram os conflitos que levaram ao derrube de Bahktiar.



O primeiro-ministro, Mehdi Bazargan, reunido num grupo em Teerão, dirigiu-se aos adeptos do regime islâmico.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE PUEBLA

A IGREJA E A POBREZA
NA AMÉRICA LATINA

■ Carlos Fazio

□ IPS

PUEBLA — O documento final da Terceira Conferência Geral do Episcopado defende que a pobreza em que vive a América Latina não é uma etapa transitória, mas sim o produto de situações e estruturas económicas, sociais e políticas injustas.

Em face desta realidade, os bispos latino-americanos apresentam como exigência «alterações profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo no sentido de uma verdadeira justiça social».

Ao aprofundar a análise da situação latino-americana, o documento final, produto de 17 dias de trabalho, qualifica como um «escândalo e uma contradição» para com todo o cristão, a crescente separação entre ricos e pobres no continente e considera como «o mais desolador e humilhante flagelo» a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos manifestada, por exemplo, em salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, mortalidade infantil, falta de habitações adequadas, problemas de saúde, instabilidade laboral.

O texto diz que a essa situação juntam-se as angústias que surgiram devido «a abusos do poder característicos dos regimes de força, a repressão sistemática ou selectiva, acompanhada de denúncia, violação da vida privada, desmedidos mandatos compulsórios, torturas, exílios, angústias de muitas famílias pelo desaparecimento de entes queridos, dos quais não podem ter quaisquer notícias. Insegurança total devido a detenções sem mandato judicial. Angústias em face de uma justiça enfeudada ou coartada.

«Tal como declaram os Sumos-Pontífices — dizem os bispos — a Igreja, deve fazer ouvir a sua voz por um verdadeiro compromisso evangélico, denunciando e condenando estas situações, especialmente quando os governantes ou responsáveis se consideram cristãos».

Os bispos mencionam também como motivo de «angústias», o terrorismo e os sequestros realizados por «extremismos de siglas diversas».

O documento final assinala que na última década alguns episcopados e numerosos sectores de laicos, religiosos, religiosas e sacerdotes têm vindo a tornar mais profundo o realista e compromisso com os pobres.

«Este testemunho incipiente mas concreto — diz o documento — levou a Igreja latino-americana a denunciar as profundas injustiças criadas pelos mecanísmos opressores».

Esta «denúncia profética» da igreja e seus compromissos concretos com os pobres trouxeram-lhe em diversos casos como consequência, «perseguições e vexames» de índole diversa.

Isso tem mesmo provocado «tensões e conflitos» dentro e fora da Igreja, que se tem frequentemente acusado «de estar com os

pobres socioeconómicos ou políticos, ou num perigoso desvio ideológico marxista».

No entanto, os bispos confessam que «nem todos os responsáveis da Igreja na América Latina se têm identificado plenamente com os pobres» e que «nem sempre apresentam a imagem de uma igreja evangélicamente pobre».

Reconhecem também que «continuam a existir na Igreja estruturas e atitudes que tornam esta pobreza difícil» o que exige uma «autêntica conversão de todos os sectores da instituição eclesial no sentido de uma identificação mais plena com Cristo pobre e os pobres».

Ao abordar o tema da dignidade humana no continente, os bispos manifestam que a igreja «tem o direito e o dever» de anunciar a todos os povos a visão cristã da pessoa humana, pois ensina que «qualquer atropelo à dignidade humana é simultaneamente um atropelo à imagem de Deus».

Proclamam, portanto, que a evangelização no presente e no futuro da América Latina exige da igreja uma palavra clara sobre a dignidade humana.

coloca-se ao serviço «do imperialismo internacional do capital» ao qual se associam muitos governos que «esquecem as suas obrigações em relação ao bem comum».

Sobre o marxismo, que consideram em luta permanente contra as injustas consequências do capitalismo, dizem que substitui a visão individualista do homem por uma visão colectivista e põe a existência humana ao serviço do desenvolvimento das forças materiais da produção.

Acrescenta que «materialista e ateú, o humanismo marxista reduz o ser humano em última instância às estruturas exteriores».

O documento criticou também a doutrina da «segurança nacional» em nome da qual «se institucionaliza a insegurança dos indivíduos».

Sobre esse ponto frisa:

«Menos conhecida, mas actuante na organização de diversos governos» a visão que poderíamos chamar estatista do homem tem como base a teoria da segurança nacional. Põe o indivíduo ao serviço ilimitado da suposta guerra total contra os conflitos culturais, sociais, políticos e económicos, e



Face à clara situação de violação permanente dos direitos do homem, na «Proclamação Fundamental» do documento, frisam:

«Condenamos todo o menosprezo, redução ou violação das pessoas e dos seus direitos inalienáveis, todo o atentado contra a vida humana, incluindo a que ainda não nasceu, a que se tornou inútil ou a que está chegando ao fim do seu percurso temporal, toda a violação ou degradação da convivência entre os indivíduos, os grupos sociais e as nações».

«Reconhecer a dignidade e os direitos dos pobres e construir uma sociedade onde este reconhecimento se torne efectivo, dizem os bispos, constitui um enorme desafio para todos os que têm poder e para os governos dos nossos povos».

O documento contém uma crítica ao liberalismo económico (capitalismo) «de praxis materialista» que apresenta «uma visão individualista do homem» e onde «a dignidade da pessoa consiste na eficácia económica na liberdade individual».

O capitalismo — diz o documento — fechado sobre si mesmo ignora as exigências da justiça social e

por seu intermédio, contra a ameaça do comunismo».

«Face a este perigo (o comunismo) concreto ou possível limita-se, como em toda a situação de emergência as liberdades individuais e a vontade do Estado crê-se identificada com a vontade da nação, o desenvolvimento económico e o potencial bélico sobrepõe-se às necessidades das massas desprezadas».

«A segurança nacional apresentou-se, diz o documento, como algo de absoluto sobre as pessoas e em seu nome institucionaliza-se a insegurança dos indivíduos».

Ao descrever o contexto social e cultural da realidade latino-americana o documento assinala que a situação de extrema pobreza generalizada «adquire na vida real expressão muito concreta».

Os indígenas do continente vivem marginalizados e em situações desumanas podendo ser considerados «os pobres entre os pobres». Os trabalhadores rurais estão abandonados, necessitam de terra e vivem numa situação de dependência interna e externa,



de Teerão, que serviu de depósito às armas utilizadas pelos civis, acumula-se o do «ayatollah» estão dispersos na mesquita: antes de usarem as espingardas, os as balas, armados apenas do «poster» mais conhecido do Irão o retrato de

CO
NDIAL

dade, é a decisão de cortar as vendas de petróleo à África do Sul e a Israel, dois países cuja vida económica estava estreitamente condicionada à presença do Irão como grande fonte abastecedora de hidrocarbonetos. Entre os resultados desta política do petróleo figurará um fortalecimento da «linha dura» no seio da organização de países exportadores de petróleo (OPEP) e uma redução da oferta mundial, sobre os preços.

Uma vez mais serão os Estados Unidos um dos países mais afectados por esta política. Em parte pela



tesco comício na Universidade de

retracção de uma das suas principais fontes de abastecimento de compromissos já contraídos com Israel deverá desviar de suas próprias disponibilidades petrolíferas a quota necessária para garantir o abastecimento do Estado judaico pela interrupção das provisões iranianas para esse país.

Não está clara, todavia, a política que seguirá a República Islâmica no que respeita aos investimentos gigantescos estrangeiros feitos no país sob o regime do xá, mas, pelo menos sabe-se já, que, no campo militar, as ordens de compra canceladas somam milhares de milhões de dólares.

Os próprios Estados Unidos, através da missão recentemente cumprida no Irão, pelo genral Huyser, tomaram a iniciativa de anular acordos de venda no valor de 7.000 milhões de dólares em material bélico sofisticado para evitar que tal material viesse a cair nas mãos do «inimigo».

Os acordos anulados dizem respeito à venda de 160 aviões F 16 num total de 3,5 milhões de dólares, «radares volantes», no valor de 1,3 mil milhões de dólares, dois caça-torpedeiros «Spruance» que somavam 1,4 mil milhões de dólares e 400 mísseis «Phoenix» que totalizavam mil milhões de dólares. É possível que também se desfazam os acordos subscritos com a Grã-Bretanha para o aprovisionamento de carros armados «Chieftain», mísseis «Rapier» e um plano de manutenção no valor global de 3 mil milhões de dólares. Outros acordos que se tornaram problemáticos são os da Alemanha Federal para o abastecimento de submarinos «209» e com a Itália para o fortalecimento de fragatas de tipo «Lupo», actualmente em construção na península.

O formidável aparato bélico iraniano era, até agora, no âmbito das nações em desenvolvimento, o que com maior voracidade absorvia equipamentos militares importados. E a súbita clausura deste mercado refluirá sobre os países abastecedores em termos de recessão e desemprego.

A este respeito, estima-se que só no Reino Unido, a anulação deste tipo de acordos com o Irão, representa uma ameaça de desemprego para uns 30.000 operários. ●



A Igreja e a pobreza na América Latina

5

submetidos a sistemas de comercialização que os exploram.

Os operários são frequentemente mal retribuídos e têm dificuldades em organizar-se e defender os seus direitos. Também nos centros urbanos existem os marginalizados que sofrem o duplo impacto da carência de bens materiais e da ostentação da riqueza de outros sectores sociais.

Os desempregados «despedidos pelas duras exigências dos padrões de desenvolvimento» vêm a segurança social dos trabalhadores e das suas famílias submetidas a frios cálculos económicos.

O documento menciona ainda os jovens, considerando-os «desorientados por não encontrar o seu devido lugar na sociedade» e

«frustrados» em especial nas zonas rurais e urbanas marginais.

Considera as crianças como «os mais afectados pela pobreza mesmo antes de nascer, por se lhes coartarem as possibilidades de se realizarem em virtude de deficiências mentais e físicas irreparáveis que os marcarão toda a vida».

Os bispos concluem que a falta de respeito pela dignidade humana manifesta-se também em muitos dos nossos países pela ausência de participação social a níveis diversos. Referem-se em especial à sindicalização.

Esse respeito dizem que em muitos lugares do continente a legislação do trabalho é arbitrariamente aplicada ou não é tomada em conta. Especialmente em países em que existem regimes de força as organizações de operários, trabalhadores rurais e secto-

res populares são vistas com maus olhos e são mesmo tomadas medidas repressivas para as impedir.

Este tipo de controlo e limitações não acontece com as «associações patronais» que podem exercer todo o seu poder «para assegurar os seus interesses», assinalam os bispos.

O documento consta de cinco grupos: uma parte introdutória, uma visão pastoral da realidade latino-americana, designio de Deus sobre a realidade latino-americana, evangelização na Igreja da América Latina e um último texto sobre a Igreja missionária ao serviço da evangelização na América Latina.

Como síntese de todo o documento, os bispos apresentam as opções pastorais face aos grandes desafios que o continente latino-americano apresenta para a evangelização actual e futura. ●



JUAN MANUEL FRANCIA

IPS

PUEBLA — «O Marxismo, como movimento político, cultural e social, tem tal força que não pode ser ignorado», afirmou Monsenhor Ovidio Perez Morales, bispo auxiliar de Caracas, Venezuela, no decurso de uma entrevista com a Inter Press Service.

O prelado, que faz parte da comissão de trabalho para o diálogo com os não católicos e não crentes da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, reunida aqui desde o dia 29 de Janeiro, acrescentou: «Há muitas coisas da teoria prática do Marxismo que devem ser aprendidas pelos crentes, embora — sublinhou — também haja reservas a fazer, que se impõem em virtude de se saber qual é a experiência dos regimes marxistas.»

Depois de assinalar que «as diversas tendências que actualmente existem na corrente marxista revelam que nem sequer o Marxismo está imune à dialéctica da História», o bispo venezuelano

Cristianismo e marxismo

declarou: «A Igreja deve aproveitar a sua larga história de coexistência com diversas culturas, ideologias e sistemas, para enfrentar com mais realismo e serenidade o fomento cultural do Marxismo.»

A necessária diferenciação e indicação de incompatibilidades «não deve impedir o aproveitamento de muitos elementos de análise que há no Marxismo, para colaborar num plano concreto.»

Lamentou que «tenha havido confrontos de parte a parte» e disse que «se deveria caminhar para períodos de mais serenidade e objectiva consideração mútua.»

«Se tem havido repulsa em bloco por parte da Igreja — sublinhou — também a houve proveniente dos regimes marxistas.»

O bispo Perez Morales acha que se devem «integrar elementos da revolução liberal democrática, com elementos surgidos dos regimes socialistas e com os valores de qualidade de vida e de abertura transcendente, característicos do cristianismo.»

Considera, também, que a oposição ao Marxismo por parte do Cristianismo deve estar ligada à questão da «igualdade social ou da comunidade de bens», que estão no evangelho, assim como outras, tais como a visão mais integral do homem e do seu destino.»

O prelado venezuelano, que os meios de comunicação acreditados em Puebla não consideravam como um dos destacados membros da tendência progressista, disse à IPS que os cristãos devem «autocriticar-se, pois certos con-

teúdos do evangelho não foram sublinhados por nós na altura oportuna e com a decisão adequada.»

Acrescentou ainda: «os regimes socialistas, para serem verdadeiros regimes de liberdade, terão que aceitar exigências muito legítimas que lhes são apresentadas pelo sector cristão, dado que o moinho da história, metaforizou, mói muitas coisas e a possibilidade de moer sínteses não terminou.»

A respeito da situação venezuelana, afirmou que, «desde o derube da ditadura (de Marcos Perez Jimenez), em 1958, todos os sectores podem manifestar a sua opinião e acentuou a convivência, excepcional no contexto latino-americano, onde têm proliferado os regimes ditatoriais.»

Considera que a Igreja venezuelana «promoveu» contactos oficiais com representantes do Governo — no próximo mês o Partido de Acção Democrática, social-democrata, entregará o poder ao social-cristianismo, vencedor das eleições de Dezembro último — a partir dos quais, assinalou, se conseguiram avanços em matéria de educação.

Tal como já havia feito numa entrevista anterior, frisou que embora as receitas provenientes do petróleo tenham possibilitado a realização de obras e planos de desenvolvimento, aumentaram «o consumo supérfluo, a inflação e a importação de artigos de luxo, assim como a corrupção administrativa e a distribuição desigual, em benefício de certos círculos económicos.» ●

O satélite checo funciona bem

MICHAEL ROLLO

Agência «ORBIS»

As forças em conjunto de uma série de centros científicos de trabalho dos países socialistas, dentro da organização «Intercosmos», oferecem grandes possibilidades, verificadas nas experiências, aumentando o potencial científico de toda a organização e dos seus membros. Este facto foi também comprovado concretamente pelos primeiros voos conjuntos dos cosmonautas dos países socialistas, destinados exclusivamente à pesquisa e utilização pacífica do espaço cósmico. «Todos tentamos encontrar pequenas pedras para o mosaico do conhecimento científico global, de tal modo que o mesmo sirva a todos em conjunto. Por isso, todos nos esforçamos nos nossos sectores de trabalho, quer se trate da pesquisa da magnetosfera e da ionosfera, ou qualquer outra pesquisa científica, como o estudo do Sol e da sua acção sobre a terra, inclusive das suas influências no clima, ou pesquisa na esfera da biologia cósmica e medicina, nos meios de comunicação ou na tecnologia dos preparativos de novo material, em condições cósmicas. Uma parte deste grande esforço científico é também constituído pela experiência actualmente realizada no satélite Magion».

Estas foram as palavras do eng. Pavel Triska, chefe do departamento ionosférico do Instituto Geofísico da Academia de Ciências Checoslovaca, um dos «pais» do primeiro satélite checoslovaco — proferidas logo após o satélite «Magion» começar a sua actividade no cosmos.

O primeiro satélite artificial checoslovaco da terra foi lançado a uma órbita artificial da terra a 14 de Novembro de 1978, às 18 horas e 45 minutos, hora da Europa Central. Naquele dia, segundo o impulso dado pela Terra, separou-se do satélite geofísico, «Intercosmos» 18, lançado do território da União Soviética a 24 de Outubro de 1978.

O satélite checoslovaco recebeu o nome de «Magion», sendo a experiência destinada à pesquisa da magnetosfera e ionosfera. A base desta experiência cria o distanciamento dos dois corpos cósmicos artificiais pela sua órbita. O primeiro corpo é o satélite mãe, «Intercosmos» 18 e o segundo corpo cósmico é «Magion» que, como satélite, foi lançado por uma espiral

especial do satélite mãe, para a própria órbita da Terra. Ao se distanciarem, ambos os satélites transmitem determinados sinais radiofónicos cujo carácter se altera com a actuação da magnetosfera e da ionosfera. E precisamente a avaliação destes sinais (respectivamente das suas alterações) possibilita adquirir novos conhecimentos sobre a estrutura espacial e temporal dos campos de baixa frequência e electromagnéticos na ionosfera e magnetosfera da Terra.

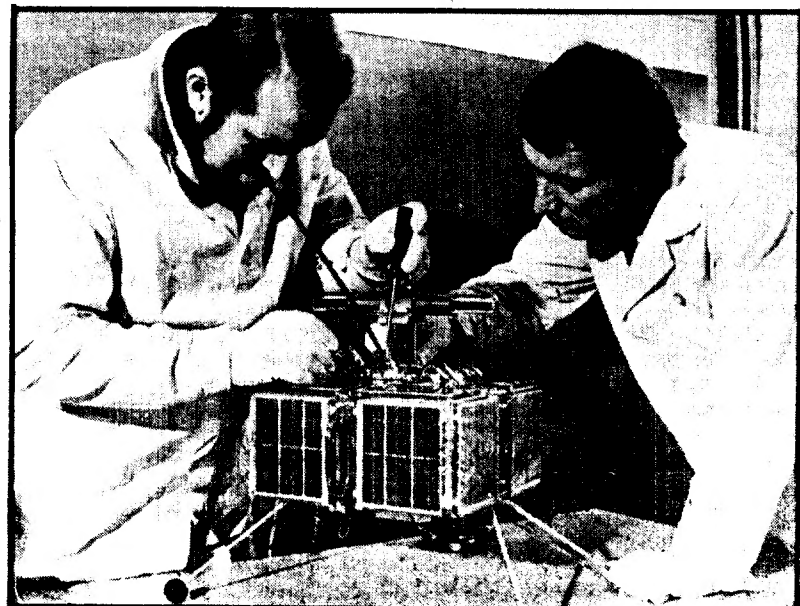
As pesquisas realizadas pelos satélites «Intercosmos» 18 e «Magion» foram projectadas pelos especialistas checoslovacos e soviéticos. Os peritos soviéticos participaram também no desenvolvimento de alguns sistemas e instalações do primeiro satélite checoslovaco. A experiência cria uma parte da pesquisa internacional da magnetosfera e representa uma concreta contribuição dos países socialistas para o projecto intitulado «As pesquisas magnetosféricas internacionais».

Em meados de Dezembro, no período em que o satélite checoslovaco entrou no segundo mês de actividade no cosmos, foi realizada em Moscovo a segunda consulta dos peritos sobre a actual actividade dos dois satélites e sobre a futura utilização dos mesmos. Antes da sua partida, o eng. Pavel Triska, concedeu uma entrevista à imprensa checoslovaca:

«As primeiras duas semanas, até 27 de Novembro, antes de «Magion» se separar do «Intercosmos» 18, à distância de cerca de 1.200 quilómetros, receberam quatro ou cinco vezes por dia as medições transmitidas pelos dois satélites. Agora ligamo-nos duas vezes por dia, e isso sempre nos momentos em que estão iluminados pelo Sol, pois deste modo recebemos as informações sobre a ionosfera e magnetosfera influenciadas pela radiação solar. Além disso «Intercosmos» 18 realiza toda uma série de outras medições comuns.»

«Actualmente estão afastados cerca de 1.600 quilómetros. Dentro de um mês, aproximadamente, «Magion» distanciar-se-á do «Intercosmos» 18 quase três mil quilómetros, e já não será possível receber, dos dois satélites, os sinais simultâneos. Depois, os sinais continuar nas actuais medições, porém sob pontos de vista diferentes.»

«Isso não posso responder com exactidão. Esse nosso pequeno satélite funciona tão bem que nos parece um milagre. Parece que irá funcionar muito tempo.» ●



ARGÉLIA E CUBA Amizade e colaboração



Fidel Castro visitou a Argélia pela primeira vez em Maio de 1972 e participou numa manifestação popular na cidade de Oran.

■ Manuel Somoza

□ Prensa Latina

ARGEL — Quase a terminar a luta de libertação nacional argelina, que deixou mais de um milhão e meio de mártires, a imprensa nacional informou que «o primeiro gesto de Fidel Castro após assumir o Poder em Cuba foi enviar um barco de armas tirado ao exército de Batista».

Dias após essa revelação, enquanto Cuba se aproximava da «Crise de Outubro» e Argélia entrava no seu primeiro ano de independência, chegaram ao país os primeiros médicos internacionalistas cubanos.

Seguiram-se algumas unidades de combatentes, como informou Fidel no encerramento do Primeiro Congresso do Partido e dessa forma ambas as revoluções continuaram a fundir-se numa aliança que transcende a distância geográfica e que hoje faz que um ministro, um soldado ou um trabalhador sejam unânimes ao declarar que «O XX aniversário da Revolução Cubana é também uma vitória nossa».

Combatente ontem ministro hoje

«O XX aniversário é um grande facto histórico por trar-se da efeméride de uma revolução exemplar em mais de um aspecto», disse-nos Djamel Houhou, ministro da Juventude e Desporto.

Durante duas décadas Cuba foi «um exemplo vivo da edificação de uma sociedade socialista sobretudo preocupada com a justiça social e o progresso das massas trabalhadoras», acrescenta este homem que figurou entre os mais jovens combatentes da luta anti-francesa.

«Porém Cuba é além disso uma demonstração de resistência à agressão imperialista na luta para assegurar a paz, a independência, a liberdade e o progresso em todos os cantos do mundo».

Ligado ao sector juvenil desde a época da guerra, preciso e sóbrio no falar, Houhou relaciona também o acontecimento cubano com a luta que liberta dia-a-dia o povo argelino.

«A nossa luta anti-imperialista e anticolonialista, por meio da libertação total dos territórios ainda dominados junta-se aos esforços do povo cubano contra as forças retrógradas que tentam desestabilizar todos os governos progressistas».

«Na Argélia trabalha-se pelo desenvolvimento socioeconómico que, tal como acontece em Cuba,

se integra na vontade de edificar uma sociedade socialista baseada na democracia e na justiça».

«Essa mesma luta e esses mesmos ideais têm desenvolvido uma unidade indestrutível entre os nossos dois povos.»

Numa rápida vista de olhos pelo passado, Houhou declara que teve o «privilegio de visitar Cuba no seu primeiro ano de independência, quando Argélia ainda continuava na sua guerra contra o colonialismo francês».

A esse grupo de revolucionários argelinos, que chegaram à ilha sem serem apanhados pela polícia francesa, seguiram-se outros, estando incluídos alguns dos combatentes que curaram as suas feridas de guerra.

«O que mais me impressionou nessa viagem foi constatar o prestígio da nossa luta e a total solidariedade de Cuba com o nosso povo», prosseguiu Houhou.

«Não esqueço igualmente a forte impressão que me causou aquele pequeno país que defende a sua liberdade e constrói uma sociedade justa, sem analfabetos e sem exploração do homem pelo homem.»

«Por isso, agora, por ocasião desse grande facto histórico quero oferecer ao povo irmão de Cuba, à sua maravilhosa juventude, aos seus dirigentes e ao seu líder máximo, Fidel Castro, as mais sinceras felicitações da juventude argelina e do nosso povo, conclui Houhou.

Fidel visita Argélia

«Quando Fidel visitou Argélia em Maio de 1972 nós demonstrámos-lhe que ele não era só um chefe de Estado», foram unânimes em declarar Dahlab Said, de 31 anos, operário e Hammed, um idoso oficial da Segurança Argelina.

Para nós, disse Said, Fidel Castro encarna a revolução que «descalçou os seus sapatos e nos deu o seu açúcar quando acabámos de vencer mais um século de colonialismo francês».

«Nunca o esqueceremos e daí a razão por que lhe fizemos a recepção popular mais grandiosa que me recordo de ter sido feita a um chefe de Estado estrangeiro, «que mais que isso é a própria Revolução cubana», acrescentou o jovem.

Tive muito trabalho na primeira visita de Fidel, mas a expressão dos argelinos — em particular a alegria de Houari Boumediene e Fidel Castro — e o significado daquele facto fizeram esquecer qualquer cansaço, frisou Hammed.

Sem dúvida, a primeira das sete

visitas que Fidel efectuou à Argélia marcou a etapa mais transcendental nas relações bilaterais.

«É conhecida a sólida amizade que existia entre Fidel e Boumediene, a qual ultrapassava as meras relações entre dois chefes de Estado e de Governo», afirma num recente livro o jornalista francês Paul Balta.

Colaboração cubano-argelina

Um dia de Março de 1963 — oito meses após o triunfo da revolução argelina — Fidel anunciou em Havana a imperiosa necessidade de enviar à Argélia um grupo de médicos cubanos.

Os homens e mulheres que responderam àquele apelo foram os primeiros a materializar um dos gestos internacionalistas de Cuba em África.

Ao contingente de médicos outros se seguiram, constituindo esse tipo de colaboração o primeiro canal do intercâmbio cubano-argelino, criado após a independência nacional.

Só num mês de 1977 as consultas do serviço externo do hospital Che Guevara atingiram 2313 aumentando em 352 casos relativamente ao mesmo período do ano anterior.

Desde 1977, aliás, a colaboração entre os dois países do chamado Terceiro Mundo começou a registar um aumento substancial. Espera-se que no fim de 1978 estejam a trabalhar neste sector cerca de 50 médicos, enquanto que no campo desportivo mais de uma dezena de treinadores e professores continuam a ajudar a Argélia.

A colaboração cubana já se alargou também ao sector da construção.

Foi igualmente assinado um acordo em matéria de transportes em 1978 e no seu texto está estabelecida a breve abertura da ligação aérea Havana-Argel.

Também está integrado no campo da colaboração a permanente coordenação política dos dois países e as suas respectivas posições de vanguarda no confronto com o imperialismo, ou a vontade comum de fazer dos países não alinhados uma força activa de combate contra a reacção mundial.

«A Argélia revolucionária estará sempre ao lado de Cuba», afirmou em Agosto de 1963 Houari Boumediene, o que até agora não tem sido uma mera formulação política, mas antes a síntese de uma realidade, que ao cumprir-se o XX aniversário da Revolução cubana, confirma a sua vigência. ●

Programa cultural dos Jogos Olímpicos

O Comité Organizador da «Olimpiada - 80» e o Ministério da Cultura da URSS aprovaram a lista e o calendário das manifestações culturais que terão lugar nos XXII Jogos Olímpicos que se realizarão em Moscovo, em Julho-Agosto de 1980.

O programa, que se estende por 16 meses, começará em Julho de 1979, no momento da abertura das competições finais das Espartaquíadas dos Povos da URSS, em Moscovo, com a participação de dois mil desportistas estrangeiros, entre os quais se contam atletas portugueses.

O objectivo é mostrar aos espectadores o maior número de conjuntos artísticos estrangeiros, durante as Espartaquíadas, os festivais tradicionais «O Inverno Russo», no fim deste ano e «As Estrelas de Moscovo» em Maio de 1980. São esperados grupos e artistas célebres, como o Teatro Nacional de Tragédia Antiga Grega, a Orquestra Sinfónica de Londres, o conjunto de canto e dança polaco «Mazowsze», a Orquestra Italiana de Câmara «Virtuosos de Roma». Irão artistas convidados da Áustria, Holanda, EUA, França, Alemanha Federal e outros países.

O único problema que o visitante ou o próprio moscovita vai ter, será o da escolha. A URSS é um país com uma grande diversidade cultural, devido aos numerosos povos que aí vivem. Por outro lado, como se pretende dar um panorama cultural em todos os seus géneros, terão lugar manifestações culturais

que irão da poesia ao circo, passando pelo ballet, o teatro, a pintura, tec. Organizar-se-ão dezenas de exposições artísticas e especializadas, incluindo uma com 100 obras-primas da pintura mundial provenientes de todo o mundo.

O programa cultural aproveitará, para além de teatros e salas de concerto, os parques e praças de Moscovo.

Durante a realização dos jogos, 12 companhias de teatro dramático soviéticas, 6 companhias de teatro lírico, 5 orquestras sinfónicas, 9 corais, 15 orquestras de câmara, 19 grupos de dança, 7 orquestras populares e 40 conjuntos de variedades apresentar-se-ão aos participantes, convidados e espectadores da «Olimpiada». Entre 28 de Junho e 8 de Agosto de 1980, Moscovo assistirá a 144 espectáculos de ballet e ópera, mais de 450 espectáculos de teatro dramático, 1500 concertos e 350 espectáculos de circo.

A fim de economizar tempo aos desportistas, foi organizado um programa cultural especial para a Aldeia Olímpica. A sala de concertos da Aldeia pode receber até 1200 pessoas. Existirão também miniprogramas para os membros do COI, os convidados e árbitros e ainda para os jornalistas.

O programa agora previsto em todos os seus mínimos detalhes só será alterado como é óbvio por qualquer acontecimento imprevisto como a doença de uma primeira bailarina. ●



Grupo folclórico «Beriozka»

O Chile esmagado

3 ♦

dos memorandos da CIA em que se cita a comissão do Senado, assinala-se que o «Mercúrio» e outras edições, apoiadas pela CIA, desempenharam um papel importante na criação das condições que levaram ao derrube do governo de Salvador Allende.

Ao mesmo tempo, quando o presidente Salvador Allende ocupou o seu posto, o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernán Cubillos, chefiava o jornal e a editorial «Mercúrio». Foi exactamente nesse período que a CIA fez dois pagamentos ao jornal, num total de um milhão e 665 milhares de dólares. No decorrer da investigação do Senado, um dos proprietários do «Mercúrio», Agustín Eduardo e o seu irmão Roberto (o último é director da editora «Lord Kochra-nel») negaram ter recebido tal soma.

Um dos agentes da CIA que se

apresentou perante a Comissão do Senado, afirmou, no entanto, que entregara essa soma directamente a Ernán Cubillos, que a recebeu em nome do «Mercúrio». Onde se conclui que os irmãos Eduardo não estavam a par do caso, e quando exigiram explicações a Cubillos este respondeu que não dispunha de quaisquer informações a esse propósito.

Perante tão evidente contradição, Cubillos foi afastado do seu cargo. Mais tarde os irmãos Eduardo recusaram uma proposta de Cubillos de compra, por parte deste, de 25 por cento das acções do jornal e da editora.

Decorrido algum tempo, o actual ministro dos Negócios Estrangeiros adquiriu uma propriedade nos arredores de Vina-del-Mar por 300 mil dólares. Ocupou-se de actividades empresariais até à sua nomeação para o cargo oficial de ministro dos Negócios Estrangeiros da Junta de Pinochet. ●



Brancos e negros dos EUA

O fosso que separa os brancos dos negros norte-americanos é cada vez mais profundo. A prática diária nos grandes armazéns e centros comerciais, nos parques, hotéis e restaurantes prova que o «racismo económico» é um facto real e grave.

«Temos o direito de tomar uma refeição num café. Mas, não nos podemos permitir isso», declara Clarence Car, companheiro de Martin Luther King no Movimento pela Igualdade dos Direitos dos Negros.

«Nos últimos dez anos, foram feitos vários aditamentos e alterações aos direitos civis consagrados na lei. Mas não se tomaram quaisquer medidas de fundo que os levassem à prática», acrescentou.

O rendimento médio da família negra americana, que correspondia a cerca de 63,6 por cento do rendimento de uma família branca, em 1970, encontra-se, hoje, reduzido em mais de 12 por cento. Segundo o sociólogo americano Iere Devise, esta diferença tem tendência a acentuar-se cada vez mais.

A taxa de desemprego (o dobro da existente entre a população branca) é outra das questões que mais afecta o cidadão negro. E entre a juventude a situação é mais grave ainda. Cerca de 36,6 por cento dos jovens negros caiu no desemprego. O próprio «Wall Street Journal», órgão da alta finança norte-americana, reconheceu que esta percentagem não é real. Na verdade, o desemprego atinge mais de 50 por cento da juventude negra do país.

Tal situação explica-se, em parte, pelo baixo grau de cultura que recebe o jovem negro, escreve o «Wall Street Journal». As salas de aulas estão sobrecarregadas, os professores são maus e leccionam em más condições e nota-se a ausência de fundos para o ensino.

MOÇAMBIQUE VAI FABRICAR PNEUS

Setenta mil pneus de automóveis serão produzidos este ano pela companhia Mabor, de Moçambique, que acaba de entrar em actividade.

O Estado possui uma participação de oitenta por cento do capital de 30 milhões de dólares da empresa, a primeira do género em Moçambique e uma das mais modernas de África.

Neste momento a fábrica está a trabalhar na produção de componentes e os primeiros pneus começaram a sair em Abril. A partir de 1980 a Mabor de Moçambique aumentará a sua capacidade de produção para 112 mil pneus por ano, de diferentes tipos, para veículos ligeiros e pesados incluindo os tractores.



DOS CAMARÕES AO CANADÁ

A França desdobra-se em intensa actividade diplomática: enquanto o presidente Giscard d'Estaing foi deabalado até África, o seu primeiro-ministro, Raymond Barre, rumou ao Canadá. Na foto em cima: Giscard sorri para o seu colega dos Camarões, poucos momentos antes de empreender a viagem de regresso a França. Na outra foto: Raymond Barre, numa pose pouco feliz, em diálogo animado com o primeiro-ministro do Canadá, Pierre Elliott Trudeau. (Fotos AFP).



"NEM UM SÓ DESPEDIMENTO"

A televisão francesa anunciou que 424 funcionários irão ser despedidos, ao abrigo de um plano de «reestruturação». A notícia causou uma reacção em cadeia em todos os sectores da empresa. Os trabalhadores entraram em greve de solidariedade, sob a palavra de ordem «NEM UM SÓ DESPEDIMENTO». A foto da Keystone mostra-nos um aspecto de uma reunião de trabalhadores da TV



Visita real ao Médio Oriente

Sob um clima áspero de Inverno, a rainha Isabel II e o príncipe Filipe de Edimburgo embarcaram no aeroporto de Heathrow para uma viagem ao Médio Oriente, que os leva sucessivamente ao Kuwait, Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos e Oman. No programa estava inicialmente prevista a visita ao Irão, posteriormente cancelada, devido aos acontecimentos que se registaram neste último país. Na foto Feriaque: Isabel II e o marido a caminho do aeroporto londrino de Heathrow.

Angola, um país em marcha

A 4 de Fevereiro, comemorou-se o 18.º aniversário do início da luta armada do povo de Angola contra o jugo estrangeiro. Nesse dia, destacamentos do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) atacaram, em Luanda, os edifícios da Administração e da prisão, onde jaziam os combatentes pela liberdade. Na capital, o movimento dos patriotas foi esmagado, mas as operações militares alargaram-se à província onde a resistência aos colonizistas ganhava uma envergadura cada vez maior. Os catorze anos de dura luta saldaram-se com a vitória. «OS heróis do 4 de Fevereiro» — disse Agostinho Neto, presidente do MPLA e presidente da República — «foram a força que, no momento decisivo, levantou o povo de Angola».

Quando, a independência, em 1975, não significou que os angolanos e a sua vanguarda, o MPLA, tivessem podido desarmar e entregar-se ao trabalho pacífico. Quando os últimos soldados portugueses abandonavam a recém-nascida República angolana, Angola viu-se envolvida numa «segunda guerra pela independência», contra os agrupamentos pseudolibertadores da FNLA e da UNITA, financiados pelas potências imperialistas, contra os mercenários recrutados nos países ocidentais e contra os racistas sul-africanos. Apoiando-se na ajuda da URSS, de Cuba e das forças progressistas de todo o mundo, Angola ripostou às tentativas da reacção para estabelecer no país um regime neocolonialista.

A vitória custou caro. O sistema de transportes foi destruído, as oficinas e fábricas deixaram de funcionar, a ruína abateu-se sobre a agricultura. O retorno à antiga metrópole, após a proclamação da independência, de cerca de 600.000 portugueses, fonte de mão-de-obra qualificada, agravou ainda mais a situação.

Angola é um dos países mais ricos do continente africano, mas o petróleo, os diamantes e o café eram importados pelas sociedades imperialistas, enquanto que a fome, as doenças e a miséria eram o destino da população local. Foi preciso que cada angolano fizesse sacrifícios e esforços para reorganizar a vida social e política da Re-

pública, para pôr em marcha o mecanismo económico. Foi por isso que o 4 de Fevereiro, aniversário do início da luta armada contra os colonizistas, pela primeira vez celebrado num ambiente de paz, foi declarado, por decisão do Secretariado Político do CC do MPLA, como o início da luta da frente do trabalho.

A República começou a edificar a nova vida nas condições de boicote internacional, de ingerência militar directa nos seus assuntos. A reacção tentou impedir o reconhecimento de Angola pelos outros países e organizações internacionais, visando isolá-la da comunidade mundial.

As ameaças dos inimigos do jovem país não resultaram: Angola foi reconhecida a nível internacional como um Estado independente e progressista. Para isso contribuíram, em medida considerável, os países da comunidade socialista, que sempre apoiou o povo de Angola na sua luta pela conquista da liberdade, na defesa da independência.

O I Congresso do MPLA, que se realizou há cerca de um ano, confirmou a opção socialista de Angola e decidiu transformar o MPLA em Partido marxista-leninista. O plano trienal de desenvolvimento económico e social do país, aprovado pelo Congresso, está a cumprir-se com êxito. O MPLA-Partido do Trabalho e o povo angolano comemoram o 18.º aniversário do início da luta armada com êxitos na frente do trabalho. A obra começada pelos «heróis do 4 de Fevereiro» encontra dignos continuadores.

EXCLUSIVO

N.º 8/79

